

Mônica Costa de Oliveira Zacarias

Família e TV:
Mais que Dominação e Subordinação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais. Área de concentração: Cultura e Representações

Orientador: Professor-Doutor
Edmilson Lopes Júnior.

Natal
2005

Catálogo da Publicação na Fonte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
Biblioteca Setorial Especializada do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (BSE-CCHLA).

Zacarias, Mônica Costa de Oliveira.

Família e tv : mais que dominação e subordinação / Mônica Costa de
Oliveira. – Natal, RN, 2005.

146 f.

Orientador: Prof. Dr. Edmilson Lopes Júnior.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal
do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Ciências So-
ciais. Área de Concentração: Cultura e Representações.

1. Mídia – Televisão – Dissertação. 2. Família – Classe Média – Dis-
sertação. I. Lopes Júnior, Edmilson. II. Universidade Federal do Rio Gran-
de do Norte. III. Título.

RN/UF/BSE-CCHLA

CDU 316.774

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais. Área de concentração: Cultura e Representações

Banca Examinadora.

Professor-Doutor Edmilson Lopes Junior – Orientador)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Professora-Doutora Christine Jacquet
Universidade Estadual de Feira de Santana

Professor-Doutor Alípio de Souza Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Professor-Doutor João Emanuel Evangelista de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Dedico este trabalho aos meus pais, Sebastião e Almira, ao meu marido, Wellington, e aos meus filhos, Pedro, João Gabriel e Marília, que me ensinaram, cada um a seu modo, a compreender melhor o significado do que é a Família.

AGRADECIMENTOS

A Wellington, meu companheiro, com quem dividi as angústias e as vitórias de cada fase deste trabalho e de outras coisas importantes na minha vida;

Ao Professor-Doutor Edmilson Lopes Júnior, orientador, guia, facilitador no ofício de encaminhar a aluna às perguntas mais pertinentes, eficientes e úteis ao entendimento de como interagem e se imiscuem Família e Televisão;

Às queridas Margarida e Luanda, que, pelo fato mesmo de serem minhas irmã e sobrinha, puderam me ouvir as dúvidas mais íntimas, entendendo e apontando as contradições do meio-caminho e me sugerir soluções para os problemas teóricos e emocionais que iam surgindo;

Ao Professor-Doutor Adriano Gomes, do DECOM/UFRN, à Professora-Doutora Elisete Shwade, do DAN/UFRN, ao Professor-Doutor João Emanuel, do DCS/UFRN, ao Colega de Mestrado Ricardo Borges e à querida Professora Maria Bezerra pelas leituras e contribuições;

Às famílias e às pessoas individualmente que me abriram suas casas e seus corações, por terem se disposto a falar sobre seus sentimentos e entendimentos de Família e Televisão;

Aos meus irmãos, Cleodon, Clovis/Nivandi e Maria das Graças, e aos meus sobrinhos pelas intermináveis discussões e práticas sobre Família.

Ao Professor-Doutor Alípio de Souza Filho e aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, cujas intervenções são luzes que vão clareando o caminho dos nossos saberes-fazer.

À bibliotecária Angelike Pereira da Silva, da Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, pela adequação desta dissertação às Normas da ABNT.

Morte Súbita

(Charles Kiefer)

Pensei coisa ruim quando vi os carros, as bicicletas e as carroças no pátio da nossa casa. Eu tinha doze anos e voltava da escola, as aulas haviam sido suspensas por causa da copa do mundo. Lembrei da mãe, da doença lá dela, magra feita um caniço [...]. Me deu um nó na garganta, uma vontade muito grande de chorar. Há um ano, meu avô também falecera. Agora, eu ia sentir, de novo, o cheiro enjoativo das flores murchas e do sebo das velas. [...] Era professora primária, a minha mãe. E fazia questão de conjugar os verbos com precisão, para dar o exemplo. Nisso, nas tempestades da doença, ela também deu o exemplo. Resistiu, até a manhã daquele dia, quando me serviu o último café, sem uma reclamação, um gemido, um momento de desespero. Subi a escada da varanda, lento, zozno, com dor no peito e nas pernas. [...] Nunca mais, eu pensei, [...] aí não consegui mais segurar, chorei como se vomitasse, como se expelisse de minhas entranhas todas as lembranças, todos os afagos, todas as ternuras. Era doce, a minha mãe. [...] Ouvi, à distância, meio abafado, meio brumoso, o hino nacional. Não sei se era uma patriota fanática, mas minha mãe gostava das coisas do Brasil. [...] O hino cessou, abri a porta, atravessei a cozinha. A sala estava abarrotada, meus tios, meus primos, os parentes mais distantes, os vizinhos, todos em silêncio, todos com esse profundo silêncio dos vivos diante dos mortos. Não pedi licença, fui empurrando aqui e ali, pisando os pés de tias e primas, sem me desculpar, eu só queria vê-la, eu precisava vê-la. E, de repente, eu a vi. Linda, quieta, sentadinha, enroladinha num cobertor, a olhar fixamente para um ponto no canto da sala. Enfim, o pai comprara o televisor que ela tanto queria. Na tela, Rivelino, Pelé, Tostão, e outros craques que nunca mais esquecemos, iniciavam um caminho pontilhado de grandes vitórias.

RESUMO

O presente trabalho analisa a relação social entre a TV e a Família, a partir das ressignificações dos indivíduos sobre as mensagens televisivas e os discursos que eles próprios fazem sobre Família. A intenção é entender se princípios, valores e crenças construídos e repassados dentro da Família medeiam a mensagem dos Meios de Comunicação de Massa; se ainda existe uma cultura familiar capaz de forjar uma identidade frente a tantos intercâmbios culturais; e qual é o papel dessa identidade enquanto mediação na produção de sentidos. Nas sessões 1 e 2, procede-se a uma abordagem geral sobre a disseminação dos Meios de Comunicação de Massa na Sociedade e a pertinência do trabalho. A terceira sessão trata do método utilizado: uma pesquisa qualitativa com treze famílias oriundas de Natal/RN, situadas na faixa da Classe Média. A fundamentação teórica está contemplada na quarta sessão, onde se faz referência à evolução da Família, com ênfase na de Classe Média, e a algumas correntes teóricas que analisam o fenômeno da Comunicação de Massa, especialmente a partir da segunda metade do século XX. Nas sessões 5 e 6, são apresentados e analisados os dados da pesquisa. Finalmente, na última sessão, como conclusões, pode-se afirmar: que o valor da Família como sustentação emocional é reforçado nos discursos e práticas; que interferem no processo de significação das mensagens aspectos individuais, tanto quanto os repertórios sociais construídos de *per si* e pelas instituições (incluindo a Família); e que a mensagem midiática é assimilada pelo receptor e faz-se compreensível *dentro* dos repertórios apreendidos ao longo de sua história de vida, embora sejam também essas mensagens os componentes de construção de tais repertórios.

Palavras-Chave: Mídia – Televisão. Família – Classe Média.

ABSTRACT

This work analyses the social relationship between Television and the Family through the resignification of individuals about Television messages and the speeches that they make about Family. Firstly, the objective is to understand if the principles, values and beliefs constructed and communicated (repassed) inside the Family filter the messages from the Mass Media. Secondly, if there still exists a family culture able to forge identity against so many cultural exchanges. Thirdly, what the function of this identity in the production of senses is. In session 1 and 2, a general approach about the dissemination of Mass Media in Society and the pertinence of the work is presented. Session 3 is about the method used: a qualitative research, with thirteen families from Natal-RN, situated in the Middle Class. The theoretical base is considered in the fourth session where the reference to the evolution of the Family is made, with emphasis on the Middle Class and some theories that analyze the phenomenon of the “Mass Media”, specially in the second half of twentieth century. In session 5 and 6, the research data is presented and analyzed. Finally, in the last session, as a conclusion it can be said that the value of the Family as emotional support is reinforced by the speeches and practices that interfere in the signification process, singular aspects, as well as the social repertoire constructed per se and by institutions (including the family) moreover, mediative message is assimilated by the receiver and becomes understood inside the learned speeches during the receiver’s history of life, although these messages are also components in the construction of these repertoire.

Keywords: Mass Media – Television. Family – Middle Class.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Diferenças no Modo de Vida das Classes Médias em Relação às Camadas Superiores e Populares.....	56
QUADRO 2	Idade Cronológica dos Integrantes da Família Silva.....	89
QUADRO 3	Profissão dos Integrantes da Família Silva.....	92
QUADRO 4	Escolaridade dos Integrantes da Família Silva.....	93
QUADRO 5	Número de Filhos por Núcleo Familiar.....	94
QUADRO 6	Número de Moradores, Número de Aparelhos e sua Localização na Residência.....	95
QUADRO 7	Idade Cronológica da Família Lima.....	98
QUADRO 8	Escolaridade dos Integrantes da Família Lima.....	102
QUADRO 9	Profissão ou Local de Trabalho dos Integrantes da Família Lima.....	103
QUADRO 10	Número de Moradores, Número de Aparelhos e sua Localização na Residência.....	104
QUADRO 11	Preferências e Hábitos da Família Lima.....	106
QUADRO 12	Programas de TV que Representam Mal ou Bem a Família.....	119
QUADRO 13	Programação Vista pela Família Silva.....	123
QUADRO 14	Programação Vista e Preferida pela Família Lima.....	127

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Genograma da Família Silva.....	90
Figura 2	Faixas Etárias da Família Silva.....	91
Figura 3	Nível de Escolarização da Família Silva.....	93
Figura 4	Interação da Família Silva.....	96
Figura 5	Genograma da Família Lima.....	98
Figura 6	Faixas Etárias da Família Lima.....	99
Figura 7	Interação da Família Lima.....	100
Figura 8	Nível de Escolarização da Família Lima.....	101

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	CONTEXTUALIZAÇÃO	19
2.1	ABRINDO AS JANELAS.....	21
3	O MAPA DO CAMINHO	29
4	CONSTRUÇÃO TEÓRICA	42
4.1	COMPREENDER E EXPLICAR.....	44
4.2	TIPOS DE RELAÇÃO SOCIAL.....	46
4.3	DOMINAÇÃO E NEGOCIAÇÃO.....	49
4.4	SER UM OU SER MAIS UM?.....	52
4.5	A CULTURA COMO SEDIMENTAÇÃO IDEOLÓGICA.....	53
4.6	CLASSE MÉDIA.....	55
4.7	FAMÍLIA.....	58
4.7.1	Família Medieval.....	59
4.7.2	Novos Arranjos.....	62
4.7.3	Mulher: ocupando outros Espaços.....	63
4.7.4	Criança: Investimento no Futuro.....	66
4.8	TELEVISÃO.....	73
4.8.1	Massificação.....	74
4.8.2	Completando as Faltas.....	76
4.8.3	Teoria Crítica, Funcionalismo.....	80
4.8.4	Um Novo Olhar sobre o mesmo Objeto.....	86
5	CONHECENDO AS FAMÍLIAS	89
5.1	FAMÍLIA SILVA.....	89
5.1.1	Aspectos Socioeconômicos.....	92
5.1.2	A TV dentro da Casa.....	95

5.1.3	Relações Intra-familiares.....	92
5.2	FAMÍLIA LIMA.....	97
5.2.1	O Sentimento de Pertencimento como fator de organização familiar.....	99
5.2.2	Caracterização Socioeconômica.....	102
5.2.3	Hábitos e Preferências.....	104
6	O QUE DIZEM SUAS FALAS E PRÁTICAS.....	107
6.1	IDÉIAS DE FAMÍLIA.....	108
6.1.1	Família Silva.....	110
6.1.2	Família Lima.....	113
6.2	A LEITURA DAS REPRESENTAÇÕES DE FAMÍLIA NA TELEVISÃO..	115
6.2.1	Família Silva.....	116
6.2.2	Família Lima.....	118
6.3	COMO ELES VÊM TELEVISÃO.....	120
6.3.1	Família Silva.....	122
6.3.2	Família Lima.....	126
6.4	CONCLUSÕES PRELIMINARES.....	131
6.4.1	Família Silva.....	132
6.4.2	Família Lima.....	135
6.5	OBSERVAÇÕES GERAIS.....	135
7	ALGUMAS RESPOSTAS E NOVAS PERGUNTAS.....	140
	REFERÊNCIAS.....	143
	APÊNDICES.....	148

[...] o desenvolvimento dos meios de comunicação cria *novas* formas de ação e de interação e *novos* tipos de relacionamentos sociais. (Thompson)

1 INTRODUÇÃO

As grandes transformações geradas pela sociedade no Século XX são aceleradas, amplificadas e aprofundadas pelos meios de comunicação de massa (MCM), a partir do cinema, passando pelo rádio e chegando à televisão. Neste trabalho, abordar-se-á a história da penetração e disseminação da televisão na sociedade, utilizando-se conceitos de alguns autores, dentre os quais Wolf (2000) e Mattelart (2000). A situação brasileira será discutida a partir dos estudos de Ortiz (1999, 2000, 2001), que faz um histórico desse meio de comunicação, remontando à sua instalação no País, no ano de 1950, até à década de 1970.

Desde a sua criação, no início dos anos 1930, a televisão foi o meio que provocou as mais significativas transformações nos modos de organização social, misturando o que é público e o que é privado, participação social com assistência midiática, fragmentação com concentração, de modo a contribuir para. uma mudança profunda na relação do indivíduo com a sociedade.

A assimilação das experiências por parte dos indivíduos na sociedade contemporânea assume primordialmente a forma midiaticizada: a vida lhes chega pela televisão. Canclini (2001a) afirma que mesmo os acontecimentos próximos das pessoas lhes chegam através dos MCMs. Para Ianni (2000, p. 123), “De maneira cada vez mais livre, arbitrária ou imaginosa, o mundo que aparece na mídia tem muito de um mundo virtual, algo que existe em abstrato e por si, em si”.

De que forma esse fenômeno acontece? Quais são os mecanismos que levam à vida real e às preocupações reais das pessoas esses acontecimentos gestados e vividos dentro da “caixa mágica”? Tais inquietações alimentam a pesquisa realizada com treze famílias de Classe Média, oriundas da Cidade de Natal, Capital do Estado do Rio Grande do Norte.

Por haver certos problemas na definição de determinados termos nas Ciências Humanas, e para não utilizar conceitos tipo “guarda-chuva”, onde se poderiam abrigar todas as potencialidades da língua, estabelecer-se-ão os cortes sobre os dois termos fundamentais na elaboração do presente trabalho: classe média e comunicação de massa. Ambos podem funcionar como chaves para o entendimento de como os sujeitos atuam nas sociedades, das quais são construídos e construtores.

Referir-se à classe média, todavia, não significa o apagamento da complexidade que o termo carrega. Não há definições objetivas e o que se tem são aproximações conceituais em relação às camadas populares e às camadas superiores, a partir da medição de níveis de consumo de bens materiais e simbólicos, escolarização média e renda dos membros. Com o propósito de estabelecer objetivamente o corte empírico, procedeu-se a uma pesquisa direta junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e ao Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), embora tenha sido constatado também ali não haver esse tipo de definição.

No campo da pesquisa teórica igualmente o terreno é desértico. Na falta de publicações mais recentes, foram utilizados os trabalhos de Mills (1979) sobre a nova Classe Média Americana na primeira metade do século XX; Halbwachs (1978), sobre a Classe Média Européia; Costa (1974), sobre o Drama da Classe Média nos Países

Subdesenvolvidos; e os vários textos organizados por Albuquerque (1977), sobre as Classes Médias no Brasil.

Como resultado do confronto das teorias estudadas com a observação empírica, o termo “classe média” será utilizado apenas como categoria classificatória para definir os estratos médios, e não no sentido de representar uma classe social, como conceito operativo da concepção marxista.

Neste trabalho, portanto, defende-se que o grupo pesquisado pertence à classe média em função de que, no conjunto, os seus integrantes não podem ser considerados como pertencentes às classes populares, pois têm níveis de renda, consumo de bens materiais e simbólicos e escolarização em níveis elevados; e, ao mesmo tempo, também não podem ser considerados como pertencentes às camadas altas, notadamente pela sua condição de assalariados e dependentes dessa fonte de renda para a manutenção dos padrões socioeconômicos ostentados, bem como pela sua condição periférica em relação aos centros decisórios da sociedade, sejam estes governos, parlamentos, cúpulas eclesiásticas, cúpulas empresariais e meios de comunicação.

Entendendo a complexidade que a utilização do termo “comunicação de massa” põe a descoberto, seguir-se-á a definição defendida por Thompson (1998), como um processo estruturado de transmissão simbólica, ou seja, toda ação que se dá a partir da emissão de uma dada mensagem por um pólo (emissor) até a recepção e posterior ressignificação de tal mensagem pelo outro pólo (receptor). Para esse autor, os dois pólos constituintes da comunicação de massa (MCM e receptor) desempenham papéis

assimétricos, sem entretanto, haver uma relação de passividade ou acriticidade pelo receptor ou ausência de conflitos entre ambos.

Tendo por parâmetro, as linhas conceituais de autores como Canclini (2001a e 2001b) e Martin-Barbero (1995, 1999, 2001 e 2002) quando propõem o estudo da recepção como lugar novo para a compreensão dos processos comunicacionais, pode-se afirmar que o receptor utiliza os repertórios sociais construídos nas várias situações de interação das quais participa, inclusive a família, para dar significação ao conteúdo massivo. Dessa forma, entende-se que essa instituição se configura como uma mediação aos MCMs à medida que ela fornece ao receptor um anteparo de compreensibilidade às mensagens midiáticas. Em outras palavras, as leituras e produções de significados realizadas pelo sujeito são (também) formatadas dentro do que Martin-Barbero (2001, p. 305) denomina a “unidade básica de audiência”: a família.

A indagação central deste trabalho é entender os processos cognitivos e subjetivos pelos quais a realidade e, em especial, o entendimento de família, tornam-se consciente¹ para os atores sociais nessa relação com a televisão, ou seja, entender, a partir dos discursos das pessoas, como estas se relacionam com a televisão, qual é o lugar desse MCM nas suas vidas, na sua apreensão do mundo e de família; as suas possibilidades de interação e conflito.

O objetivo deste trabalho é: investigar a relação social entre a televisão e a família, a partir das ressignificações dos indivíduos sobre as mensagens televisivas e os

¹ O termo consciente é utilizado em oposição ao que está inconsciente, ou seja, desconhecido, não verbalizado pelo ator social.

discursos que eles próprios fazem sobre família. Tentar-se-á, para isso, responder a questões como: 1) De que forma princípios, valores e crenças construídos e repassados dentro da família medeiam a mensagem dos MCMs? 2) Qual é o lugar da identidade cultural familiar ou, dito de outra forma, ainda existe uma cultura familiar capaz de forjar uma identidade neste momento de profundos intercâmbios culturais? 3) Qual é o papel dessa identidade enquanto mediação na produção de sentidos?

Para tanto, foi estabelecido como meta o estudo das representações que os sujeitos constroem sobre família, a descrição das práticas sociais dentro e fora dessa instituição, a percepção do confronto e/ou a confirmação dos valores defendidos pelo sujeito nos seus discursos sobre as mensagens televisivas.

Também é previsto como meta um estudo interpretativo do problema, em que se procurará saber, a partir das falas dos próprios sujeitos, se o receptor é capaz de dar novas significações ao conteúdo midiático, adaptando-o às suas experiências, ou, ao contrário, obedece ao mapa traçado, intencionalmente ou não, pela televisão; como as pessoas percebem a vida e como percebem a posição das coisas e das pessoas no mundo a partir e junto com a televisão. Responder a essas questões, significa proceder a um estudo interpretativo do problema. A fundamentação, para tal, estará baseada em Geertz (2000), quando aponta a interpretação da cultura como um esforço para a aceitação das várias possibilidades humanas de entendimento da vida concomitantemente ao processo de vivê-las.

Para apreender, porém, como se dão essas leituras e produções de significados por parte do sujeito, faz-se necessário perceber que a família desempenha papel primordial

na assimilação/ressignificação das mensagens midiáticas. Com base em Berger e Luckman (1999), combinado com Featherstone (1997), entende-se que é na cultura que o homem se torna um produto social e é nela que se inscrevem as formas de reprodução da sociedade, como realidade objetiva e como produto humano. Há, portanto, uma relação dialética de entrelaçamento do sujeito com as instituições família e televisão, das quais é produto e produtor, neste caso.

Proceder-se-á também neste trabalho ao aprofundamento da discussão dos processos culturais que regulam as práticas sociais, das quais os sujeitos não são meros reprodutores, mas capazes de modificá-las, enquanto elas se estendem através das gerações que se sucedem na história humana. Entende-se que a discussão a respeito da interação entre família e televisão pode ajudar a “passar da análise das estruturas invisíveis [...] às experiências individuais, isto é, como relações de força invisíveis vão se retraduzir em conflitos pessoais, escolhas existenciais” (BOURDIEU, 1997, p. 75), ao mesmo tempo que tais escolhas e conflitos vão determinar as estruturas formadoras da sociedade.

O papel da família contemporânea como instituição primária de socialização também será discutido, abordando-se os temas relacionados à família e suas transformações, a partir dos estudos de Ariès (1981), sobre a família medieval, na sua “História Social da Criança e da Família” e do pensamento de Lévi-Strauss, Tönnies, Engels, Morgan, Malinowski e Canevacci (1982), na obra “Dialética da Família: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva”, organizada pelo último.

Para concluir, o trabalho apontará para a compreensão de que interferem no processo de significação das mensagens aspectos individuais, tais como: sexo, idade,

gênero, nível de instrução, posição dentro dos círculos sociais dos quais se participa, tanto quanto os repertórios sociais construídos de *per si* e pelas instituições. Além do mais, a leitura das representações dos indivíduos acerca das mensagens televisivas, seja pela confirmação ou pelo confronto, demonstra que a importância da família como sustentação emocional é reforçada nos discursos e/ou práticas, o que torna possível afirmar-se que a mensagem midiática é assimilada pelo receptor e faz-se compreensível *dentro* dos repertórios apreendidos ao longo de sua história de vida, embora sejam também essas mensagens os componentes de construção de tais repertórios. Por este modo, constata-se o acerto das teses de Canclini (2001a, 2001b), Martin-Barbero (2001) e Thompson (2004), quando alertam para a impossibilidade de se englobar num mesmo corte científico a massa de receptores e de se deduzir da leitura da mensagem o produto final do processo comunicacional.

Estas são, enfim, as conclusões a que o caminho percorrido permitiu chegar.

[...] mas também pela televisão passam as brechas, também ela está feita de contradições e nela se expressam demandas que tornam visíveis a não-unificação do campo e do mercado simbólico. (Martin-Barbero)

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

Seguindo o caminho aberto por Bourdieu (2000), que sugere a objetivação do cientista como premissa para a realização da ciência, é pertinente desenvolver um pouco das motivações que incidiram na discussão da relação que se dá a partir da convivência, paradoxalmente, conflituosa e amorosa entre a televisão e a família.

Rebuscando a memória, *penso em mim quando criança e a minha imensa alegria quando chegou o primeiro aparelho de televisão na minha casa. Me lembro muito bem porque já tinha oito anos. A partir daquele momento eu não precisava mais ir a uma das duas casas da rua que já possuíam aquela maravilhosa máquina que fazia o tempo parar, assim como as brincadeiras que enchiam o cotidiano de toda criança. Agora eu saía da condição de televizinha e passava à de proprietária do aparelho. A rotina da casa estava alterada para sempre! O rádio, outrora imponentemente instalado na sala foi realocado em algum outro lugar menos importante para ter se perdido na memória. Personagens como Glória Menezes, Tarcísio Meira, Tony Ramos como que passaram a fazer parte da lista de amigos da família, tal era a frequência que entravam na casa e tamanha era a intimidade que tínhamos com eles.*

Nas décadas de 1960 e 1970, grande parte das casas brasileiras “abriram” suas portas para a televisão. Aquele aparelho não era apenas um eletrodoméstico. Ele revolvava a

terra firme das certezas, o terreno sólido das definições do que era o mundo e as pessoas, dos papéis de cada um.

E é por esse modo desestruturador da televisão que se recorre a Piaget (1957 apud FLAVEL, 1965), quando indica que o novo gera a vertigem e a insegurança, antes da acomodação, até que chegue o mais novo, gerando uma nova vertigem e uma nova acomodação num processo infinito. É dessa forma que se entende que se dá a relação entre a família e a televisão. Relação que não passa distante, mas perpassa os outros segmentos que compõem a vida: o trabalho, a igreja, a escola, o *shopping* e todas as outras esferas sociais de que o indivíduo participa.

O século XXI confirma a imensa penetração da televisão nos lares, iniciada no século anterior. Em 1950, é criada a primeira emissora de televisão da América Latina: a TV Tupi. (Ortiz, 1999, p.68). Em meados da década seguinte, de acordo com Ortiz (1999, p. 113), “a televisão se concretiza como veículo de massa”. “Em 1970 [...], 56% da população [brasileira] era atingida pelo veículo”, em 1982, “73% de todos os domicílios existentes” possuíam aparelho de televisão. (Ortiz, 1999, p.130). Ainda que nesse período o preço dos aparelhos de televisão fosse elevado, impedindo a capilarização destes na maioria das casas brasileiras, dois fatores justificam a localização da metade da década de 1960 como o início da disseminação da televisão no Brasil: a audiência à televisão na casa de vizinhos² e em ambientes públicos, como praças e bares. Relatos coletados durante a

² A posse do aparelho de tv em apenas uma ou duas casas por rua, aliado a um modo de vida que não supervalorizava a privacidade restrita e, portanto, permitia uma espécie de intimidade compartilhada, tornavam freqüente a prática da audiência à televisão na casa de um vizinho na classe média, até à década de 1970. Era comum o presenciamento pelos televisinhos de situações íntimas da família que possuía o aparelho, como discussões, refeições etc. Com o progressivo barateamento dos aparelhos, o mesmo fenômeno foi observado nas camadas populares, até a sua gradativa extinção.

pesquisa confirmam a presença de até 30 pessoas numa mesma casa, entre crianças e adultos, postados em frente à televisão para assistir a determinados programas.

Segundo pesquisa do IBGE, no Brasil, quase 90% dos 47 milhões de domicílios possuem pelos menos um aparelho de televisão e, no Rio Grande do Norte mais de 85% dos 730 mil domicílios têm um ou mais aparelhos³. Outra pesquisa mais topicalizada comprovaria que, nas últimas duas semanas do mês de junho de 2004, a pergunta mais ouvida e mais discutida nas diversas esferas da vida nacional foi “Quem matou Lineu?”⁴.

2.1 ABRINDO AS JANELAS

As sociedades assistiram (e produziram) nas últimas décadas a um processo de intercâmbio de hábitos, de costumes, num ritmo nunca antes observado. Desse processo, surgiram novas culturas, novos modos de viver que, como colchas de retalhos, são compostos de fragmentos de diversas matrizes culturais. Um mesmo produto é lançado simultaneamente em quase todos os lugares, seja uma metrópole de mais de 10 milhões de habitantes, seja uma aldeia indígena fincada no meio da floresta. Já não é tão fácil perceber se um jovem provém de uma cidade do interior ou da capital, observando-se apenas as suas roupas e adereços, pois os desejos de consumo de uns e de outros também já não ostentam

³ BR – Nº total de domicílios: 47.558.659. Percentual com televisão: 89,94% (42.778.910). RN – Nº total de domicílios: 732.438. Percentual com televisão: 85,43% (625.756) Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio 2002. 40 milhões de novos aparelhos vendidos de 1995 a 2003. Fonte: programa Canal Livre TV Bandeirantes em 16/03/2003.

⁴ A pergunta refere-se ao desvendamento de um assassinato em torno do qual girava a trama central da novela *Celebridade*, exibida pela TV Globo, de 13/10/2003 a 25/06/2004, no horário das 21 horas. Foi tema de vários programas de televisão, incluindo noticiários jornalísticos não-especializados em novela.

grandes diferenças: a moda e os modos de ser são semelhantes. Determinado sanduíche pode ser pedido, preparado e comido da mesma forma em Moscou, Nova York, São Paulo ou Natal, alterando-se apenas as chaves lingüísticas, porque até os nomes são escritos e pronunciados igualmente. Processo semelhante ocorre com o refrigerante que pode acompanhar aquele sanduíche. A disponibilidade, entretanto, não pode ser confundida com acessibilidade. Ainda que sejam “conhecidos” e, portanto, desejados, os produtos mundializados não são acessíveis à grande maioria das populações, vítimas da má distribuição de renda e, conseqüentemente, excluídos da possibilidade de satisfação desses desejos.

A posição de proximidade gerada pela convivência nos círculos de trabalho e intelectual, garantiu à classe média, durante três quartos do século XX, acesso exclusivo às informações oriundas das classes superiores e possibilidade de “copiar” estilo de vida e valores, o que lhe garantia um *status* diferenciado das classes populares. Até mesmo a posse do conhecimento em si já se configurava como fator de diferenciação social. Somente às custas de muito esforço seria possível “participar” dos canais por onde circulavam as informações, a saber: o trabalho – em bancos, repartições públicas, escritórios, comércio – e a escola.

A nova situação produz uma espécie de esvaziamento do *status* da classe média, à medida que possibilita a disseminação das informações a todas as camadas da sociedade, permitindo às camadas populares o acesso à informação, ao desejo e à tentativa de satisfazê-lo, utilizando as mesmas estratégias, anteriormente exclusivas da classe média. (ver Seção 3: O Mapa do Caminho).

Inserida nesse processo de interculturalização, a família, assim como o indivíduo, passa a ter acesso a outras matrizes, a novas possibilidades familiares, que ora a põem em xeque, ora jogam sobre si responsabilidades, das quais ela já não dá conta. A redefinição de papéis, outrora estáveis, faz emergir subjetividades que aparentemente desestabilizam a própria instituição familiar. Enquanto a família, e em especial a de classe média, se coloca ainda sob o modelo da família patriarcal historicamente proposto, outros modelos familiares (casamentos entre pessoas do mesmo sexo, ausência da figura paterna, autonomia dos filhos em relação aos pais, entre outros) emergem na sociedade, proporcionando a convivência simultânea de famílias que parecem ter sido produzidas em tempos/espacos diferentes.

Iniciada no mesmo período em que ocorre uma larga disseminação dos meios de comunicação, em especial a televisão, a era denominada “sociedade pós-industrial”, cujo conceito é lançado por Bell (1973), no final de década de 1960, indicando “o advento da nova sociedade, construída com base nas tecnologias da inteligência e na indústria da informação” (MATTELART ; MATTELART, 2000, p. 85), tem como características as transformações na organização dos modos de produção social e econômica.

O encurtamento das distâncias, inclusive das distâncias simbólicas, também ocorre de forma acelerada, fomentando interconexões culturais entre povos e sociedades distintas. O alto desenvolvimento tecnológico possibilitou maior conforto à humanidade, embora não tenha sido possibilitado um acesso capilarizado a esse conforto para grandes contingentes das populações⁵. Esse desenvolvimento aliado à má distribuição dos seus

resultados torna possível a existência simultânea e, por vezes, a convivência de grupos sociais cujos desejos de conforto são altamente satisfeitos com outros que não têm sequer as necessidades básicas atendidas. São comunidades desiguais vivendo tempos desiguais – “destempos ou múltiplas temporalidades” nas sociedades, na conceitualização de Martin-Barbero (1995, p.42). E o que seria esse distribuidor do conhecimento e provocador do desejo de ter naqueles que não têm e que dificilmente terão essas possibilidades de conforto, por serem incompatíveis com as suas possibilidades reais? Em grande medida, os meios de comunicação, principalmente a televisão, através de “redes transfonteiriças.[...] As grandes redes de informação e comunicação, com seus fluxos ‘invisíveis’, ‘imateriais’, [que] formam ‘territórios abstratos’, e escapam às antigas territorialidades.”(MATTELART ; MATTELART, 2000, p.165)

Esse cenário põe à mostra as diferentes velocidades de variação de duas instituições⁶ cuja legitimação social está pautada no poder/dever realizar a socialização primária das pessoas: a própria televisão e a família. Para Berger e Luckman, o choque resultante dessa variação diferenciada “torna mais difícil a legitimação global da ordem institucional e as legitimações específicas de determinadas instituições.” (BERGER ; LUCKMAN, 1999, p.122)

Com o surgimento do rádio, na primeira metade do século XX, consolida-se o processo de comunicação eletrônica. A televisão, por sua vez, criada nos anos 1930,

⁵Por conforto, entendemos ser a substituição progressiva do trabalho manual pelo trabalho mecânico ou eletrônico, notadamente na geração de energia e na obtenção dos recursos necessários à sobrevivência.

⁶

A televisão pode ser considerada como uma instituição, a partir do conceito de Berger e Luckman (1999, p.79 e 120) que propõem que “a institucionalização ocorre sempre que há uma tipificação recíproca de ações

possibilitava, assim como o cinema, a utilização, pelos produtores das mensagens, do som aliado à imagem, conquanto esse novo veículo de comunicação tivesse a capacidade de atender ao público, sem que esse precisasse ao menos sair de casa, o que iria alterar sobremaneira os hábitos e costumes, notadamente na classe média. As famílias foram abandonando o hábito de sair de casa para procurar diversão. Aos poucos, as visitas à casa dos parentes e dos amigos, os passeios à praça, ao cinema, ao teatro foram substituídos pela audiência à televisão. As cadeiras que antes ficavam nas calçadas em círculos ou semi-círculos, servindo de ponto de encontro entre os vizinhos, passavam a ficar postadas em frente à televisão, cuja programação define as pausas para a conversa durante os intervalos comerciais. A posse dos aparelhos receptores, que a princípio era possível apenas às camadas sociais de maior poder aquisitivo, tornou-se acessível, chegando-se ao ponto dos aparelhos serem consumidos pela maioria absoluta da população do planeta.

Falando sobre a popularização dos aparelhos de tv, Kagsbrunn (1995, p.88)

afirma que

A Televisão foi introduzida no Brasil a partir do começo dos anos 50 de forma inicialmente pouco disseminada. O aparelho de ‘Televisão’ assumiu, naqueles tempos, um papel especial, tanto dentro do espaço doméstico quanto como objeto conotativo de status social. [...] O novo eletrodoméstico, por ser caro e raro, permaneceu por algum tempo como privilégio de classes e camadas sociais abastadas e, no geral de nível cultural mais elevado.

As distâncias ficariam cada vez menores, graças à utilização dos satélites capazes de cobrir todo o mundo e trazer à casa de qualquer pequena cidade brasileira,

habituais por tipos de atores”. O caráter institucional da televisão na sociedade está firmado no seu papel de eficiente transmissor de bens simbólicos.

indiana, européia etc as imagens geradas em uma pequena cidade do Japão ou de qualquer outro lugar, produzindo assim um arsenal de conhecimentos impossível de ser adquirido de outra forma para as camadas populares. Não só estas, mas também vários setores da classe média têm na televisão a fonte mais acessível e ágil de acesso às informações, posição ocupada até a metade do século XX pela escola. O conhecimento de outras possibilidades de organizações sociais, aliado às crescentes migrações populacionais oriundas do campo para as cidades, seria responsável pela mudança acentuada de hábitos cotidianos, de posturas em relação às situações e interpretações acerca do mundo, ocorridas dentro e fora da família.

A produção de textos da sociedade contemporânea “é infinitamente superior à capacidade humana de absorvê-los” (BENTES, 2003). Textos estes, difundidos em grande escala pelos meios de comunicação, principalmente a televisão, ainda que não se possa considerar irrelevante a difusão textual da família ou de outras instituições sociais tradicionais como a igreja e o estado. Tradicionais no sentido de representar o antigo, em contraponto ao que ainda é novo para a sociedade, o que ainda não foi internalizado como sendo seu, o que não criou identificação/raiz. Menos ainda é possível desconsiderar a produção textual gerada pelo movimento de globalização-mundialização⁷ em curso, a partir da estabilização do capitalismo (WALLERSTEIN, 1991 apud HALL; 2000, p.68), aprofundado na metade do século XX e cujo auge parece estar sendo vivenciado nesse início de século XXI. Tal processo, de tão grande, apequenou o mundo, transformou o globo em mais do que uma “figura astronômica” (IANNI; 2000, p.13), deu-lhe uma feição

⁷ “O que se convencionou chamar de mundialização/globalização – o primeiro termo é familiar a todas as línguas neolatinas, o segundo é de origem anglo-saxônica – combina com a fluidez dos intercâmbios e fluxos imateriais transfronteiriços.” (MATTELART, 2000, p. 11)

de um conglomerado em permanente interconexão de fluxos. Essa aceleração de fluxos (HALL; 2000, p.69) modificou a compreensão da relação espaço/tempo, de tal forma que “os eventos de um determinado lugar têm impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a grandes distâncias.” A derrubada do *World Trade Center* em Nova York, em 11 de setembro de 2001, (e, principalmente, a transmissão em tempo real pelas principais redes de televisão do mundo da derrubada da segunda torre), com a posterior responsabilização da organização Al-Qaeda, feita pelo governo americano, alteraram profundamente a percepção ocidental sobre o mundo islâmico/árabe. Percebe-se nos discursos midiáticos ocidentais, a partir de então, o estabelecimento de uma espécie de relação direta entre terrorismo e islamismo. Tais discursos podem ser atribuídos à incompreensão ocidental da realidade dos países árabes, especialmente aqueles onde predomina o islamismo, numa tentativa de explicação dos seus modos de vida e de seus valores, a partir da ótica construída pela vivência ocidental, que, em última análise, determina o seu próprio modo de vida e seus valores. De outro lado, é inegável que, à luz da modernidade, o ato terrorista está completamente fora da ordem pela impossibilidade de confronto.

A televisão atua como “árbitro do acesso à existência social e política”. Em outras palavras, “caminha-se cada vez mais rumo a universos em que o mundo social é descrito-prescrito pela televisão.” (BOURDIEU, 1997, p. 29). Atualmente os próprios agentes dos movimentos organizados têm como estratégias de luta a utilização dos meios de comunicação, sobretudo a televisão e mais recentemente a internet, para a divulgação das ações e dos planos de ação, não apenas nas regiões diretamente afetadas pela ação, mas em todo o mundo. O *Green Peace*, movimento ecológico com forte atuação nos países da Europa, vem adotando essa prática desde os anos 1980, com maior intensificação nos anos

1990. Utilizando-se, entretanto, o conceito de notícia como o que é novo e que tem impacto sobre o maior número de pessoas, poder-se-ia inferir que os atos praticados pelas organizações terroristas contemporâneas tenham eclipsado a repercussão da atuação pacifista do *Green Peace* nos noticiários ocidentais.

[...] se trata de encontrar los modos de combinar los estudios comprensivos de los ‘mundos de vida’ de personas con los intentos de trazar un mapa de las formaciones más amplias que envuelven y organizan tales mundos. (David Morley)

3 O MAPA DO CAMINHO

A contemporaneidade põe à mostra uma sociedade onde a polifonia apresenta muitas possibilidades de respostas para cada situação. Vive-se então um momento em que muitos saberes são socialmente aceitos. Entretanto a ciência continua sendo a guardiã do discurso de verdade que a sociedade produz, ainda que os conhecimentos produzidos estejam sempre sendo ultrapassados e ainda que, de dentro do campo mesmo da ciência, outras vozes não-hegemônicas façam a crítica da absolutização do saber científico. A completa ignorância sobre o saber popular; o sonho iluminista de conduzir a sociedade à “terra prometida” do progresso da ciência e da civilização; a superação da dor e do sofrimento humano pelo avanço tecnológico e científico; o sonho marxista de socializar a felicidade utilizando o caminho da economia, atropelando as subjetividades e particularidades dos indivíduos, foram alguns caminhos propostos pela ciência e superados pelas formas que a vida tomou. Provados os insucessos desses caminhos, um saber que vem do povo, que afinal caminha, encontra soluções para seus problemas cotidianos, e, muitas vezes, à frente da própria Ciência, vai se insurgindo, aparecendo, embora o discurso socialmente aceito confira-lhe o sinal da desqualificação, da ingenuidade, do *por-acaso*. Foucault (1995, p. 71) argumenta que “existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber.”

A ciência, portanto, assim como também o senso comum, não tem salva-guarda para o preconceito ou as noções pré-concebidas. Para percorrer um caminho metodológico que se pretenda científico, cabe ao investigador ter clareza de que “a construção do conhecimento se dá a partir da ruptura com as noções pré-concebidas e suas condições de credibilidade, com as aparências do senso comum, seja popular, político ou científico.” (CANCLINI, 2001a, p. 250). Portanto, como sugere Canclini (2001a, p. 44), pretende-se “elaborar um pensamento mais aberto”, para que seja possível “alcançar as interações e integrações entre os níveis, gêneros e formas dessa sensibilidade coletiva” na interação dos sujeitos, lastreados pelas suas famílias e a televisão. Esse autor (2001a, p. 141) propõe uma inversão metodológica na forma de investigar as interações entre MCMs e receptores, a partir da mudança do foco da produção e distribuição das mensagens midiáticas para “o lado dos receptores”, ou seja, é necessário investigar os usos das mensagens midiáticas, a partir do consumo. Featherstone (1997, p. 36) encontra a razão da negligência do consumo como produtor de significados no “pressuposto de que o consumo não era problemático, pois baseava-se no conceito de indivíduos racionais que adquiriam bens com vistas a maximizar sua satisfação”. Entende-se que, apesar da análise do consumo dos MCMs não substituir a da produção e distribuição, os seus significados passam a merecer uma observação mais atenta.

A investigação científica não está por fora da trama da sociedade. Ao contrário, ela também compõe os fios dessa trama e daí retira o roteiro e o conteúdo de seu discurso.

É necessário perceber que todo discurso se estrutura a partir de uma posição determinada, as pessoas falam sempre de algum lugar. Essas situações concretas que dão base material à linguagem não são exteriores

ao discurso, mas se insinuam em seu interior e passam muitas vezes a estruturá-lo e constituí-lo. (ORTIZ, 2001, p. 67)

A sociedade aceita as várias verdades, com a ressalva de que algumas são mais “verdadeiras” que outras.

Reconhece-se no espaço da classe média o lugar onde as contradições sociais são mais agudas e ao mesmo tempo renegadas por ela mesma. Espremida entre o desejo de ascensão a um maior poder econômico e a vivência cotidiana em alguns momentos assemelhada às camadas populares, esse grupo social se equilibra, valendo-se de estratégias que permeiam os modos de viver. Ora paga por serviços como educação, segurança, saúde, ora utiliza-os através do Estado. Ao mesmo tempo que ostenta níveis de consumo elevados como “marcas e grifes exclusivas”, sabe que algumas delas são “reproduções” compradas pela metade ou menos do preço do “original”. Abdica de confortos cotidianos em longos períodos de “contenção de despesas”, em função de uma viagem de férias pelas praias nordestinas – para quem mora nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste – ou à Meca dos adolescentes – a *Disneyworld* –, que, num caso ou noutro, será relatada infinitas vezes através de fotografias e vídeos. Fenômeno semelhante é descrito por MILLS (1979, p. 275) na classe média americana na primeira metade do século XX. Tais ações funcionam como elementos de inflação, no sentido de ser uma elevação artificial, do valor simbólico do poder exercido na sociedade pela classe média. Para isso, ela age de acordo com ciclos de aparecimento (para fora/ser visto) e de introspecção (o que é da ordem do privado).

Por outro lado, a tentativa de detectar na classe média uma homogeneidade de interesses tem se mostrado ineficiente, em vista da presença do individualismo como

característica fundamental da sua forma de ação, ou mesmo pela falta de uma organização que a defina como um grupo coeso. MILLS (1979, p. 368) afirma que “ela é uma classe diversificada em sua forma, contraditória em seus interesses materiais, dessemelhante em suas ilusões ideológicas”.

Percebendo essas contradições, analisar-se-á a relação que se estabelece entre treze famílias de classe média, oriundas de Natal/RN e a televisão, utilizando-se como mediação os laços familiares. Dessa forma, acredita-se que, focando-se nos discursos desse grupo social sobre as suas experiências na família e com a televisão, possibilitar-se-á o desenvolvimento de uma leitura de como se dá a produção de significados para o conteúdo midiático, em relação à cultura hegemônica dos MCMs, em especial da televisão. Faz-se necessário, assim, conhecer o conhecimento⁸ produzido pelos próprios atores sociais como prática de legitimação das estruturas sociais, para o entendimento do funcionamento dessas mesmas estruturas.

A análise dos elementos e fatores que interferem e formatam a convivência do sujeito com a televisão, tendo como mediação os laços familiares, a partir da compreensão que os próprios atores sociais têm dessa convivência, firma-se na premissa de que é fundamental dar “primazia ao sujeito como ator qualificado e criativo”, de que este é um “ser social” e não somente um “ser socialmente determinado” (GIDDENS, 2004, p. 22). O caráter criativo do sujeito é proposto por Giddens (1978, p. 20), quando afirma que

⁸ O conceito de conhecimento refere-se ao pensamento de Berger e Luckman (1999, p. 93) como o “corpo de verdades universalmente válidas sobre a realidade.”

A organização das ‘responsabilidades’ [...] é a condição fundamental da vida social; a produção do ‘sentido’ nos atos comunicativos é, como a produção da sociedade que ela sustenta, uma hábil realização dos atores.

Antes da abordagem acerca de como foi realizada a pesquisa, faz-se necessário afirmar que toda ação humana faz parte de um contexto social, político, afetivo que a interfere e permeia. A escolha por este ou aquele tema terá sempre como marcas as preferências, valores, interesses e princípios do pesquisador. Situar a família como ponto central de mediações aos MCMs terá sido, talvez, a forma de refletir sobre indivíduos que durante algum tempo de suas vidas dividiram momentos felizes, sonhos e projetos de futuro – os parentes.

Considerando que a porta da casa não se configura como um portal que separa as múltiplas identidades que formam o sujeito, classificando-as entre o que é da ordem do mundo lá fora e o que é da ordem do íntimo, entende-se que muitas situações e papéis construídos nas e pelas relações exteriores ao mundo doméstico têm interferência, sendo por vezes determinantes nas relações familiares. Ainda assim, entende-se que é em família, ou em casa, o lugar onde, – mais do que em qualquer outro, seja o trabalho, a escola ou até o lazer – os indivíduos se transformam em sujeitos, através das escolhas possíveis, como os móveis e a sua distribuição, as roupas, a linguagem, os assuntos discutidos, as opiniões, as ações. A televisão é a única instância “estranha” com acesso ao ambiente doméstico, diariamente, e talvez por toda a vida. A família, como categoria de análise, deixa de ser apenas o local da reprodução da força de trabalho e das condições de legitimação da dominação da sociedade.

Pelo contrário, e frente a um trabalho marcado pela monotonia e despojado de qualquer atividade criativa, o espaço doméstico representa e

possibilita um mínimo de liberdade e iniciativa. (MARTIN-BARBERO, 2001, p. 301).

Entretanto não se pode desconhecer os conflitos e tensões existentes na cotidianidade familiar gerados, em muitas situações, pela emersão das contradições entre as identidades construídas para o mundo privado e o convívio externo, nem tampouco que é essa característica de organismo vivo que torna a família uma importante mediação da vida que acontece dentro e fora da tela da televisão. Para Martin-Barbero (2001, p. 310), a família é “um dos poucos lugares onde os indivíduos se confrontam e onde encontram alguma possibilidade de manifestar suas ânsias e frustrações”

Tendo como parâmetro o entendimento de que estará havendo um deslocamento do olhar para “apenas mais um exemplo da forma que a vida humana adotou em um determinado lugar, um caso entre casos, um mundo entre mundos” (GEERTZ, 2000, p. 30), a escolha das famílias seguiu alguns critérios pré-estabelecidos aos objetivos de investigar as correlações entre a posição do indivíduo na sociedade e a interpretação dos textos televisivos: as famílias em questão têm algum grau de parentesco entre si, faixa etária bastante heterogênea; um contínuo consumo dos meios de comunicação; e pertencem à faixa de classe média.

A pesquisa tem como foco central a observação de como os indivíduos se relacionam com os meios de comunicação, em especial com a televisão, sem, entretanto, perder de vista que diferentes gerações tiveram diferentes formas de contatos com cada um dos MCMs que foram sendo incorporados às suas vidas. Alguns sujeitos poderão ter nascido na frente de uma câmera de vídeo, que transmitia o seu nascimento em tempo real

pela rede mundial de computadores, enquanto outros só tomaram conhecimento de que era possível haver comunicação fora da presença física, que não fosse por carta, quando já eram adultos. Entende-se, porém, que, para investigar as possibilidades com que uns e outros lidam com os MCMs e suas mensagens, faz-se necessário entrar na vida dessas pessoas, identificar os seus modos de agir, de gostar, de interferir no próprio destino. Por isso, decidiu-se por realizar uma pesquisa qualitativa através de entrevistas com todos os membros de cada família e, a partir dos discursos, proceder à análise das

[...] atividades do dia-a-dia como sendo métodos dos membros para tornar essas mesmas atividades visíveis-rationais-e-relatáveis (no sentido de que se pode dar conta delas)-para-fins-práticos, ou seja observáveis e descritíveis como organização das atividades cotidianas ordinárias. (MATTELART ; MATTELART, 2000, p. 133).

Embora haja muitas tentativas de definição do que seja vida cotidiana, em diversas áreas das ciências humanas, Featherstone aponta alguns problemas gerados na conceitualização sociológica do termo que, na sua opinião, não corresponde adequadamente a uma categorização eficiente do que seja essa vida cotidiana.

Em primeiro lugar, há uma ênfase naquilo que acontece todo dia, na rotina, nas experiências repetitivas [...]. É o universo mundano, ordinário, intocado por grandes acontecimentos e pelo extraordinário. Em segundo lugar, o cotidiano é encarado como a esfera da reprodução e da manutenção, zona

pré-institucional na qual as atividades básicas que sustentam outros mundos são executadas, em grande parte, pelas mulheres. Em terceiro lugar, há uma ênfase no presente que proporciona um sentido não-reflexivo de imersão, de imediatez nas experiências e atividades usuais. Em quarto lugar, há um enfoque no sentido não-individual de se estar junto em atividades comuns, espontâneas, que se dão fora ou nos interstícios dos campos institucionais; há uma ênfase na sensualidade comum, em estar com os outros em uma sociabilidade frívola, lúdica. Em quinto lugar, enfatiza-se o conhecimento heterogêneo, o blablablá desordenado de muitas línguas; a fala e o 'mundo mágico das vozes' são mais valorizados do que a linearidade da escrita. Featherstone (1997, P. 83)

Diferentemente do autor, para quem todas as proposições são inadequadas, entende-se que apenas a segunda e a terceira categorizações não correspondem a uma definição apropriada de vida cotidiana. As demais podem ser utilizadas para definir o universo que toma forma dentro da casa, em oposição ao que ocorre na rua, ou da porta para fora. A segunda proposição, por exemplo, é inviabilizada, posto que o caráter de pré-institucionalidade é de difícil constatação em função da condição humana de ser social; e a terceira pela não-reflexividade nas ações cotidianas, que retira do ator social a sua condição de sujeito. Afirmar a ênfase no presente, no sentido não-reflexivo de imersão, de imediatez nas experiências e atividades usuais significa reconhecer que há um conjunto de ações, apreensões de mundo, explicações que o sujeito utiliza na sua vida cotidiana e que já foram historicamente propostas, testadas e aprovadas por sucessivas gerações e para as quais não há, no espaço/tempo da vida cotidiana, necessidade de colocá-las à prova, ou seja, não há uma oposição atávica entre o senso comum e a reflexividade.

As entrevistas foram realizadas individualmente e, com exceção de uma família, sempre nas casas dos entrevistados. Tendo por parâmetro o resultado de outras pesquisas semelhantes, decidiu-se por não entrevistar as crianças com idade igual ou

inferior a 10 anos. Os demais membros das famílias que residem na casa foram entrevistados⁹. A investigação se deu no sentido de, a partir de suas falas, mapear suas relações com os MCMs na vida cotidiana, preferências, tempo de assistência diária/semanal e interpretações que fazem dos discursos midiáticos nos programas veiculados pela televisão. Ao final, foram confrontadas as respostas dentro de um mesmo grupo familiar e também entre os vários grupos, com maior concentração “no significado que instituições, ações, imagens, elocuições, eventos, costumes [...] têm para seus proprietários”, procedendo dessa forma o que Geertz (2000, p. 37) chama de uma “explicação interpretativa”.

Na tentativa de perceber as ligações e as contradições a partir do convívio da família com a televisão, o presente trabalho propôs-se a entender de que forma princípios, valores e crenças construídos e repassados dentro daquela instituição medeiam a mensagem dos MCMs; se as relações sociais criadas a partir da família são capazes de forjar no grupo uma leitura própria das mensagens veiculadas pela televisão; e se essa leitura (apropriações e interpretações mediadas pelo conjunto de valores e idéias) é capaz de relativizar o efeito das mensagens massivas.

A proposta inicial era utilizar um programa de televisão específico para, a partir dele, entender as interações da família. A fase de pré-pesquisa mostrou, entretanto, que não há nenhum programa que receba a audiência de todos os membros da família. Poder-se-ia propor que durante um determinado tempo todos assistissem a determinado programa sugerido pela pesquisadora, e depois discutissem as suas mensagens. Esse método, porém,

aproxima-se dos usos e gratificações¹⁰, sobre os quais a pesquisadora guarda reservas, em função da possível mudança de resultados oriunda da ação do pesquisador sobre o objeto de estudo. Decidiu-se pela escolha de uma grade de programação mais elástica, na qual fosse possível analisar a relação entre recepção e apropriações/negociação de significados e em que medida as referências familiares interferem nesse processo. A pesquisa contemplou os seguintes aspectos:

- a) Descrição da composição familiar, identificando cada membro (idade, grau de escolaridade, atividade profissional);
- b) Descrição dos hábitos da família quanto à audiência à televisão;
- c) Descrição dos hábitos da família quanto ao lazer;
- d) Descrição das condições socioeconômicas de cada família.

Quanto à sociabilização da família, a pesquisa contempla os aspectos a serem abordados na análise de dados:

- a) Descrição dos modos de socialização da família;
- b) Descrição das apropriações e ressignificações, pelos membros da família, dos programas assistidos

⁹ Das 39 pessoas adultas e adolescentes que compunham o grupo de pesquisa, apenas três não puderam ser entrevistadas.

¹⁰ Ainda que guarde certa semelhança com a Teoria da Recepção, quando preconiza que “é necessário compreender melhor o uso dos meios por parte do receptor” (BELTRÃO, 1986, p. 190), a Teoria dos Usos e Gratificações, de Katz, Blumler e Gurevitch, supervaloriza a razão do sujeito como fator decisivo na recepção e desconhece os processos ideológicos que estruturam todas as relações sociais, inclusive com os MCMs. Por outro lado, de acordo com este pensamento, as necessidades individuais do receptor passam a ter maior significação que a mensagem midiática no processo comunicacional.

- c) Descrição das representações dos entrevistados sobre família real e família na mensagem televisiva.

Com objetivo e metodologia definidos, foram procuradas famílias que cumprissem os requisitos previamente propostos, ou seja, que tivessem algum grau de parentesco entre si, faixas etárias diferenciadas e estivessem situadas economicamente na faixa da classe média e cujos integrantes estivessem dispostos e disponíveis para conversar sobre o tema. O contato inicial foi feito com um grupo familiar com quem a pesquisadora já tinha um relacionamento anterior, e que foi denominado “Família Silva”. Feito o genograma dessa família, decidiu-se por entrevistar sete núcleos, em função destes se adequarem melhor aos requisitos da pesquisa, embora só tenha sido possível manter contato com seis.

Realizada a pesquisa, foi detectado que alguns vazios não poderiam ser preenchidos e que as possíveis conclusões poderiam ser induzidas por características intrínsecas daquele grupo familiar. Algumas questões ficariam sem respostas, dentre elas: Qual é o peso da história pessoal do indivíduo e da sua família na leitura que faz da relação da família com a televisão?

Tendo percebido leituras semelhantes por pessoas de núcleos familiares e faixa etária diferentes, decidiu-se por proceder a uma nova pesquisa com outro grupo familiar, mas obedecendo aos mesmos critérios do primeiro: que todas tivessem algum grau de parentesco entre si, faixas etárias heterogêneas e fossem de classe média, para detectar similaridades ou diferenças nas respostas entre esses grupos familiares e aqueles da primeira pesquisa.

O segundo grupo foi contactado através de redes de conhecidos. Embora não houvesse neste caso qualquer relacionamento prévio, não foram encontradas resistências maiores ou menores em relação ao primeiro grupo. Após o contato inicial e feito o genograma do grupo, denominado “Família Lima”, ficou constatado que os catorze núcleos familiares atendiam aos requisitos da pesquisa. Em função do tempo disponível para a conclusão do trabalho, decidiu-se por entrevistar sete núcleos familiares, escolhendo famílias das três gerações que compõem o grupo. Por este motivo foi necessário entrevistar uma família que mora em Brasília/DF e a melhor forma encontrada para a realização da entrevista foi através de uma programa de comunicação interativa na Internet – MSN.

A primeira etapa da pesquisa foi realizada com a Família Silva, entre abril e junho de 2004; a segunda com a Família Lima, entre outubro e novembro do mesmo ano. Na primeira, as entrevistas foram feitas de uma única vez, através de questionário com 22 perguntas a cada membro das famílias. Na segunda, foram acrescentadas perguntas novas e outras aperfeiçoadas. O questionário ficou composto de 86 perguntas, divididas em quatro categorias: 1) Caracterização Individual, 2) Família, 3) Televisão e 4) Família e Televisão. A pesquisa foi dividida em dois e três encontros com cada entrevistado. A definição, se seriam dois ou três, era dada pelo ritmo do próprio entrevistado.

Embora não tenham sido encontradas grandes dificuldades em uma ou outra família, a pesquisa fluiu de maneira mais dinâmica na família com a qual não havia um relacionamento anterior. Duas razões podem justificar o fato: a primeira é o próprio amadurecimento da pesquisa e a adequação do instrumento aos objetivos do trabalho; a

segunda é de ordem afetiva: o relacionamento anterior à pesquisa entre a pesquisadora e os entrevistados causou certas barreiras para determinadas questões.

Procederemos à análise dos dados na Sessão 6: O que dizem as suas Falas e Práticas.

[...] a justa atitude para com a tradição teórica [...] consiste em afirmar, ao mesmo tempo, a continuidade e a ruptura, a conservação e a superação, em se apoiar em todo o pensamento disponível sem temer a acusação de seguidismo ou ecletismo, para ir além dos antecessores, ultrapassados assim por um utilização nova dos instrumentos para cuja produção, eles contribuíram. (Bourdieu)

4 CONSTRUÇÃO TEÓRICA

Falar da cotidianidade das pessoas é semelhante ao processo de fazer fotografias. Estas podem ser do tipo casuais e, depois de feitas, podem suscitar a apreensão do que estava ocorrendo naquele momento, pelos dados revelados, quais sejam: a roupa que se usava, os pés no chão, um sorriso largo, o banho de chuva... O fotógrafo e também as pessoas que vêem as fotos podem tentar, a partir delas, captar os sentimentos que permearam ou motivaram as cenas e até conjecturar sobre os seus antecedentes e desdobramentos. A fotografia, todavia, poderá ser do tipo “posada”. Os momentos solenes, por exemplo, exigem poses: são sorrisos largos, rostos felizes. E então se pode perguntar se as cenas dessas fotografias são menos verdadeiras do que as daquelas ou ainda se é possível distinguir umas das outras, afinal toda cena retratada é passado e tudo o que se pode fazer é construir interpretações sobre a(s) imagem(ns), utilizando os próprios repertórios, que também são construídos.

Com relação à cotidianidade o que se faz é tentar entender como as pessoas organizam seus modos de pensar, fazem as suas escolhas, enfim, como vivem de determinada forma e não de outra, e também tentar construir interpretações sobre as imagens que elas (se) permitem ver, ainda que essa permissão não esteja no nível da consciência ou da linguagem. Diferentemente da cena da novela, onde cada detalhe é

planejado e tem uma função objetiva, na vida cotidiana não existe começo, nem fim e tudo o que é captado, por mais profundo que seja, são apenas fragmentos, os quais, por sua vez, são constituídos de outros fragmentos numa progressão infinita. De qual instrumento, então, o pesquisador deve se valer para dar conta, senão de explicar, ao menos de entender as relações sociais a que se propõe? Antes de mais nada, é preciso ter clareza da fragilidade humana, de sua incompletude, dos vazios e da eterna tentativa do homem de dar significação aos textos que vão sendo escritos sobre e dentro de si mesmo.

Mas, para que cada texto¹¹ germine, é necessário e fundamental que essa germinação aconteça para além do suporte que o autor utiliza, seja o papel, o filme, o corpo. Ela deve acontecer por dentro mesmo de quem o absorve.¹², uma vez que, para ser germinado, o texto há que ser absorvido por aquele de quem irá requerer toda a atenção, penetrando-lhe, inclusive, todos os sentidos. Tal como o ato de cozinhar só se completa na degustação, a escrita somente terá completado o seu ciclo quando recolhida pelos olhos, pelos poros e pela imaginação de quem lê. Do contrário, assim como uma comida-imagem-televisiva, sem cheiro e sabor, permanecerá tão-somente na superfície do sujeito, que não interage, mas apenas “assiste” às argumentações alinhadas pelo autor.

¹¹ O termo “texto” refere-se a toda produção humana, isto é, o agir social individual ou coletivamente são os textos criados sobre todos os suportes disponíveis, inclusive o corpo humano. (baseado em Walter Benjamin (1994, p. 37), que fala ainda da concepção romana de texto como sendo tecido, feito pelo homem). Geertz (2000, p. 50) aponta como grande virtude da denominação de texto para a produção humana o foco no “processo de elaboração da inscrição da ação, seus instrumentos e como estes funcionam, e as implicações que a fixação do sentido que emana de um fluir de eventos [...] tem para a interpretação sociológica.” O mesmo autor aponta ainda que a análise da vida social pode ser sustentada em analogias com o jogo e o teatro (GEERTZ, 2000, p. 40 e 44)

¹² O verbo “absorver” foi utilizado em substituição ao verbo “ler”, pelas características intrínsecas que ele encerra: embeber em si; recolher em si; consumir; esgotar; requerer toda a atenção de; aplicar-se detidamente, arrebatado. (ABSORVER, 1998, p. 16)

4.1 COMPREENDER E EXPLICAR

Quais são as situações e elementos determinantes na relação entre um ser humano e outro ou entre determinados grupos humanos e outros? Poder-se-á afirmar que existe relação social apenas quando há o conhecimento recíproco entre as partes? Ou, ao contrário, pode haver relação social sem que uma das partes tenha conhecimento da outra, ou, ainda, quando nenhuma das partes conhece a outra?

Para Weber (1998), a sociologia é a ciência que pretende entender interpretativamente a ação social e assim explicá-la causalmente em seu curso e em seus efeitos. Por ação, esse autor afirma ser todo o comportamento humano, enquanto ação social seria o comportamento humano que se pauta no sentido (intenção) visado pelo outro¹³. Compreender sociologicamente significa explicar por que os fatos acontecem, quais os motivos que desencadearam as ações. Em outras palavras, é identificar “com que material é feita a experiência humana” (GEERTZ, 2000, p. 37). Para essa compreensão, faz-se necessário saber que existem motivações conscientes e inconscientes que detonam a ação social, coletiva ou individualmente. Saber que há os motivos que se mantêm obscuros, inclusive para os agentes da ação, razão pela qual há que se conviver com tantas interpretações quantas ações sociais sejam possíveis de acontecer. A compreensão sociológica é também uma ação social e, por isso, atravessada de motivações subjetivas que incidem nos seus resultados. Abordando a relação entre a sociedade e a mídia, Bourdieu

¹³ “O Outro,” na conceitualização de Weber (1998, p. 14), “podem ser indivíduos e conhecidos ou uma multiplicidade indeterminada de pessoas completamente desconhecidas (‘dinheiro’, por exemplo, um bem destinado à troca, que o agente aceita na hora da troca, porque sua ação está orientada pela expectativa de que

ressalta o papel de agente de mudança do quadro social desempenhado pela sociologia, quando afirma que

A sociologia, como todas as ciências, tem por função desvelar coisas ocultas; ao fazê-lo, ela pode contribuir para minimizar a violência simbólica que se exerce nas relações sociais e, em particular, nas relações de comunicação pela mídia. (BOURDIEU, 1997, p. 22)

Compreender, portanto, não significa julgar e menos ainda supor que uma interpretação é mais “verdadeira” ou válida que outra. Significa, tão-somente, a amostragem de quais caminhos foram percorridos até à chegada a esta ou àquela interpretação. Afinal, como afirma Geertz (2000, p. 37), as ciências sociais não estão “prometendo certezas onde estas não podem existir”.

Discutir como a família de classe média se relaciona com a televisão, aparando as arestas do “caráter definitivo”, exclusivamente válido ou superior, que é atribuído ao saber científico, não significa “relativizar” as considerações, nem muito menos perder de vista a importância da ciência para o entendimento dos processos observados e dos seus desdobramentos para a esfera particular, onde eles acontecem, bem como para a própria sociedade, da qual ambas as instituições fazem parte e são parte. Essa discussão aponta antes para a necessidade de que sejam muito bem traçados os caminhos percorridos pelo cientista, no seu fazer científico. O resultado final de um trabalho dependerá, entre outros fatores, do método, da linha, dos autores-guia utilizados no percurso.

Quando se tenta compreender, à luz da ciência e munido de instrumentos adequados, as relações sociais produzidas pelos indivíduos na sua interação, dentro da

muitos outros, porém desconhecidos e em número indeterminado, estarão dispostos a aceitá-lo também, por

família, com a televisão, deve-se, pois, ter clareza de todas essas certezas e incertezas que cercam o fazer científico. Compreender, ao modo “weberiano”, interpretativamente, portanto, requer a consciência por parte do pesquisador de que ele mesmo será também um agente de transformação ou de sedimentação das condições que fazem do seu objeto de estudo o que ele é, ou melhor, citando Berger e Luckmann, (1999, p. 120), requer a consciência de que “a relação entre o conhecimento e a sua base social é dialética; isto é, o conhecimento é um produto social e o conhecimento é um fator de transformação social.” Uma compreensão interpretativa requer ainda a definição de que o pesquisador ocupa algum lugar socialmente produzido e que conseqüentemente ele *fala a partir deste lugar*, utilizando para tal os instrumentos que lhe foram historicamente disponibilizados. Ter por premissa que o seu trabalho conterà seus valores, a perspectiva de seu olhar não diminui a importância dos resultados obtidos, mas dá o suporte para se saber quais foram os caminhos percorridos para chegar a tais conclusões.

4.2 TIPOS DE RELAÇÃO SOCIAL

Berger e Luckman apontam o homem como produtor de si mesmo e a institucionalização como fator de economia das tensões psicológicas, à medida que libera a pessoa de tomar decisões, pois elas estão dadas.

As instituições, também, pelo simples fato de existirem, controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, que a canalizam em uma direção por oposição às muitas outras direções que serão teoricamente possíveis. (BERGER ; LUCKMAN, 1999, p.80)

A origem histórico-social da classe média no fortalecimento do comércio exerceu forte influência sobre o tipo de organização de práticas e valores que a sustenta. Na América, por exemplo, o pequeno proprietário de terras, produtor um tanto auto-suficiente de bens para o próprio consumo e de sua família, torna-se, obrigado pelas novas regras impostas pelo capitalismo ascendente, dependente de outros bens, que já não são produzidos em sua propriedade. O fator de distinção social baseado exclusivamente na propriedade, independente de seu tamanho, é transferido para a atividade comercial, que passa a desempenhar importante função na Sociedade, e para as grandes propriedades, cuja produção agrícola é capaz de abastecer grandes contingentes populacionais. Cresce o número de não-proprietários, cujo trabalho especializado os diferencia do operário, formando uma nova camada na estrutura social (MILLS, 1979).

Também na Europa é a organização dos artesãos – uma nova categoria formada por não-proprietários feudais, mas também livres da condição de servos – um dos agentes impulsionadores do fortalecimento do comércio (COSTA, 1974). A conjugação de fatores como o fortalecimento do capitalismo, a expansão do comércio como atividade fundamental, o declínio da importância da propriedade rural e a urbanização social, cria as condições materiais e subjetivas para o crescimento numérico das classes médias, “constituídas principalmente de nobres decadentes, artesãos e pequenos mercadores arruinados e camponeses expropriados”, na Europa (COSTA, 1974, p. 29), e de pequenos empresários na América (MILLS, 1979, p. 25).

Tornando-se a atividade fundamental na nova ordem econômica, visto que toda a produção industrial e econômica não tem mais como princípio a auto-sustentação, mas a

venda, o comércio passa a ser o parâmetro também na ordem social, de modo que as relações sociais passam a ser pautadas pelas regras comerciais. Esse fenômeno vem influenciar profundamente as práticas e valores da classe média na sua busca de ascensão aos padrões dos grandes empresários.

Por um certo ângulo de observação, podem-se caracterizar as relações sociais contemporaneamente como sendo do tipo “amorosa” ou do tipo “comercial”, de modo que estariam pautadas em apenas uma ou simultaneamente nessas duas modalidades de ação. Na primeira, estão as relações cuja motivação principal é o prazer da companhia entre as partes (em geral fugaz ou efêmera); na segunda, é encontrada a base principal de todas as relações humanas, nas quais as partes envolvidas realizam a construção de uma história comum. O sentido que as partes dão à referida relação não é necessariamente o mesmo, podendo ser do tipo “amoroso”, por uma das partes, e “comercial”, pela outra. Pode ainda haver os dois tipos de desejos nas partes. Uma relação familiar (marido e mulher) se pauta nos dois sentimentos, à medida que as partes têm intenção de permanecer juntas e agem no sentido de construir as condições materiais que efetivem essa união, por exemplo, através da acumulação de bens materiais ou simbólicos para a utilização conjunta ou individualmente, mesmo que haja a consciência da possibilidade da ruptura do relacionamento. O mesmo conceito pode ser aplicado à relação que se estabelece entre a escola e os alunos ou a igreja e os fiéis.

Na relação trabalhista (patrão e empregado) o sentimento é comercial, pois nenhuma das partes tem interesse em manter o relacionamento indefinidamente, fazendo parte do “contrato” a possibilidade de dissolução do relacionamento, tão logo uma delas se

interesse em investir numa outra relação. Essa é também a base da relação entre os governos (esfera executiva e legislativa, incluindo oposição) e a sociedade que os elegeu. A quebra do contrato por parte do governo se dá quando este passa a representar interesses diferentes dos anteriormente acordados e, por parte da sociedade, quando esta substitui (pela eleição, pelo golpe, pelo *impeachment*) os ocupantes do governo.

A relação entre a televisão e o telespectador tem sentidos diferenciados para cada parte. Enquanto para o este a relação é amorosa, para a televisão é comercial. Assim também o são todas as relações cuja função é despertar em uma das partes o desejo de consumo dos bens produzidos pela outra. Esta é, portanto, a característica principal da sociedade contemporânea: a sociedade de consumo.

4.3 DOMINAÇÃO E NEGOCIAÇÃO

Classificar os tipos de relação social não significa afirmar que sejam a combinação harmoniosa de partes que se ajuntam. Ao contrário: as relações sociais se dão em condições sociais caracterizadas por processos de contradição e embate entre as partes. Em outras palavras, na humana condição de dominação de uns sobre outros. A dominação - que remonta ao início da civilização - é o instrumento de coerção social que perpetua condições favoráveis a um indivíduo ou a um grupo ou grupos de indivíduos em detrimento de outro indivíduo ou grupo ou grupos de indivíduos.

Por 'dominação' compreenderemos, então, aqui, uma situação de fato, em que uma vontade manifesta ('mandado') do 'dominador' ou dos

‘dominadores’ quer influenciar as ações de outras pessoas (do ‘dominado’ ou dos ‘dominados’), e de fato as influencia de tal modo que estas ações, num grau socialmente relevante, se realizam como se os dominados tivessem feito do próprio conteúdo do mandado a máxima de suas ações (‘obediência’). (WEBER, 1998. p. 191)

Não há, então, como dissociar o resultado da ação humana dos processos de dominação aos quais o indivíduo é submetido, se o que ele é decorre do fato de ter assimilado de forma muito mais inconsciente que voluntária, fiel ou contrariamente, os valores, idéias, visão de mundo, enfim a cultura da qual faz parte. Weber (1998) propõe que as relações de dominação influenciam, sem exceção, todas as áreas da ação social.

Afirmar que a ação humana é decorrente de processos de dominação *implica* a aceitação da existência de dominados. De que meios então se utilizam as estruturas dominantes e em que base se assentam para perpetuar-se? Em primeiro lugar, diferentemente das sociedades escravistas, onde há um domínio prático do senhor sobre o escravo, a dominação nas sociedades contemporâneas se reveste de uma camada de “naturalidade” que a legitima e pressupõe a conivência ou cumplicidade de quem reproduz o que o oprime. Ela nasce da consciência do homem de sua incompletude, tanto no aspecto emocional quanto prático. Berger e Luckman (1999, p. 75) afirmam que “[...] o organismo humano não possui os meios biológicos necessários para dar estabilidade à conduta humana”. Além de perceber-se incapaz de realizar todos os desejos que a sua imaginação produz, o homem ainda tem ciência de seu fim e da brevidade com este lhe chega. Ele sabe, portanto, que há um porvir do qual não participará.

No sentido de resolver a contradição entre a finita realidade humana (com suas faltas e rupturas) e o desejo do paraíso, o homem cria as estruturas que lhe “justifiquem”

essa própria realidade, depositando para além de si mesmo as respostas, no que se chama *processo ideológico*. “A Ideologia¹⁴ [entretanto] não é uma mentira arbitrária do dominante, mas é necessário entender que é própria de todas as culturas, [isto é] é o modo de operar de toda cultura” (Informação Verbal)¹⁵. Entretanto, mais do que ser uma massa homogênea de valores que vão encrostando em si, o homem também cria a capacidade de contrapor, de dar respostas polissêmicas, ou seja, ao mesmo tempo que é produzido pela sociedade, também a produz. E é nesse processo dialético de interiorização/exteriorização – que não acontece sem conflitos – que produz as relações sociais, ora como dominado, ora como dominante, e nas quais negocia os sentidos e significados para sua existência.

[...] a relação entre o homem, o produtor, e o mundo social, produto dele, é e permanece sendo uma relação dialética, isto é, o homem [...] e seu mundo social atuam reciprocamente um sobre o outro. (BERGER ; LUCKMAN, 1999, p. 87)

Na interação com as mensagens televisivas, o receptor vai reafirmando e rejeitando a ideologia, “construída a partir de discursos institucionais, inclusive o da televisão, e através de complexas relações sociais” (RONSINI, 2001a, p. 18). Por este viés conceitual, retira-se do sujeito a condição prévia de dominado e, da televisão, a de dominador. Um e outro são produto e produtor, do mesmo modo que ambos são veículos por onde circulam as representações que compõem o corpo de conhecimentos nos quais a sociedade se ancora.

¹⁴ Neste trabalho, segue-se o conceito defendido por Souza Filho, que associa Ideologia aos processos de dominação. A Ideologia é repassada através de representações, imagens e crenças que formam o imaginário humano e é o fruto das relações sociais que acontecem nessa mesma Sociedade. O pensador propõe que “A Ideologia como um poder simbólico é um poder que se exerce com a cumplicidade ontológica daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou que lhe exercem”. No seu entendimento, “O estudo da Ideologia deve ser transferido do Estado para a Cultura, afinal o fenômeno ideológico transcende as sociedades onde há Estado e atinge também microcosmos sociais como Família e Escola”. (Afirmção de Alípio de Souza Filho, durante aula da disciplina: Cultura e Sociedade, em Natal, em 17 de julho de 2003)

4.4 SER UM OU SER MAIS UM?

Dois sentimentos contraditórios comprimem os indivíduos nessa sociedade global: o desejo da uniformização e o desejo da individualização. Por um lado, há um apelo socialmente explorado que suscita o desejo da individualização, da definição do estilo individual como possibilidade de delimitação-demarkação do espaço do indivíduo na coletividade amorfa. Nessa conformação social, para tornar-se *ser*, é necessário ser visível e, para tanto, é necessário ser único.

Por outro lado, há uma enorme pressão no sentido de levar as pessoas a fazer parte de uma tribo, de um grupo, onde elas devem ser absolutamente uniformes, ou seja, o grupo toma o lugar do indivíduo. Diferentemente da era *pré-massmediática*, essa tribo já não é fixada em uma identidade pré-concebida, baseada em laços sangüíneos ou regionalistas. Agora as identidades vão se mesclando, reagrupando-se, com base em laços simbólicos mais flexíveis. Para MARTIN-BARBERO (2002),

A crise das instituições que configuram a ligação e a sociedade – tanto na produção quanto na representação – faz emergir um novo tipo de tecido social cujos aglutinantes não são nem um território fixo nem um consenso racional e duradouro. O que convoca e relega as tribos urbanas é mais da ordem do gênero e da idade, dos repertórios estéticos e gostos sexuais, dos estilos de vida e as vivências religiosas. Baseadas em implicações emocionais, compromissos e localizações efêmeros, as tribos se entrelaçam em redes do feminismo à ecologia, passando por grupos musicais, seitas orientais, torcidas organizadas, clubes de leitores, fã-clubes, associações de telespectadores.¹⁶

¹⁵ Afirmação de Alípio de Souza Filho, durante aula da disciplina: Cultura e Sociedade, em Natal, em 23 de junho de 2003.

¹⁶ Tradução livre da autora (Mônica Costa de Oliveira Zacarias)

Mas será que esse grupo define/determina os modos dos indivíduos pensarem, sentirem, desejarem, agirem, realizarem suas leituras? Abordando o processo de descentramento das identidades, através da ruptura com o discurso que reconhece o sujeito como um

[...]indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, consciência e de ação, cujo ‘centro’ consiste num núcleo interior, que emerge pela primeira vez quando o sujeito nasce e com ele se desenvolve, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou idêntico a ele – ao longo da existência do indivíduo (HALL, 2000, p. 10),

Hall aponta as contribuições de Marx, Freud, Saussure, Foucault e do movimento feminista como alguns discursos novos que apontaram no sujeito um sentido de inacabamento e de um constante construir-se/amoldar-se/deformar-se.

4.5 A CULTURA COMO SEDIMENTAÇÃO IDEOLÓGICA¹⁷

Tomar a cultura¹⁸ como elemento que constitui o homem e ao mesmo tempo é por ele constituída, bem como perceber o processo de sedimentação dessa cultura nos indivíduos, é a chave que pode ajudar a entender se há um domínio prévio da sociedade sobre o indivíduo comum. Em outras palavras, entender se, antes mesmo de desenvolver a consciência, o homem terá sido resultante das representações que a sociedade construiu.

¹⁷ O uso do termo “sedimentação” tem por base o pensamento de Berger e Luckman (1999).

¹⁸ Ronsini (2001, p. 19) propõe como definição de cultura a delimitação ou fixação de “fronteiras para um processo onde classe, ideologia, cultura, gênero e etnias se interligam hierarquicamente na fabricação do consenso ou dissensão social”.

Haveria uma *força* que atravessasse e ao mesmo tempo comprimisse cada homem e cada mulher, moldando-os para o funcionamento do que se chama “sociedade”? Seria, pois, o homem uma junção de coisas, valores, pensamentos que vão encrostando em si, ao mesmo tempo que vai se formando um ser cultural? Teria ele uma formação essencialmente biológica e estaria então na genética e na natureza o final-do-arco-íris humano? As ciências sociais têm procurado responder a essas questões apresentando definições que ora se superpõem, ora se contrapõem.

De acordo com Berger e Luckman (1999, p. 76), é o homem, no processo de vivência, o provedor da ordem social. Esta “não é dada biologicamente nem derivada de quaisquer elementos biológicos em suas manifestações empíricas”. Já na perspectiva iluminista,

Há uma natureza humana tão regularmente organizada, tão perfeitamente invariante e tão maravilhosamente simples como o universo de Newton. Algumas de suas leis talvez sejam diferentes, mas existem leis; parte da sua imutabilidade talvez seja obscurecida pela moda local, mas ela é imutável. (GEERTZ, 1989, 25)

Em contraponto a essa visão, mas sem abandonar a idéia da existência de uma certa base ou núcleo comum a todos os seres humanos, a antropologia procurou oferecer um conceito mais “flexível” sobre a humanidade do homem. Um conceito no qual a cultura não é apenas o aparente, o externo ou uma *crosta* e sim um dos elementos constituidores dessa humanidade. Se entendermos que “a cultura é um conjunto de escolhas sociais, de representações que desaparecem para os homens como tal, aparecendo como

natureza”(Informação Verbal)¹⁹, deduziremos que é através do seu “apagamento” que fixa suas raízes no agir social e individual.

4.6 CLASSE MÉDIA

Nos vários textos que discutem a classe média analisados para a realização do presente trabalho, ainda que tenham sido produzidos em tempos/espacos diferentes, há o que poderia ser chamado de idéia central que perpassa todos. Abordando sobre a classe média americana na segunda metade do século XX (MILLS, 1979), a européia (HALBWACHS, 1978) ou sobre a dos países subdesenvolvidos (COSTA, 1974), os textos carregam uma visão pessimista desse estrato social, como o que não tem criatividade, sonhos ou esperanças próprias e nada mais é que um modelo remediado da elite. Para os autores, há uma desilusão quanto a essa faixa da população e o que lhe resta é utilizar todas as instituições sociais – do trabalho à família, passando pelo lazer e pela religião – como meios para atingir o poder e o *status* das camadas superiores. Como tal posição jamais será alcançada coletivamente, mas apenas em alguns casos individuais e que têm como fim a justificação do próprio sistema, numa falsa equiparação de oportunidades, a classe média é apresentada como possuidora de uma insatisfação permanente, que não a impulsiona para alcançar os objetivos propostos, mas, ao contrário, transforma os indivíduos em simples repetidores de ações socialmente predeterminadas.

As condições históricas vigentes no período de produção de tais textos, a polarização do planeta entre os mundos capitalista e comunista e a possibilidade de uma

¹⁹ Afirmação de Alípio de Souza Filho, durante aula da disciplina: Cultura e Sociedade, em Natal, 12/06/2003.

catástrofe nuclear detonada pela guerra fria poderiam justificar esse mal-estar em relação à humanidade. Textos produzidos contemporaneamente a respeito da classe média poderiam propor uma visão mais livre da dicotomia mal/bem vigente em quase todo o século XX.

A falta de uma visão mais precisa da classe média, de qual papel ou posição ocupa na sociedade – o que de certo modo lhe causa o sentimento de indefinição entre pertencer às camadas superiores ou populares – gera a dificuldade teórica de classificação dos estratos médios.

Se, por um lado, os desejos de consumo da classe média se fundam sobre os hábitos das classes superiores, a sua condição periférica como agentes de poder político e econômico produz um estado de vida semelhante ao das camadas populares. Portanto, para categorizar a classe média, deve-se proceder à descrição de determinadas características que a diferenciam da classe alta e de outras que a diferenciam das classes populares e ainda daquelas que alternadamente a diferenciam ou tornam semelhante às classes superiores e populares.

Em relação às camadas superiores	Em relação às camadas populares
Condição de assalariados; Pouca ou nenhuma influência nas instâncias políticas e econômicas; Incapacidade de garantir o mesmo padrão de vida aos filhos; Maior dependência da participação da mulher no orçamento familiar; Estabelecimento de relação causal entre nível de escolarização e sucesso financeiro; Incapacidade de reconhecimento da influência da ação política na organização da sociedade;	Defesa dos valores tradicionais da sociedade e valorização extremada da família; Alto nível de escolarização; Alto consumo; Investimento nos filhos com vistas a lhes garantir no futuro padrão de vida superior ou semelhante ao do presente; Auto-identificação com as camadas superiores; Inexistência de redes de relacionamento e dependência nos locais de moradia; Planejamento familiar em função do <i>status</i> econômico

	desejado; Adiamento da construção da própria família em função da carreira profissional.
--	---------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro I – Diferenças no modo de vida das classes médias em relação às camadas superiores e populares. Fonte: a autora.

De um modo geral, podem-se aplicar as seguintes características à classe média, que, em determinados cenários, podem a diferenciá-la ou torná-la semelhante em relação aos outros estratos sociais simultaneamente: 1) a habitação se constitui de casa ou apartamento próprio, adquirido através de financiamento público, no qual é comprometida uma parte razoável da renda do casal durante um longo prazo²⁰. Os cômodos do imóvel têm divisões internas e funções bem definidas entre a parte social, onde são recebidas as visitas, e a parte íntima, exclusiva das pessoas da casa. Esta última possui ainda uma subdivisão entre a ala da família e a ala por onde transitam os empregados; 2) valorização do aprimoramento profissional e intelectual como garantia de sucesso; 3) utilização do critério de qualidade, em detrimento do custo financeiro e pessoal, para a escolha da escola para os filhos; 4) posse de automóvel e sua excessiva utilização para todos os tipos de locomoção, inclusive aquelas possíveis de serem feitas a pé; 5) dispêndio elevado de recursos financeiros e tempo em atividades relacionadas à melhoria da aparência pessoal, principalmente entre as mulheres; 6) promoção sistemática de eventos, cujo propósito é a manutenção da união familiar; 7) adoção de práticas que permitam a ostentação de padrões socialmente relevantes, ainda que estejam em contradição com as suas reais possibilidades financeiras ou cognitivas; e, finalmente, 8) alto consumo da televisão como fonte de informação e lazer.

²⁰ Até à década de 1980 os financiamentos públicos para aquisição de imóveis eram de até 25 anos. Atualmente esse prazo gira em torno de 15 anos. Fonte: Caixa Econômica Federal

4.7 FAMÍLIA

Estando o foco de análise deste trabalho centrado na família e suas conexões com a televisão, faz-se necessário, para o entendimento desse processo, um aprofundamento nos vários aspectos que compõem aquela instituição. E para não incorrer-se no erro de tomar como naturais categorias que são intrinsecamente sociais, convém observar que a família tal qual é conhecida hoje é uma instituição que vem avançando no tempo, modificando-se e adaptando-se às mudanças que ocorrem na própria sociedade, num movimento de metamorfose que se dá simultaneamente por dentro e por fora dela. Se assim não fosse, como poderiam as sociedades se transformarem, se é, de acordo com Jacks (1999, p. 58), no grupo familiar, que se dá a apropriação primária das formas de socialização dos indivíduos?

Novos arranjos e organizações familiares estão se formando e se legitimando contemporaneamente. Mas esse processo não se deu num único movimento e nem da mesma forma em todos os lugares. Se por um lado não se pode falar **da família** como algo genérico e que perpassa a história e os lugares, por outro podem-se distinguir características semelhantes em determinados grupos. Desse modo, pode-se referir à família urbana ou à família rural, como também reconhecer em ambas as características da família ocidental.

Quando se trata de família no Brasil, ainda que pareça absolutamente “natural” que todos tenham uma, ou ao menos que sejam fruto dela, não pode fugir ao debate a premissa de que até 1888, menos de 120 anos atrás, a expressiva parcela da população

brasileira formada pelos escravos não tinha direito de constituir família. Nem no aspecto legal e nem no sentido prático. Poder-se-ia objetar que as senzalas formariam agrupamentos familiares, mas a completa indisponibilidade dos sujeitos sobre si ou sobre sua prole descaracteriza efetivamente o que entendemos por família. Fernandes (1978, p. 154) fala de uma inexistência da família como instituição social integrada e afirma que a “política central da sociedade senhorial e escravocrata brasileira [...] sempre procurou impedir o florescimento da vida social organizada e da família como instituição integrada no seio da população escrava.” Propõe-se, então, que no Brasil dois eixos de verdade se impregnaram e, ainda mais, constituíram o conceito daquilo que se percebe sobre família. Um exalta essa instituição e a coloca como instituição primeira a ser defendida e amada e à qual todos têm direito; o outro lhe desconhece o sentido, pela falta mesmo de sua vivência prática.

Adotando como parâmetro histórico o modelo de família branca, patriarcal, a classe média apresenta contradições que emergem da comparação entre os discursos e a prática desses estrato social no que se refere à família.

4.7.1 Família Medieval

Analisando a família européia da Idade Média, Ariès (1981, p. 222) argumenta que a descoberta de estruturas não familiares, como as classes de idade na Grécia ou entre africanos e ainda as comunidades clânicas entre indígenas americanos, pode ser a pista que leve ao fato de que a família talvez não tenha desempenhado em suas origens o papel primordial que se lhe tem atribuído, e indaga:

Não teríamos, sem o perceber, nos deixado impressionar pela função que a família desempenha em nossas sociedades há alguns séculos, e não nos sentiríamos tentados a exagerá-la indevidamente e até mesmo a atribuir-lhe uma espécie de autoridade histórica quase absoluta?

A Família-tipo-ideal é apresentada por Lévi-Strauss (1982, p. 27-28) como

[...] como um grupo social que 1) tem sua origem no casamento; 2) consiste no marido, na mulher e nos filhos nascidos dessa união, mesmo se podemos admitir que outros parentes se integrem a esse núcleo essencial; 3) os membros da família são ligados entre si por: a) vínculos legais, b) vínculos econômicos, religiosos e outros tipos de deveres e direitos, c) uma precisa rede de direitos e proibições sexuais, e de um conjunto variável e diferenciado de sentimentos psicológicos, como o amor, o afeto, o temor etc.

Embora não sejam desconsiderados os novos arranjos, essa é a família que compõe a base e o ponto de partida de toda a organização social da sociedade contemporânea e será com este conceito que se trabalhará ao longo deste trabalho.

A família monogâmica tem a sua origem na propriedade privada, sustentam Morgan (1982) e Engels (1982). Para esses autor, ela teria substituído as combinações efêmeras anteriores, a fim de que os bens pudessem ser transmitidos com segurança aos descendentes. Isso só poderia ocorrer, com a certeza da paternidade. Para Engels (1982), a Grécia Antiga é o berço da família moderna. Entender a origem da família como condição de transmissão hereditária de bens não significa que esse caráter de “mercado” que a marca tem apenas aspectos negativos. É necessário perceber que daí emerge o mais profundo sentimento de humanidade, pois os pais “investem” nos filhos, sem esperar o retorno para si de tal investimento. O retorno é para a própria humanidade que se garante na sua perpetuação.

Tönnies (1982) apresenta três relações familiares como fundamentais na constituição da comunidade: mãe e filho, homem e mulher como cônjuges e entre irmãos. Ele reconhece na terceira a mais humana das relações, pois, na sua opinião, essa não se baseia no instinto, mas na construção de um amor. Entretanto, discordando do autor, contra-argumenta-se que, se é o instinto que funda as outras duas relações, a sua manutenção somente poderá ocorrer se houver também a construção social dessa relação. Há ainda o caso de adoção, onde não há o instinto (da mãe) e nem por isso a relação desta com o filho é menos afetuosa ou contém diferenças ontológicas, do ponto de vista cultural ou sentimental, em relação à maternidade biológica.

Esse é o ponto que separa duas correntes das idéias sobre a família. O laço que une os seus membros é de natureza biológica ou social? Malinosky (1982, p.138) argumenta que “[...] a utilidade e a função dos laços familiares permanentes são condicionadas pela cultura e não pelas necessidades biológicas”. Esse pensamento tem por base o fato de nos seres humanos os laços permanecerem muito além das necessidades biológicas, mantendo-se efetivamente por toda a vida. A necessidade de estreitar permanentemente a ligação entre pais e filhos, assim como a outros parentes, agregando-os ao núcleo fundamental, é criada pela cultura.

4.7.2 Novos arranjos

Em apenas um século (século XX), a união matrimonial nas sociedades ocidentais deixou de ser legalmente indissolúvel, permitindo assim novas tentativas conjugais, e gerando novas redes de relacionamentos e parentescos. Se antes boa parte do parentesco era desempenhada ao longo da vida pelas mesmas pessoas, agora, com a figura do ex-marido e da ex-esposa, surge toda uma linhagem de ex-parentes: ex-sogro, ex-sogra, ex-cunhados, ex-sobrinhos (em muitos casos os sobrinhos do marido ou da esposa são assumidos conjuntamente pelo casal, como sendo de ambos). O mesmo movimento cria novas possibilidades, como a situação de três indivíduos A, B e C, em que A e C são irmãos e B e C também são irmãos, mas A e B não têm qualquer parentesco (biológico) entre si. Isso pode ocorrer quando um (A) é filho de um relacionamento anterior do homem, o outro (B) é filho de um relacionamento anterior da mulher e o terceiro (C) é filho do casal. Outras relações familiares passam a integrar a vida das pessoas: o avô, a avó, a tia, o tio, o primo etc. do irmão de uma pessoa pode não ter nenhum parentesco com esta.

No presente começa a se esboçar em várias sociedades ocidentais um quadro em que muito em breve serão aceitos os casamentos entre pessoas do mesmo sexo. O fato é que a sociedade produz demandas que apontam nesta direção. O governo americano perdeu a batalha no Congresso, quando tentava aprovar uma emenda à Constituição daquele País, definindo que o casamento somente se refere à união conjugal entre um homem e uma mulher. No Brasil, tramita (ou descansa em alguma gaveta?) na Câmara dos Deputados um Projeto de Lei que regulamenta a união civil de pessoas do mesmo sexo. Tal Projeto, ainda

que não institua o casamento, assegura aos casais homossexuais os direitos de herança e acumulação de bens comuns aos casais heterossexuais.

4.7.3 Mulher: ocupando outros espaços

Nem mesmo o papel desempenhado intra-familiarmente por cada sujeito é linearmente definido ao longo do tempo, sofrendo transformações às vezes tão profundas que chegam a despertar na sociedade a necessidade de novas denominações para designar as também novas funções. Do século X ao XXI o papel da mulher nas sociedades ocidentais desenha um movimento que quase chega a ser uma parábola, no seu sentido matemático, e cujo vértice é próximo de zero. Segundo Ariès (1981, p. 212), até o século X “o marido e a mulher geriam cada um os seus bens hereditários, compravam e vendiam separadamente, sem que o cônjuge pudesse interferir.” Gerir os próprios bens sem a interferência do cônjuge certamente garantia à mulher o poder de decisão e a necessidade de discernimento para realizar os negócios, sob pena de dilapidar o próprio patrimônio. A perda gradativa pela mulher do seu poder de gerência sobre os bens, por outro lado, teria sido um dos fatores que desencadearam a sua perda de importância na sociedade. Ariès (1981, p. 246-247) afirma que na Idade Média havia uma literatura – os chamados “tratados de civilidade ou de cortesia” – que eram destinados aos homens, mas também às mulheres e

às crianças. Essa literatura continha conselhos práticos sobre higiene e limpeza pessoal e modos de conduta pública. A partir de um certo ponto desaparecem nos manuais de regras de civilidade as orientações para a mulher (higiene, limpeza etc.) e nos manuais do amor desaparecem as instruções para a boa convivência e respeito entre homens e mulheres. “Mais tarde, os tratados de civilidade não mencionaram mais as mulheres, como se seu papel tivesse enfraquecido no final da Idade Média e início dos tempos modernos” Ariès (1981, p. 246). O vértice da parábola referida anteriormente se dá no século XIX, momento de menor valorização da mulher na História Ocidental.

No século XX, inicia-se um novo movimento ascendente, no qual a mulher volta a ter o poder sobre o próprio destino, ocupando cargos e funções simbolicamente relevantes. Além de ocupar postos tradicionalmente destinados aos homens na esfera pública (parlamento, organizações empresariais, hospitais, escolas, meios de comunicação, sociedade civil organizada), as mulheres passam a ocupar também na esfera privada o papel de provedora do núcleo familiar. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística indicam que 25% dos domicílios brasileiros têm uma mulher como chefe de família²¹.

Embora aceitando como verdadeira a afirmação de que as relações de produção não determinam exclusivamente as demais esferas sociais, entende-se que alterações no plano econômico implicam em alterações nessas esferas, daí a convicção de que a remuneração monetária pela ocupação feminina lhe possibilitou avançar cada vez mais na tomada de decisões que afetam a sua própria vida, sua família e, por consequência, toda a sociedade.

A ocupação dos espaços públicos e privados pela mulher dá a esta maior autonomia e modifica as relações familiares. Enquanto o homem moderno é o provedor exclusivo e responsável pelas decisões sobre o destino de todos os membros da família, o homem contemporâneo divide a gerência familiar e, em muitos casos, assume para si as tarefas mais representativas da condição feminina. Mudanças de comportamento social levam muito tempo para serem tidas como “normal”. Ainda que a divisão de papéis defina como femininas as tarefas domésticas, as condições econômicas, os altos índices de desemprego que atingem grande parte da população em idade produtiva e a saída da mulher para a ocupação de espaços públicos vão empurrando o homem para o desempenho de novos papéis. Tarefas como o transporte dos filhos para a escola e para o lazer, administração e organização do funcionamento doméstico (trato com empregados e prestadores de serviços, participação nas reuniões de condomínios ou da escola das crianças, limpeza e manutenção da casa) são realizadas pelo homem médio sem reserva ou vergonha de assumi-las publicamente, embora, convém ressaltar, o desenvolvimento dessas tarefas continue sendo uma atribuição feminina, e quando delas participa o homem está sendo *solidário*.

Outro fator que desencadeou grandes alterações na vida da família foi o desenvolvimento e distribuição em grande escala da pílula anticoncepcional a partir dos anos 1960. O controle da natalidade, mais do que liberar a mulher da intransponível tarefa de gerar e criar a enorme prole de que o seu corpo fosse capaz, transformou a Família numa empresa que poderia ser planejada antecipadamente pelo próprio casal.

²¹ Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2000. Brasília, 2003.

4.7.4 Criança: investimento no futuro

Uma profunda mudança no trato com as crianças começa a se configurar no final do século XI para o início do século XII, chegando ao auge no século XIX. As altas taxas de mortalidade infantil desestimulavam um maior investimento amoroso e social nessa parcela da população. Pelo mesmo motivo, as famílias tinham grandes proles, a fim de que algumas “sementes” vingassem. Às crianças não eram dispensados tratamentos diferenciados e nem delas se ocupavam os teóricos ou a ciência. Também delas não se exigia qualquer dever ou regra de comportamento, deixando-as aprender as regras no convívio com os adultos. A falta da exigência de determinado comportamento trazia consigo a ausência do erro e, conseqüentemente, da culpa, tanto para as crianças, quanto para os adultos, que não necessitavam “saber criar”, ou seja, não era necessário nenhum conhecimento específico para o trato com as crianças e nem aos pais seria atribuída a responsabilidade pelo insucesso do adulto, ou pela sua inadaptação às regras sociais. Em outras palavras, a fase infantil não tinha qualquer relação com a idade adulta. Os desvios de conduta do adulto eram motivo de vergonha para os pais, nunca de culpa pela incapacidade de ensinar ao filho o caminho do bem.

As primeiras imagens de crianças anatomicamente perfeitas datam do século XII. Antes disso, a iconografia ocidental apresentava adultos em escala reduzida. Até esse século, elas jamais apareciam sozinhas, mas sempre acompanhadas da família, o que leva a crer que não tinham um papel autônomo, mas sempre em referência à própria família.

É também no final do século XI para o XII que os “assuntos sexuais” passam a ser proibidos em presença de crianças. Delas começa a se exigir conduta moral rígida em atos e palavras, do mesmo modo que os adultos. Se a iconografia anterior apresentava a criança como um adulto em miniatura, a nova moral passa a exigir dela um “*comportamento adulto*”; os adultos já não deviam dormir no mesmo quarto com crianças e nem lhes “imitar” a fala, mas ao contrário, repreendê-las em seus erros; a consciência de que a criança *também* cometia erros leva à certeza de que nunca deveria ser deixada só, mas sob permanente vigilância.

Muda de forma profunda a relação e a função da família. A união conjugal não perde a função de unir duas ascendências, mas se lhe é agregada a função primordial de gerar as descendências e cuidar para que sobrevivam. Criam-se regras para pais e filhos. A escola passa a exercer uma função de transmissor de conhecimentos e espaço de socialização para as crianças, que até o século XVII era desempenhado apenas pela família e seu entorno. A gradativa assunção do papel de agenciadora do saber pela escola se dá entremeada de conflitos entre os que ainda reconheciam a família como depositária da herança cultural necessária à formação do futuro adulto e os que entendiam que a sociedade deveria se especializar e adequar os espaços às suas funções, elevando a escola ao grau de importante instituição social.

Como fenômeno não exclusivamente restrito às crianças, a plena vigilância passa a fazer parte da vida de todos na Alta Idade Média. Abordando a questão da disciplina como mecanismo de vigilância, Foucault (1995, p. 106) observa que

A partir do Século XVIII, se desenvolve uma arte do corpo humano. Começa-se a observar de que maneira os gestos são feitos, qual o mais eficaz, rápido e melhor ajustado [...] A disciplina é uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos. Não basta olhá-los às vezes ou ver se o que fizeram é conforme à regra. É preciso vigiá-los durante todo o tempo da atividade e submetê-los a uma perpétua pirâmide de olhares.

A partir do século XVIII, começam a surgir manuais de civilidade com regras exclusivas de conduta referentes à escola. Outras publicações são dirigidas aos pais, orientando-os a como proceder para melhorar o rendimento escolar dos seus filhos (cobrar tarefas, ajudá-los nos deveres de casa, não desdenhar da autoridade dos professores e mestres etc).

O cuidado com a saúde passa a integrar o conjunto de preocupações primordiais dos pais. É desse período que datam as primeiras campanhas de imunizações, como afirma Foucault (1995) em seus estudos sobre saúde no século XVIII, e o descobrimento da relação entre saúde e condições de higiene pessoal e do ambiente e a disseminação da responsabilidade moral e econômica dos pais sobre a criança. A separação entre adultos e crianças agora se justifica pelo avanço das técnicas médicas que prescrevem a higiene dos alimentos e dos espaços habitados. Nesse caminho, Ariès (1981) aponta que a arquitetura trabalha no sentido de “arejar” as moradias e adequar os espaços internos para funções específicas. Separa-se ainda a ala interna da ala social. A cozinha é separada da sala de refeições. A primeira é ocupada predominantemente por mulheres e empregados. A segunda, pelos homens e visitas. Tal costume se mantém ainda hoje. Casas e apartamentos de classe média e alta têm invariavelmente duas entradas, sendo uma entrada social, para os membros da família e para as visitas e outra de serviço, por onde transitam empregados e prestadores de serviços. (SCOCUGLIA, 2000).

Foucault (1995, p. 199) afirma que as relações entre pais e filhos serão regidas por

[...] todo um conjunto de obrigações que se impõe tanto aos pais quanto aos filhos: obrigações de ordem física (cuidados, contatos, higiene, limpeza, proximidade atenta); amamentação das crianças pelas mães;

preocupação com um vestuário sadio; exercícios físicos para assegurar um desenvolvimento do organismo: corpo a corpo permanente e coercitivo entre os adultos e as crianças. A família não deve ser mais apenas uma teia de relações que se inscreve em um estatuto social, em um sistema de parentesco, em um mecanismo de transmissão de bens. Deve-se tornar um meio físico denso, saturado, permanente, contínuo que envolva, mantenha e favoreça o corpo da criança. Adquire, então, uma figura material, organiza-se como o meio mais próximo; tende a se tornar, para ela, um espaço imediato de sobrevivência e de evolução.

A nova moral preconiza mudanças profundas no tratamento dispensado às crianças, regulamentando uma relação que até então se dava praticamente sem regras. Agora era necessário “ensinar” às crianças; antes elas “aprendiam” por imitação aos adultos. A aprendizagem das crianças passava a ser uma grande preocupação social e deveria, portanto, ser feita em local e horários apropriados e junto a outros da mesma idade. A escola ganha o *status* de uma instituição de grande valor social.

Percebe-se então que, para legitimar-se e manter-se, a família começa a articular-se e utilizar os saberes produzidos pelas várias instituições que tomam corpo e importância na sociedade. De certa forma, o saber empírico é substituído na escala social pelo saber científico. A educação passa a ser função da escola; a saúde e a manutenção da vida passam a ser atribuições da medicina; a adequação dos espaços passa a ser socialmente relevante, quando planejada pela arquitetura (ARIÈS, 1981; FOUCAULT, 1995; SCOCUGLIA, 2000). E a família, que antes dava conta de todos os aspectos se torna gerente de si mesma, fazendo suas escolhas a partir dos saberes que a sociedade extra-familiar lhe disponibiliza.

Haveria assim na cultura ocidental a passagem da família medieval, tipicamente fechada em si mesma para a família moderna, em fase de urbanização, e desta para a

família contemporânea, predominantemente urbana. A família ocidental do século XXI, portanto, vem sendo moldada desde a Idade Média. Para ARIÈS (1981, p. 223), o século XVIII culmina um processo iniciado no século XIV, com uma grande valorização do sentimento de família. “Daí em diante, a família não é apenas vivida discretamente, mas é reconhecida como um valor e exaltada por todas as forças da emoção.”

A valorização da criança, cujo início se dá na passagem da Idade Média para a Idade Moderna, engloba a fase adolescente no final do século XX e transforma o eixo da família de classe média. Herdeira da família patriarcal do século XIX, a família contemporânea brasileira sofreu profundas rupturas em relação ao modelo anterior. O papel da criança/adolescente, tal como o dos adultos, também passou por mudanças na estrutura familiar. Se antes esse membro não tinha qualquer ingerência sobre as escolhas internas e externas do grupo, os primeiros anos do novo milênio apontam para um certo estranhamento dos pais na tarefa de conduzir a prole e a família. Sob o título “Filhos Tiranos, Pais Perdidos”, em matéria de capa, da Revista Veja, Marthe (2004, n. 7, p.71) afirma que

Com a revolução comportamental dos anos 60, a difusão dos métodos pedagógicos modernos e a popularização da psicologia, a liberdade passou a dar o tom nas relações entre pais e filhos. A tal ponto que hoje se vive o oposto da rigidez que pontificava antes disso: em muitos lares, os pais é que se sentem desorientados e os filhos, na ausência de quem estabeleça limites à sua conduta, assumiram o papel de tiranos.²²

A idealização da criança como modelo de perfeição e necessitada dos cuidados da sociedade, entretanto, só pode ser aplicada à vida privada ou individual. No Brasil, é

²² O estranhamento dos papéis sociais intra-familiares previamente definidos pode ser verificado numa pesquisa realizada pela autora com as 51 edições da Revista “Veja” em 2003, que comprova a publicação em

estabelecido como princípio que os casais devem regular a própria vida em função das suas crianças, programando inclusive o número de filhos de acordo com as suas possibilidades financeiras, a fim de poder lhes garantir condições satisfatórias para o seu crescimento e desenvolvimento emocional e financeiro, preceito profundamente incorporado pelas classes médias. Entretanto nas classes populares ou marginalizadas, quando se trata das crianças cujos pais não seguiram esse princípio de regulamentação da própria vida em função delas e que por isso mesmo necessitam do cuidado da sociedade como corpo organizado, essa mesma sociedade produz um sentimento de medo em relação a estas. Diferentemente da criança ideal, que encarna a esperança no futuro, essa criança real que perambula pelas ruas, preenchendo o espaço das cidades, é a ameaça e deve ser estirpada para que o mal não se concretize. A sua presença não desperta encantamento, mas medo. A sua facilidade de localização espacial pelas ruas, tantas vezes longe de casa, bem como as táticas que desenvolve para sobreviver aos perigos que a vida lhe apresenta, não são consideradas vestígios de desenvolvimento intelectual e cognitivo, mas ao contrário, são vistas como sinais de alerta de que é preciso manter delas uma distância protetora.

Por outro lado, não se pode desconsiderar um certo sentimento que relaciona o descuido da sociedade para com essas crianças e um dos grandes problemas que afligem as populações das cidades maiores, qual seja, a insegurança. Por *feeling* ou mesmo pela percepção da diferença das condições reais de vida a que são submetidas as crianças amparadas e aquelas entregues à própria sorte, a sociedade começa a perceber como sua a responsabilidade das crianças que produz. Ainda que, de maneira incipiente, a irrupção de uma nova percepção na sociedade aponta para a legitimação da criança como

responsabilidade social. Em certo sentido, tal percepção é estimulada, também, por ações desencadeadas na mídia, seja através de depoimento de personalidades midiáticas, seja através do desenvolvimento sistemático de tramas ficcionais (novelas) sobre problemas da infância.

Como vestígio dessa valorização da criança/adolescente como responsabilidade não só da família, mas como investimento para o futuro da própria sociedade, pode-se apontar a criação de um conjunto de instrumentos que lhe garanta o crescimento e proteção. No campo das ciências, surgiram disciplinas como psicologia infantil, pediatria/hebiatria, pedagogia etc. No campo da legislação, foram criados mecanismos específicos para a proteção à infância e à adolescência. Dois exemplos pontuam essa preocupação: a promulgação no Brasil do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA –, no ano de 1990 (Lei 8.069, de 13.07.90); e a transformação da Pastoral da Criança, organização da Igreja Católica que promove ações de promoção da saúde de crianças de 0 a 6 anos, em uma das maiores Organizações Não-Governamentais do País, inclusive com mais de uma indicação ao Prêmio Nobel da Paz.

O desenvolvimento de uma arqueologia²³ da instituição familiar, desde a Idade Média até à contemporaneidade, apresentando o quadro das transformações do qual foi sujeito e cenário, tem por finalidade tornar compreensíveis os modos operativos e subjetivos constituintes da família de classe média “como prática social e, como tal, constituída historicamente”. (FOUCAULT, 1995, p. X).

(37,5%), casamento (34%), mulher (12,5%), homossexuais (12,5%) e homem (3,5%).

²³ A idéia da prática arqueológica nas ciências sociais é tem por base a proposta de Foucault (1995)

4.8. TELEVISÃO

Desde a sua criação, a televisão faz parte do cotidiano das pessoas. Uma melhor compreensão de como se dá essa convivência será facilitada com a abordagem teórica do fenômeno. Muitos teóricos das ciências humanas das mais variadas correntes de pensamento não hesitam em apontar a televisão, ou a convivência estreita entre esta e as pessoas, como responsável por muitas transformações por que passa a sociedade. Muitos estudos nessa área ou ainda aqueles que “passam” pela televisão, mesmo que esse não seja o seu foco principal, percebem essa relação como negativa, seja por qual ângulo for observada. Alguns teóricos de linha mais “conservadora” vêem na televisão a decadência da família, a mudança nas relações entre pais e filhos com franca vantagem para os últimos. Outros a apontam como estimuladora do consumo, instrumento de alienação e dominação das classes dominantes sobre aquelas faixas da população que, na sua opinião, não têm capacidade para discernir e fazer as próprias escolhas.

Uma análise mais aprofundada da questão desemboca em muitos fatores que são, conjunta e individualmente, determinantes para as grandes mudanças comportamentais verificadas no último século: urbanização, industrialização, adoção das regras do capitalismo, inclusive na área rural, e também em países comunistas como a China, por exemplo, aumento da população alfabetizada e maior valorização da escolarização, organizações sociais como sindicatos, partidos, associações de moradores, ONGs etc. Tais modificações não ocorreram simultânea, nem linearmente em todas as partes do mundo, mas é inegável que o século XX causou imensas rupturas na história.

O fenômeno da imensa penetração da televisão na vida das pessoas e o seu papel na disseminação de informações – componentes fundamentais para a construção das representações que as sociedades elaboram – têm sido objeto de estudo por diversos campos das ciências humanas. À guisa de definição conceitual, faz-se necessário um aprofundamento das diversas abordagens do que seja a comunicação de massa ou o processo de massificação da sociedade.

4.8.1 Massificação

Martín-Barbero (2001, p. 55) afirma que o processo de massificação da sociedade não é decorrente da disseminação dos meios eletrônicos de comunicação, a partir dos anos 1930, com o rádio. Esse processo começa com o desenvolvimento da industrialização, a urbanização das cidades e a descoberta do povo pela Aristocracia, quando há um grande número de publicações sobre a vida nas cidades e o fenômeno das massas, destaques para Tocqueville, (1835) Stuart Mills (na segunda metade do século XIX) e Le Bon (1895). As bases tecnológicas para esse processo começam a ser implementadas a partir do final do século XVIII com o desenvolvimento do telégrafo, de padrões monetários, lingüísticos e comerciais e dos sistemas de transportes, tanto férreos, quanto fluviais e terrestres. Mattelart (2000, p.52) afirma que os primeiros gêneros da cultura de massa “tomam forma definitiva na França a partir de 1830/1840” com a “literatura produzida em série ou literatura industrial, conforme a expressão da época”, e continua: “As leis do gênero encontram-se na encruzilhada das tradições da literatura popular de culturas tão diferentes como as da Inglaterra e Espanha.” Canclini (2001a, p.

237) faz afirmação semelhante quando propõe que “a industrialização e a urbanização, a educação generalizada, as organizações sindicais e políticas foram reordenando, segundo leis massivas, a vida social desde o século XIX, antes do surgimento da imprensa, do rádio e da televisão”. É na cultura de massa que a informação gerada num espaço e tempo determinados passa a ter influência sobre as ações produzidas em tempos/espaços distintos, num processo ao qual Thompson (2004, p.86) denomina de “experiência espaço-temporal descontínua”.²⁴

É necessário, pois, uma mudança de enfoque para perceber que o fenômeno massivo não é necessariamente o resultado da aculturação das classes dominadas, a partir da absorção da cultura das classes dominantes, ou seja, pode-se afirmar, citando Canclini (2001a, p.190), que a assimilação da cultura de massa pelo espectador não se dá de uma forma linear, “com um sentido fixo, mas sim mediante o contato instável com mensagens que se difundem em múltiplos cenários, propiciando leituras diversas.” Martin-Barbero (2001, p. 81) chega a questionar se, “na origem da indústria cultural, mais que a lógica da mercadoria, estivesse de fato a reação frustrada das massas ante uma arte reservada às minorias?”

Seguindo a trilha desenvolvida por Thompson (2004, p. 32), o termo “comunicação de massa” pode suscitar significados não verificáveis empiricamente, além de não mais responderem às mudanças fundamentais na natureza das comunicações mediadas contemporaneamente, a saber: homogeneização e passividade do receptor. Seguindo a definição desse autor, a expressão “comunicação de massa” (que ele propõe

²⁴ Ver as condições estruturais que possibilitaram as modificações na percepção social do espaço e do tempo em Thompson (2004, p. 36-42 e 82-91) e Mattelart (2000, p.15-30)

seja substituída por “comunicação mediada”) se refere “à produção institucionalizada e difusão generalizada de bens simbólicos através da fixação e transmissão de informação ou conteúdo simbólico”. Citando Shils, Martin-Barbero (2001, p. 70) coloca que

‘a sociedade de massa suscitou e intensificou a individualidade, isto é, a disponibilidade para as experiências, o florescimento de sensações e emoções, a abertura até os outros [...], liberou as capacidades morais e intelectuais do indivíduo.’ Desse modo, massa deve deixar de significar anonimato, passividade e conformismo.

Esse autor entende que a massificação é uma forma de organização social, que se corporificou a partir do acesso de grandes contingentes das populações – a massa – aos bens que historicamente eram restritos a pequenas camadas.²⁵

4.8.2 Completando as faltas

A partir dos anos 1950, a sociedade se percebe “invasa” pelos MCMs, em especial pela televisão. Este foi o MCM que também provocou significativas transformações nos modos de organização social, misturando o que é público e o que é privado, participação social com assistência midiática, fragmentação com concentração, mudando profundamente a relação do indivíduo com a sociedade.

A audiência à televisão modificou a angulação do olhar sobre os fatos e suas repercussões. O fascínio imagético, despertado, sobretudo, pela narrativa desse veículo de comunicação, substitui a experiência real através da apresentação de um eterno presente sem passado gerador e sem futuro decorrente. O teor de verdade que emana da televisão se

²⁵ Para uma abordagem mais aprofundada sobre comunicação de massa, ver: Thompson (2004, p.30-36)

justifica, entre outras coisas, pela sua capacidade de ser onipresente e de absorver todos os aspectos de um fato, todos os acontecimentos de um dado momento e em todos os lugares do mundo, porque captados por muitas câmeras, condição impossível para o ser humano. A televisão transforma-se, assim, no testemunho fiel da realidade, complementando a incapacidade do olho e da percepção do homem. As formas de convivência e apreensão do mundo dos indivíduos na sociedade contemporânea assume primordialmente a forma midiaticizada. A vida nos chega pela televisão.

[...] a relação que nós temos com o mundo hoje é uma relação de segunda natureza, a nossa relação primária hoje é com os Meios e principalmente com a Televisão e não com a realidade. Dizendo de outro modo, cada vez mais as informações que nós temos do mundo derivam menos da experiência direta que nós temos e depende cada vez mais das informações que são veiculadas midiaticamente. (Informação Verbal)²⁶

Canclini (2001a, p. 263) afirma que mesmo os acontecimentos próximos das pessoas lhes chegam através dos MCMs, enquanto Thompson (2004, p.38) propõe que a mídia criou uma mundanidade mediada, ou seja, “nossa compreensão do mundo fora do alcance de nossa experiência pessoal, e de nosso lugar dentro dele, está sendo modelado cada vez mais pela mediação de formas simbólicas.” Para Canclini (2001a, p. 145), a televisão difunde intensivamente as suas mensagens e dessa forma pode sugerir modos de condutas eventuais, embora não tenha a capacidade de criar hábitos duradouros nos indivíduos.

A forma midiaticizada da vida contemporânea, entretanto, não significa abstenção do sujeito de participar das experiências, mas uma outra forma de vivência. De

acordo com Featherstone (1997, p. 155), o ato de uma família em sua sala assistir eventos, como cerimônias ou festas nacionais, por exemplo, constitui um modelo de participação, diferenciado daquele que requer a presença física. O mesmo autor afirma que essa participação se apóia no conhecimento dos indivíduos de “que um número incalculável de outras pessoas está fazendo exatamente a mesma coisa.” Talvez seja possível atribuir a origem de grande parte do sentimento de insegurança que domina a população brasileira atualmente mais ao que é divulgado através dos noticiários, do que pelo presenciamento real de situações de violência pelos sujeitos, ou seja, os indivíduos são atingidos através de uma outra forma de vivência: a forma midiaticizada.

Cerca de vinte anos após o início da sua disseminação (anos 1960/70), a televisão passou a ser identificada como algo ligado às classes populares, provavelmente por sua difusão ser expandida, devido a fatores como o barateamento dos equipamentos, a praticidade da utilização (não é necessário sair de casa) etc. E exatamente por estar ligada às camadas populares é considerada como não culta ou de baixo nível cultural.

Diferentemente das outras manifestações artísticas, como artes plásticas, teatro, cinema e literatura, cujo público e produtores sempre foi formado por camadas mais ricas, a televisão brasileira desenvolveu um padrão estético baseado nos temas predominantemente populares, incluindo linguagem e expressões comportamentais pouco ou nunca utilizados pelas artes cultas. O interesse em programas policiaescos, que exploram a tragédia humana pode ser entendido, por exemplo, se se observar que eles têm semelhanças com os contos

²⁶ Afirmação de João Emanuel Evangelista de Oliveira, durante a disciplina: Seminários de Dissertação. Em Natal, em 30 de junho de 2004.

fantásticos, inclusive histórias contadas a crianças²⁷. A televisão desenvolveu uma linguagem que foi sendo ao mesmo tempo apreendida e construída pelas populações que não tinham conhecimento dos padrões estéticos das outras artes, conjuntamente com a classe média, cuja possibilidade real de consumo da arte erudita fora sempre inviabilizada pelo custo financeiro e pelo domínio incipiente da gramática dessa arte. Entretanto, desconhece-se que, para entender o significado das mensagens desse veículo, para poder ressignificá-las, assim como os demais produtos da indústria cultural, é necessário o domínio de um saber sistematizado e que, talvez por estar fora do mercado cultural erudito, o povo desenvolveu esse saber. Esse desconhecimento é uma manifestação de preconceito que reafirma a idéia de uma cultura “superior” que emana dos centros “mais desenvolvidos”, em relação a uma cultura “inferior” que provém das “periferias subdesenvolvidas”.

A classe média, cujo padrão estético, antes da disseminação dos meios impressos e eletrônicos de comunicação, era predominantemente influenciado pela elites intelectuais, liberou-se para fazer valer as suas opiniões, gestos e aspirações. As camadas médias não abandonaram o papel de consumidoras das manifestações artísticas cultas, mas lhes foi agregado o papel de ressignificadoras desses elementos, tornando-se então uma importante mediação para a elaboração de uma nova linguagem nos MCMs.

Ocorre, então, uma espécie de cisão nos planos de criação e do consumo de arte, com as camadas médias, de um lado, devorando continuamente os produtos de uma

²⁷ As histórias que se contavam às crianças, pelo menos até a década de 1970, continham elementos de narrativa que remetiam a ações do tipo: o lobo mau que come a vovó; a mocinha que é morta pelo monstro, o bicho de sete cabeças que come a criança.

elaboração considerada subintelectual mas compatível com o seu gosto e seu elenco de aspirações, e de outro, a elite que, insulada por suas dificuldades de comunicação, tende a produzir para um grupo cada vez mais reduzido e, em certa medida, para o próprio consumo, mergulhando, assim, no processo autofágico, esterelizante e mortal. (COSTA, 1974, p. 69)

A capacidade de ressignificação do conteúdo midiático não pressupõe a negação de que há uma relação de forças e de hegemonia. Com base no referencial teórico que norteia este trabalho, entende-se que os modos que o sujeito utiliza para proceder à assimilação das mensagens midiáticas assumem um caráter de “autonomia relativa”. Reconhecer a existência da “autonomia relativa” por parte do receptor frente à televisão é perceber a sua condição de sujeito, e também a situação de dominação a que está submetido. Os MCMs assumem modos transversais de presença na cotidianidade, embora, como defende Martin-Barbero (2001, p.12), deva se manter a postura crítica de que essa presença não diminui as desigualdades e de que não é a era da comunicação e da informação o substituto da luta de classes na história. A televisão não é, portanto, responsável pelos destinos das pessoas, mas um sinalizador das mudanças que a sociedade produz. A família, assim como o seu entorno, transforma-se, junto à sua vivência, com a televisão.

4.8.3 Teoria Crítica, Funcionalismo

Desde as primeiras definições da comunicação grupal como objeto de estudo, duas tradições marcaram os enfoques: a teoria crítica, desenvolvida pela Escola de Frankfurt, e a teoria funcionalista, desenvolvida pela sociologia americana.

O fenômeno da comunicação de massa leva estudiosos da chamada “Escola de Frankfurt” a conclusões apocalípticas de que a televisão determinaria comportamentos sociais e seria responsável pelos modos de vida, valores assumidos das pessoas e também pela manutenção do poder das classes dominantes sobre as dominadas.

Tendo seus maiores expoentes vindos do Institut für Sozialforschung – Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, na Alemanha, a Escola de Frankfurt com a teoria crítica tenta “fundir o comportamento crítico nos confrontos com a ciência e a cultura com a proposta política de uma reorganização racional de sociedade, de modo a superar a crise da razão” (WOLF, 1999, p. 82). Essa teoria, cuja orientação é predominantemente marxista, entende que os MCMs utilizam a indústria cultural como instrumento de dominação e perpetuação dos valores das classes detentoras dos meios de produção sobre as classes trabalhadoras. É preocupação da Escola de Frankfurt entender “as estruturas e os processos pelos quais as instituições das comunicações de massa mantêm e reproduzem a estabilidade social”. (WOLF, 1999, p. 108) Para Adorno (1987, p.288), o consumidor “não é o sujeito dessa indústria (cultural), mas o seu objeto.” E para manter a dominação sobre as massas, é, pois, necessária a adaptação às pressões, às contradições que emergem da sociedade, englobando-as no próprio sistema cultural.

Dois importantes teóricos da Escola de Frankfurt – Max Horkheimer e Theodor Adorno – criam o conceito de “indústria cultural” em substituição ao termo “comunicação de massa”, em função de que, na sua opinião, o segundo termo estaria sendo identificado como “cultura espontânea das massas” ou como “cultura popular”. Adorno (1987, p.287) afirma que a indústria cultural “força a união dos domínios, separados há milênios, da arte

superior e da arte inferior”, criando uma nova categoria que não pode ser considerada como arte ou cultura, mas apenas mercadoria. Com esse processo, reitera, a arte superior perde “seriedade” e a arte inferior “perde [...] a sua natureza resistente e rude”. Por esta visão, o que é legitimamente popular é visto como o que está preso ao passado, negando-lhe o processo de contaminação, de comércio com a cultura oficial, hegemônica, conferindo-lhe uma autonomia impossível de ser realizada no mundo social de interconexões e cruzamentos de toda ordem. Por outro lado, tem-se designado de primitivo ou de inferior aquela cultura que, como afirma Martin-Barbero (2001, p. 43), é “admirável, porém atrasada do desenvolvimento humano”, numa visão econômico-elitista da cultura, dominante ainda hoje.

Impregnado com os ideais da razão como chave para a resolução dos problemas, Adorno (1987, p. 294) argumenta que a indústria cultural é o “anti-Aufklärung” e que “Ela impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e decidir conscientemente”, por assimilarem produtos “fúteis, insignificantes e elementares.”

O conceito de indústria cultural, criado ainda na segunda metade dos anos 1940, antes da difusão da televisão, mas já sob influência do rádio, do cinema e das revistas, será referência basilar para a grande maioria dos estudos sobre os MCMs nos próximos 60 anos. Ainda hoje se utiliza o termo indústria cultural para definir a produção midiática, ou seja, bens culturais que não são “produzidos artesanal ou individualmente, mas através de procedimentos técnicos, máquinas e relações de trabalho equivalentes aos de quaisquer outros produtos da indústria” (CANCLINI, 2001a, p. 238). O conceito, entretanto, não dá conta dos usos que fazem os receptores, pois na sua origem o que

interessava era saber “*what television does to people*” (ADORNO, 1987a, p. 347). Quando se fala de indústria cultural,

[...] a relação de predomínio do emissor sobre o receptor é a idéia que primeiro desponta, sugerindo uma relação básica de poder, em que a associação entre passividade e receptor é evidente. Como se houvesse uma relação sempre direta, linear, unívoca e necessária de um pólo, o emissor, sobre outro, o receptor; uma relação que subentende um emissor genérico, macro, sistema, rede de veículos de comunicação, e um receptor específico, indivíduo, despojado, fraco, micro, decodificador, consumidor de supérfluos; como se existissem dois pólos que necessariamente se opõem, e não eixos de um processo mais amplo e complexo, por isso mesmo, também permeado por contradições. (SOUZA, 1995, p. 14)

Em contraponto à Escola de Frankfurt, cujas linhas teóricas são notadamente marxistas, nos Estados Unidos, a teoria funcionalista define os meios de comunicação social como agentes cuja função é dar equilíbrio ao sistema social. A linha básica da Escola Funcionalista pode ser caracterizada como a investigação do funcionamento e da estrutura dos MCMs, com vistas à sua mais perfeita utilização dentro do sistema social.

A Escola Funcionalista cria a teoria hipodérmica, segundo a qual

a massa é constituída por um conjunto homogêneo de indivíduos, enquanto seus membros, são essencialmente iguais, indiferenciáveis, mesmo que provenham de ambientes diferentes, heterogêneos, e de todos os grupos sociais. Esse público é atingido pela mensagem (WOLF, 1999, p.25).

Mais tarde a mesma Escola faz a crítica dessa posição e afirma que a massa-público não responde cegamente ao estímulo (das mensagens). Interferem nesse processo outras variáveis sociais (família e grupos sociais a que os indivíduos pertencem). (WOLF, 1999, p. 29 – 33)

Para entender a influência dos MCMs sobre o público, a Escola Funcionalista, através do Modelo de Lasswel²⁸, propõe que é necessária a análise da forma e dos conteúdos das mensagens dos MCMs. A sociologia funcionalista defende a manutenção dos valores do sistema social capitalista vigente nos países ocidentais e a utilização dos meios como reguladores da sociedade, concedendo-lhes o *status* de instrumentos da democracia.

Na tentativa de entender as escolhas dos receptores dos meios de comunicação de massa, surge na Inglaterra uma corrente teórica denominada “estudos culturais”. Para os teóricos dessa linha, a comunicação social é um fenômeno cultural e como tal deve ser entendido, ou, por outra, não se pode proceder à análise desse processo sem o entendimento das relações culturais e sociais entre os indivíduos. Colocando-se como uma teoria capaz de refutar os postulados da análise funcionalista americana e, embora tenha como princípio o marxismo, os Estudos Culturais, emanados do CCCS – “*Centre of Contemporary Cultural Studies*” – da Universidade de Birmingham, na Inglaterra, adaptam, na sociologia da comunicação, conceitos estruturados por Mikhail Bakhtin para o estudo da lingüística, procurando dimensionar o caráter dialógico da relação entre meios e recepção. Em seu artigo “*Encoding/Decoding*”, escrito em 1973, Stuart Hall expõe os pressupostos dos estudos culturais. Nele

[...]examina o processo de comunicação televisiva segundo quatro momentos distintos – produção; circulação; distribuição/consumo; reprodução – que apresentam suas próprias modalidades e suas próprias formas e condições de existência, mas articulam-se entre si e são determinadas por relações de poder institucionais. A audiência é ao

²⁸ Para cumprir a função comunicativa, Harold Lasswel, sociólogo americano, propõe que a mensagem deve responder às seguintes questões: quem? (who), fez o que? (what), aonde? (where), quando? (when), por que razão? (why). A fórmula foi denominada lead e adotada pelo jornalismo americano e brasileiro.

mesmo tempo o receptor e a fonte da mensagem, pois os esquemas de produção – momento de codificação – respondem às imagens que a instituição televisiva se faz da audiência e a códigos profissionais. Do lado da audiência, a análise de Hall definiu três tipos de decodificação: dominante, oposicional e negociada. O primeiro corresponde aos modos de ver hegemônicos, que aparecem como naturais, legítimos, inevitáveis, o senso comum de ordem social e de um universo profissional. O segundo interpreta a mensagem a partir de um outro quadro de referência, de uma visão de mundo contrária (por exemplo, traduzindo o ‘interesse nacional’ por ‘interesse de classe’). O código negociado é uma mescla de elementos de oposição e de adaptação, um misto de lógicas contraditórias que subscreve em parte as significações e valores dominantes, mas busca numa situação vivida, em interesses categoriais, por exemplo, argumentos de refutação de definições geralmente aceitas. Esse artigo orientou várias pesquisas do CCCS sobre a televisão. (MATTELART ; MATTELART, 2000, p. 109 – 110)

Por outras palavras, reconhece-se que, ao consumir o conteúdo midiático, o receptor, mesmo sem participar da sua produção, tem papel ativo na produção dos significados dessas mensagens, e que tal significação tem estreita relação com o contexto de vida do receptor.

A investigação dos usos e da recepção empreendidos pelo sujeito é defendida por Featherstone (1997), como chave para a ultrapassagem do pensamento da teoria crítica, que desloca para a produção do conteúdo midiático o eixo central do entendimento do consumo. O autor entende que os estudos culturais apontam para a importância da cultura de massa ou cultura popular, “que já não devem mais ser vistas como degradadas e vulgares”, descartando a hipótese de uma separação rígida entre esta e a cultura erudita.

Na realidade, defende-se a integridade da cultura das pessoas comuns e lança-se uma suspeita sobre o empreendimento da elaboração de uma esfera cultural autônoma, com suas hierarquias simbólicas rígidas, cânones exclusivos e classificações. (FEATHERSTONE, 1997, p. 40)

4.8.4. Um novo olhar sobre o mesmo objeto

Na América Latina, os estudos da recepção *ou* mediações, cuja base teórica se aproxima dos estudos culturais britânicos, relativizam o poder dos MCMs, sobretudo da televisão, percebendo o processo de significação das mensagens veiculadas não só como espaço de manipulação, mas também de conflito. Longe de tentar entender o processo comunicacional a partir dos Meios, seja entendendo-os como arautos da democracia (Funcionalistas) ou como instrumentos da dominação e exploração capitalistas (Frankfurtianos), os estudos culturais latino-americanos²⁹ propõem que, para entender a comunicação, é necessário transferir o olhar para os receptores e entender como eles recebem, negociam, assimilam ou não, transformam e repassam as mensagens midiáticas, a partir das contradições de sua vida cotidiana, de seus saberes, de suas certezas e suas dúvidas. Em outras palavras, entender o lugar que ocupam na sociedade.

Os meios de comunicação são vistos, no caso, não apenas como veículos, mas como expressão de uma instância pública que indaga, e também reconhece, os espaços de construção de valores, ainda que sejam valores grupais. Tais espaços são ao mesmo tempo de negociação e de debates, já que os valores, longe de serem expressão de sentido dado apenas pelo produtor ou pelo receptor, são o que exprimem o processo mesmo no qual eles ocorrem. (SOUZA, 1995, p. 36)

Essa corrente teórica atravessa os vários campos das ciências humanas como a antropologia, a sociologia, a história e os estudos da ciência da comunicação, trazendo consigo a transdisciplinaridade como pressuposto fundamental para o entendimento do processo comunicacional. As linhas conceituais determinantes desses estudos são fundamentadas nos trabalhos de autores como Jesús Martín-Barbero, Nestor Garcia

²⁹ Definição de ESCOSTEGUY (2001)

Canclini, Guillermo Orozco, Renato Ortiz, Paulo Freire etc. Mattelart e Mattelart (2000, 119) afirmam que

Se a América Latina aparece na vanguarda nesse gênero de estudos é porque ali se desencadeiam processos de transformação que abalam as velhas concepções de agitação e propaganda e porque, nessa região do mundo, o desenvolvimento da mídia é então bem mais importante do que em outras regiões do Terceiro Mundo.

Para Martin-Barbero, a recepção não é, pois, mais uma *etapa* do processo comunicacional. Ela é um *lugar* novo para o entendimento desse processo. E é desse lugar que se pretende olhar a significação das mensagens para o receptor, que “ocupa um espaço contraditório, o da negociação, da busca de significações e de produções incessantes de sentido na vida cotidiana.” (MARTIN-BARBERO, 1995, p. 39)

Diferentemente das conclusões das Escolas Funcionalista e Frankfurtiana, aqui

[...] o receptor deixa de ser visto, mesmo empiricamente, como consumidor necessário de supérfluos culturais ou produto massificado apenas porque consome, mas resgata-se nele também um espaço de produção cultural. Esse receptor é melhor percebido no mundo da cultura em produção, mais popular, em que a própria comunicação se encontra (SOUZA, 1995, p. 26 – 27).

A teoria da recepção reconhece no receptor o sujeito e produtor de subjetividade. Por este paradigma, a comunicação é vista “como um processo dialógico onde a verdade, que não será nunca mais a mesma, nasce da intersubjetividade” (MATTELART, 1989 apud JACKS, 1995, p. 151). Não se pode, pois, ignorar a relação entre comunicação/cultura, emissor/receptor e codificação/decodificação para a análise do processo comunicacional e nem o papel da mediação, não circunscrita ao lugar positivista

do *gatekeeper* ou líder grupal, mas como pano de fundo onde se realiza a produção de significados. De acordo com Jacks (1999, p. 48):

Mediação pode ser entendida [...] como um conjunto de elementos que intervêm na estruturação, organização e reorganização da percepção da realidade em que está inserido o receptor, tendo poder também para valorizar implícita ou explicitamente esta realidade. As mediações produzem e reproduzem os significados sociais, sendo o ‘espaço’ que possibilita compreender as interações entre produção e recepção.

A visão reducionista da relação entre o espectador e a televisão transforma essa relação em simples função de reprodução da dominação de classe e invalida as negociações, confrontos e táticas utilizadas pelo receptor para contrapor o discurso midiático. Para a apreensão do fenômeno televisivo dentro da família, é necessário entender de que forma o receptor interage com a televisão: como ele olha (vê), fala e cala para dar sentido ao seu ato.

[...] aquilo que se vê depende do lugar em que foi visto, e das outras coisas que foram vistas ao mesmo tempo (Geertz)

5 CONHECENDO AS FAMÍLIAS

Conforme já apresentado na Sessão 3: O Mapa do Caminho, foram entrevistados 41 membros de 13 núcleos familiares, que por sua vez são oriundos de duas famílias, denominadas “Família Silva” e “Família Lima”.³⁰

5.1 FAMÍLIA SILVA

A Família Silva é composta de três grupos familiares, divididos em seis núcleos (Figura 1), totalizando 21 pessoas: 15 adultos, um adolescente e cinco crianças com idade igual ou inferior a 10 anos. Os núcleos são denominados “Silva Jardim”, “Silva Moraes”, “Silva Machado”, “Silva Carvalho”, “Silva Ferreira” e “Silva Pereira”.

O quadro abaixo apresenta a composição parental dos 21 integrantes dos núcleos familiares e suas respectivas idades.

Silva Jardim	Silva Moraes	Silva Machado	Silva Carvalho	Silva Ferreira	Silva Pereira
Mãe (79)	Pai (50)	Pai (35)*	Pai (82)*	Pai (53)	Pai (38)*
Filho (53)	Mãe (55)	Mãe (34)	Mãe (78)	Mãe (38)	Mãe (30)
-	Filha (38)	Filha (10)	-	Filha (23)	Filha (8)
-	Filha (15)	Filha (2)	-	Filha (24)	Filha (2)
-	-	-	-	Filha (2)	-

Quadro 2 – Idade Cronológica dos Integrantes da Família Silva³¹

³⁰ Para efeito de entendimento, serão utilizadas as seguintes nomenclaturas: **núcleo familiar** ou **núcleo** para a **família celular**, composta de pais e filhos solteiros e que morem na mesma casa; **grupo familiar** ou **grupo** para os **núcleos familiares** com grau de parentesco direto, como o núcleo dos pais com o de um filho casado; e **família** para todo o conjunto de pessoas que têm o mesmo sobrenome.

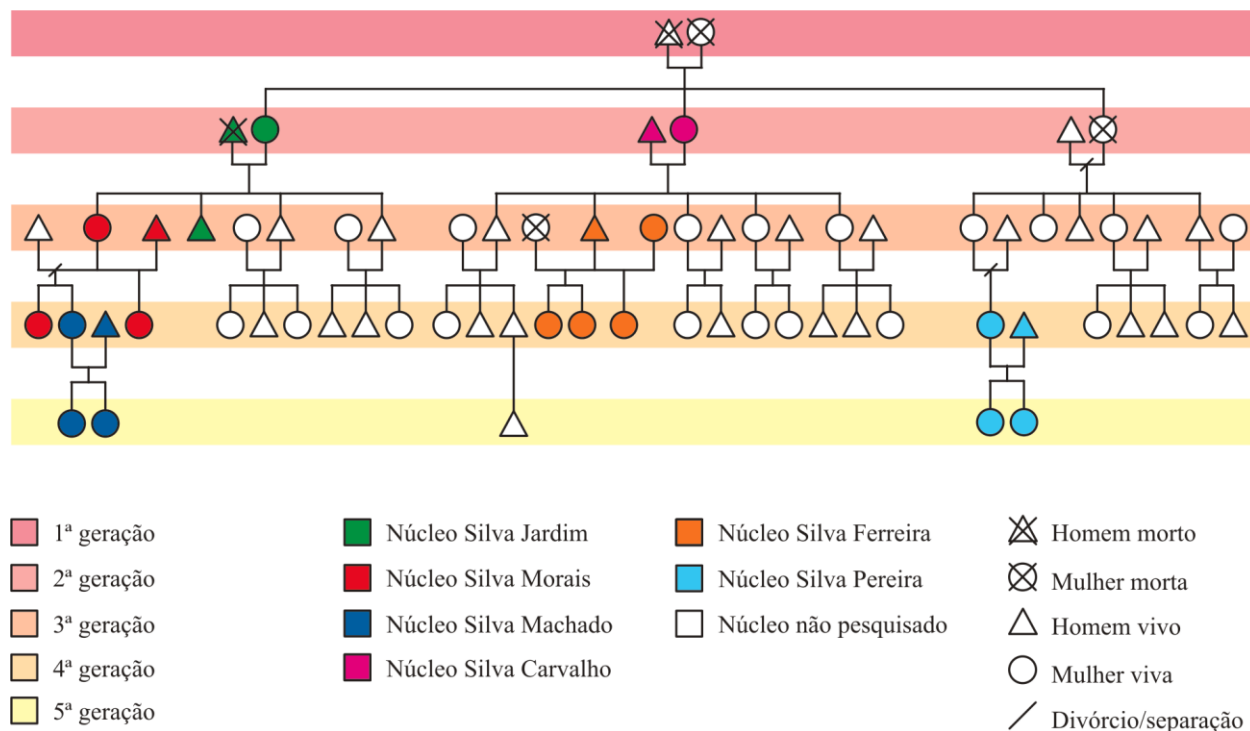
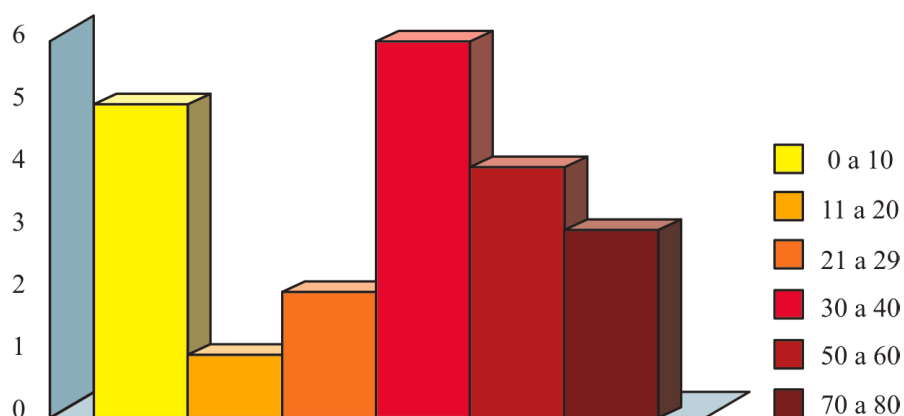


Figura 1 – Genograma da Família Silva

Como mostra a Figura 2, o grupo é formado por indivíduos situados em variadas faixas etárias, o que, de certa forma, garante uma multiplicidade de experiências com a televisão. Há expressiva parcela do grupo entrevistado (seis pessoas) com idade variando entre 10 e 35 anos. Confrontando a história da televisão e o início da disseminação dos aparelhos em Natal, pode-se propor que os indivíduos situados nessa faixa de idade não

³¹ As pessoas marcadas com asterisco (*) não foram entrevistadas; Estão listados apenas os integrantes que moram na mesma casa, não tendo sido incluídos os filhos que já são casados; Os filhos de casamentos anteriores são listados como sendo do casal.

têm memória anterior à televisão, ou seja, já nas primeiras lembranças existia o aparelho de tv na sua casa ou em casas às quais tinha acesso (televisinha). O grupo de pessoas com mais de 50 anos também é expressivo. Sete pessoas têm essa faixa de idade, sendo 4 pessoas com idade entre 50 e 60 anos e três com idade entre 70 e 80 anos. Ainda que, por decisão metodológica, não tenham sido entrevistadas, as crianças com 10 anos ou menos



representam 23,8% da composição familiar e poderão ter interferência nas escolhas relativas à audiência. Não há pessoas na faixa etária entre 40 e 50 e nem entre 60 e 70 anos.

Figura 2 - Faixas etárias da
Família Silva

5.1.1 Aspectos Socioeconômicos

O papel de provedor do núcleo familiar é desempenhado pelo homem ou conjuntamente pelo casal. Uma característica marcante dos núcleos familiares é o fato de todas as mulheres trabalharem ou serem aposentadas, indicando que já tiveram um trabalho fora de casa, o que lhes garante relativa autonomia financeira em relação aos maridos. Mas, apesar disto, em todos os casos, a tarefa de administração ou execução das funções domésticas e do cuidado com os filhos é tida como de responsabilidade feminina.

A Família Silva é composta por funcionários públicos federais e estaduais, funcionários de empresas privadas e de ONGs, alguns em exercício, outros aposentados. (ver Quadro 3). Com exceção de uma, as demais mulheres desenvolvem alguma atividade profissional. A única que está sem atividade profissional no momento era comerciante em outra cidade e está à procura de emprego. Os pais no núcleo mais jovem estão na faixa de 30 anos e, no mais velho, na faixa de 80 anos.

	Pai	Mãe	Filho(a) 1	Filho(a) 2	Filho(a) 3
Silva Jardim	–	Aposentada	Func. federal	–	–
Silva Moraes	Func. federal	Func. estadual	Prof. Liberal	-	–
Silva Machado	Func. emp. privada	Sem emprego	-	-	–
Silva Carvalho	Aposentado	Aposentada	–	–	–
Silva Ferreira	Militar reserva/comerciante	Comerciante	Func. ONG	Estag. em emp. privada	-
Silva Pereira	Func. emp. privada	Func. ONG	-	-	–

Quadro 3 – Profissão dos Integrantes da Família Silva

A escolarização é de nível médio e superior para os mais jovens e de nível fundamental para os mais velhos, como se vê no quadro abaixo. O nível de escolarização dos grupos demonstra que a Família foi tendo acesso a um maior aprofundamento na escolarização. Entre os pais, há os três níveis de escolarização (fundamental, médio e superior) com maior predominância do nível médio. Entre as mães, também são encontrados os três níveis, sendo maior a incidência de pessoas com nível superior, seguido de nível fundamental. Quanto aos filhos, todos os adultos têm nível superior e as crianças e adolescentes estão na faixa escolar de acordo com sua idade.

O alto índice de indivíduos com nível de escolarização superior (sete) e média (quatro) (Figura 3) indica uma característica dos estratos médios, para os quais a formação escolar é uma das, e talvez a principal, alavancas de ascensão social. Pode-se apreender a partir da leitura do Quadro 4 a origem popular do grupo, representada pela escolarização fundamental dos mais velhos.

	Pai	Mãe	Filho(a) 1	Filho(a) 2	Filho(a) 3
Silva Jardim	–	Nível Fundamental	Nível Superior (Psicólogo)	–	–
Silva Morais	Nível Médio	Nível Superior (Bacharel Direito)	Nível Superior (Contadora)	Est. 1º ano (N. Médio)	–
Silva Machado	Nível Superior (Economista)	Nível Superior (Contadora)	Est. 4ª série (E. Fundamental)	Pré-escola	–
Silva Carvalho	Nível Fundamental	Nível Fundamental	–	–	–
Silva Ferreira	Nível Médio	Nível Médio	Nível Superior (Fonoaudióloga)	Estudante Arquitetura	Pré-escola
Silva Pereira	Nível Médio	Nível Superior (Bacharel em Turismo)	Est. 1ª série (E. Fundamental)	Pré-escola	–

Quadro 4 – Escolaridade dos Integrantes da Família Silva

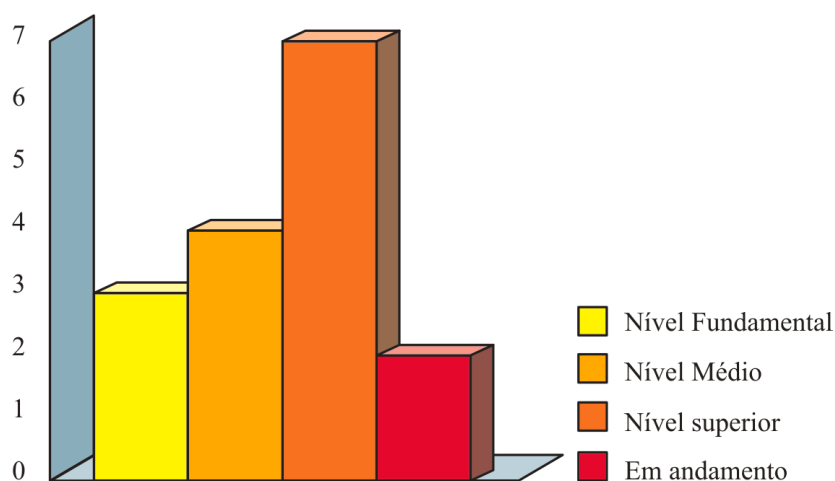


Figura 3 – Nível de Escolarização da Família Silva

Em todos os núcleos, é possível detectar a diminuição do número de filhos em relação ao núcleo de origem (ver Quadro 5). Enquanto o núcleo “Silva Jardim” teve quatro filhos, o núcleo “Silva Morais”, que é formado por um dos filhos do núcleo “Silva Jardim”, teve três filhos, e o núcleo “Silva Machado”, formado por um dos filhos da núcleo “Silva Morais”, teve dois filhos.

Núcleo	Nº de Filhos	Família	Nº de Filhos
S. Jardim	4	S. Carvalho	5
S. Morais	3	S. Ferreira	3
S. Machado	2	-	-

Quadro 5 – Número de Filhos por Núcleo³²

Os núcleos familiares moram nos bairros de Candelária, Centro, Cidade Satélite, Bairro Latino, Parque das Colinas e Quintas, sendo seis em imóvel próprio e um em imóvel alugado. Com exceção de uma, todas as casas visitadas têm entrada de serviço. Em nenhuma delas, entretanto, foi observado que a entrada de serviço seja usada só pelos empregados, sendo mais comum a utilização indistintamente pela família e por empregados, ou não ser utilizada por ninguém.

Dos seis núcleos familiares, um possui três carros, dois possuem dois carros, um possui um carro e dois, os das pessoas mais idosas, não possuem carro. As três pessoas acima de 75 anos locomovem-se, principalmente, com os filhos e netos nos carros destes.

³² O núcleo “Silva Pereira” não entra neste Quadro porque o seu núcleo de origem não faz parte do grupo de pesquisa, o que impossibilita a comparação.

Para tanto, são negociados certos “revezamentos”, de acordo com a disponibilidade de cada um. Não foi relatada qualquer impossibilidade de realização de atividades, por falta de transporte, embora todos tenham se colocado como capazes de locomover-se sozinhos, de ônibus ou de táxi.

As cinco crianças/adolescentes estudam em escolas particulares e são transportadas para a escola de carro, por seus pais/mães, tios ou transporte escolar. Não foi relatado que a ida à escola fosse feita de ônibus. A única universitária do grupo é estudante em instituição pública federal.

5.1.2 A TV dentro da casa

Em três casas, o sistema de tv é aberto, em duas, tem antena parabólica e em uma tem tv a cabo. Nas casas dessa Família, os aparelhos de televisão estão localizados na sua maioria nos quartos, conforme quadro a seguir:

Família	Nº de aparelhos	Nº de moradores	Localização
Silva Jardim	3	2	Quarto da mãe, quarto do filho, copa
Silva Morais	3	4	Quarto do casal, quarto das filhas, cozinha
S. Machado*	1	4	Sala de visitas
Silva Carvalho	2	2	Sala de visitas, copa
Silva Ferreira	4	5	Quarto do casal, quarto das filhas, sala de visitas, quarto da empregada
Silva Pereira	2	4	Quarto do casal, quarto das filhas

Quadro 6 – Número de Moradores, Número de Aparelhos e sua Localização na Residência³³

³³ O núcleo “Silva Machado” está temporariamente morando em casa alugada, enquanto faz uma reforma na casa própria. Por este motivo, a mobília utilizada está reduzida ao essencial.

O quadro apresenta como dado um alto índice de aparelhos de tv por moradores em cada residência. O núcleo “Silva Jardim”, por exemplo, tem apenas dois membros e três aparelhos de tv, instalados nos quartos da mãe e do filho e na copa.

Todos os núcleos têm uma empregada doméstica, mas em apenas dois momentos alguma entrevistada fez referência ao ato de ver televisão, em algumas ocasiões, acompanhada da empregada. Nos dois casos, as entrevistadas têm entre 70 e 80 anos de idade. Uma terceira referência à empregada foi feita não em relação à pessoa, mas à função. Uma mãe afirmou que, quando tem empregada em casa, tem mais tempo para ver televisão com sua filha pequena.

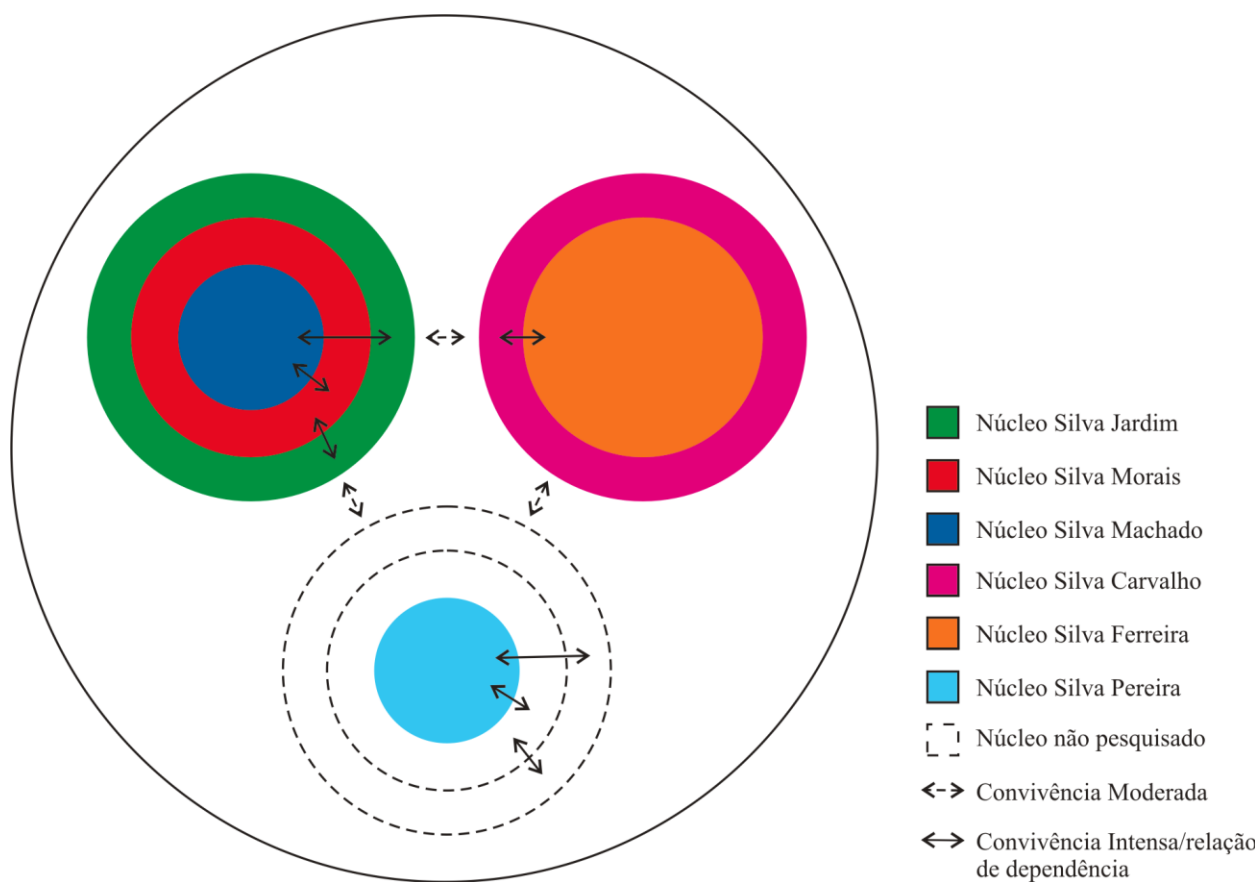


Figura 4 – Interação da Família Silva

5.1.3 Relações intra-familiares

Duas formas de interação são bem marcantes nos grupos (Figura 4). Há grande solidariedade intra-grupo, com dependência no que se refere ao cuidado com as crianças, transporte delas à escola e ao lazer, bem como a disponibilidade financeira de uns em relação aos outros. No planejamento e realização das atividades de lazer por cada núcleo familiar, são levados em consideração a disponibilidade dos demais e a possibilidade da ação ser feita conjuntamente. Embora morem em bairros diferentes, mantêm estreita convivência, em contatos diários por visitas ou telefone. No relacionamento inter-grupos, a convivência é moderada, ainda que as pessoas demonstrem grande afetividade em relação aos integrantes dos demais grupos. Os contatos se dão principalmente em eventos sociais, notadamente festas e velórios.

5.2 FAMÍLIA LIMA³⁴

A Família Lima é composta por sete núcleos familiares: “Lima Alves”, “Lima Almeida”, “Lima Alencar”, “Lima Andrade”, “Lima Amaral”, “Lima Alecrim” e “Lima Atalaia”, totalizando 28 pessoas, das quais 20 são adultos, dois adolescentes e seis são menores de 10 anos.

Na Família Lima, foram entrevistadas duas pessoas da primeira geração em um mesmo núcleo, nove pessoas da segunda geração oriundas de quatro núcleos e onze pessoas da terceira geração oriundas de cinco núcleos. A soma dos núcleos é maior que sete, pois,

num mesmo núcleo, há integrantes de gerações diferentes. Pais e filhos, por exemplo, pertencem ao mesmo núcleo, embora sejam de gerações diferentes.

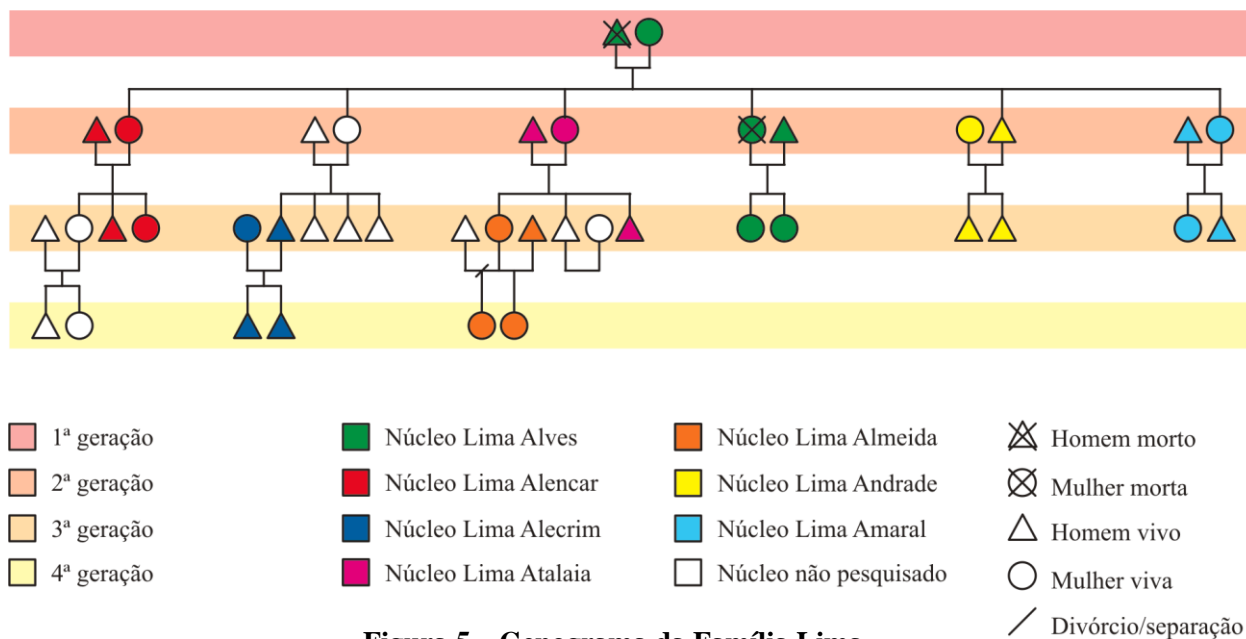


Figura 5 – Genograma da Família Lima

L. Alencar	L. Andrade	L. Amaral	L. Atalaia	L. Almeida	L. Alecrim	Lima Alves
Pai (56)	Pai (42)	Pai (43)	Pai (55)	Pai (34)	Pai (31)	Mãe/Avó (75)
Mãe (58)	Mãe (40)	Mãe (38)	Mãe (55)	Mãe (29)	Mãe (29)	Filha/mãe (48)
Filho (26)	Filho (15)	Filha (8)	Filho (23)	Filha (8)	Filho (7)	Neta/filha (26)
Filha (22)	Filha (12)	Filho (2)	–	Filha (2)	Filho (2)	Neta/Filha (20)
–	–	–	–	–	–	Prima (63)

Quadro 7 – Idade Cronológica dos Integrantes da Família Lima³⁵

Também, nesse grupo, é perceptível grande variação de faixas etárias (Figura

6). Tal variação de idades pode sugerir a existência de muitas situações de conflito e

³⁴ Nesta família será utilizada a designação de **núcleo familiar** ou **núcleo** para a família celular, formada pelas pessoas que moram numa mesma casa; e **família** para o conjunto dos núcleos familiares.

³⁵ Foram listadas apenas as pessoas que moram na casa, não tendo sido incluídos os membros pertencentes ao núcleo, mas que moram em outra casa; Os filhos de casamentos anteriores foram listados como sendo do casal.

negociação. A faixa onde está situado o maior número de pessoas é de 21 a 30 anos, embora as crianças com 10 anos ou menos representem uma parcela significativa da família. A maior parte da família, 17 pessoas, incluindo as crianças com menos de 10 anos, está situada na faixa de idade que teoricamente foi socializada já em presença da Televisão, enquanto apenas onze pessoas têm idade igual ou superior a 35 anos.

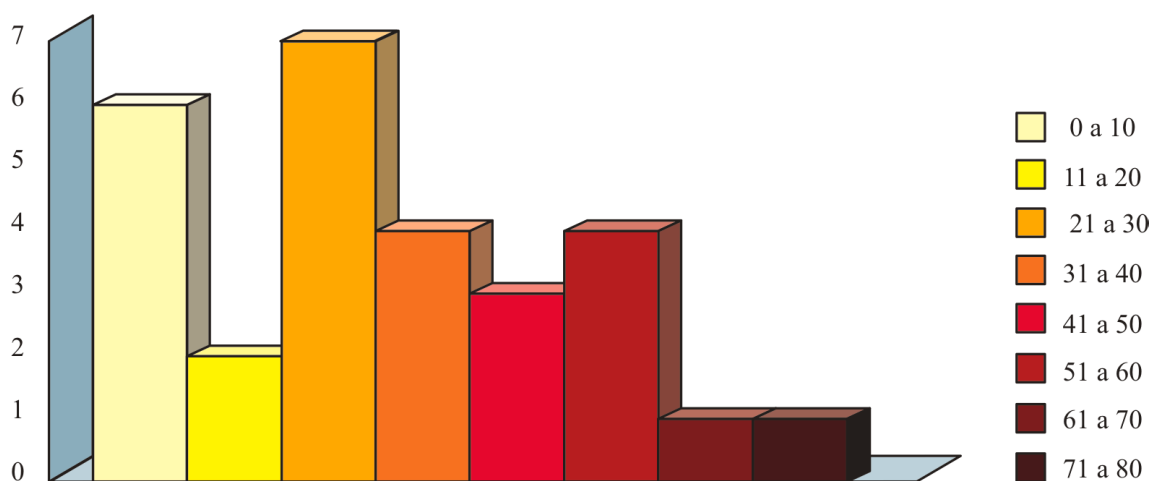


Figura 6 – Faixa etária da Família

5.2.1 O sentimento de pertencimento como fator de organização familiar

Aqui também são perceptíveis dois tipos de interação (Figura 7). Um do tipo mais próximo, em relação ao próprio núcleo, e outro mais social, em relação aos demais núcleos e à família. O que define uma ou outra é mais o sentimento de cada um e menos a organização familiar. Tal percepção é sustentada nos dois tipos de respostas dadas à pergunta “Quem são os membros que compõem a família?”. Na primeira resposta, foram

citados pai, mãe, filhos, irmãos, avós, bisavó, primos, tios, sobrinhos, cunhados e netos, dependendo da posição do entrevistado na família, ou seja, uma pessoa da segunda geração não fala em bisavó ou primos, outra da terceira não fala em sobrinhos ou netos e assim por diante. No segundo tipo de resposta, foram citados apenas pai, mãe e filhos. Uma das pessoas cuja resposta foi do segundo tipo ainda acrescentou “os cachorros” e outra, “uma pessoa que trabalha muito tempo numa casa” como também fazendo parte da família. Dos 22 entrevistados, dois definiram os empregados como integrantes da família. Duas pessoas citaram os “agregados”. Solicitadas a definirem agregados, responderam: “os agregados dos filhos”, ou seja, as pessoas que passam a fazer parte da família a partir do casamento e “a mãe do marido da prima, por exemplo. É alguém que a gente sempre lembra”. Nenhum entrevistado citou sogra, sogro, genro, nora, marido ou esposa como integrante da família.

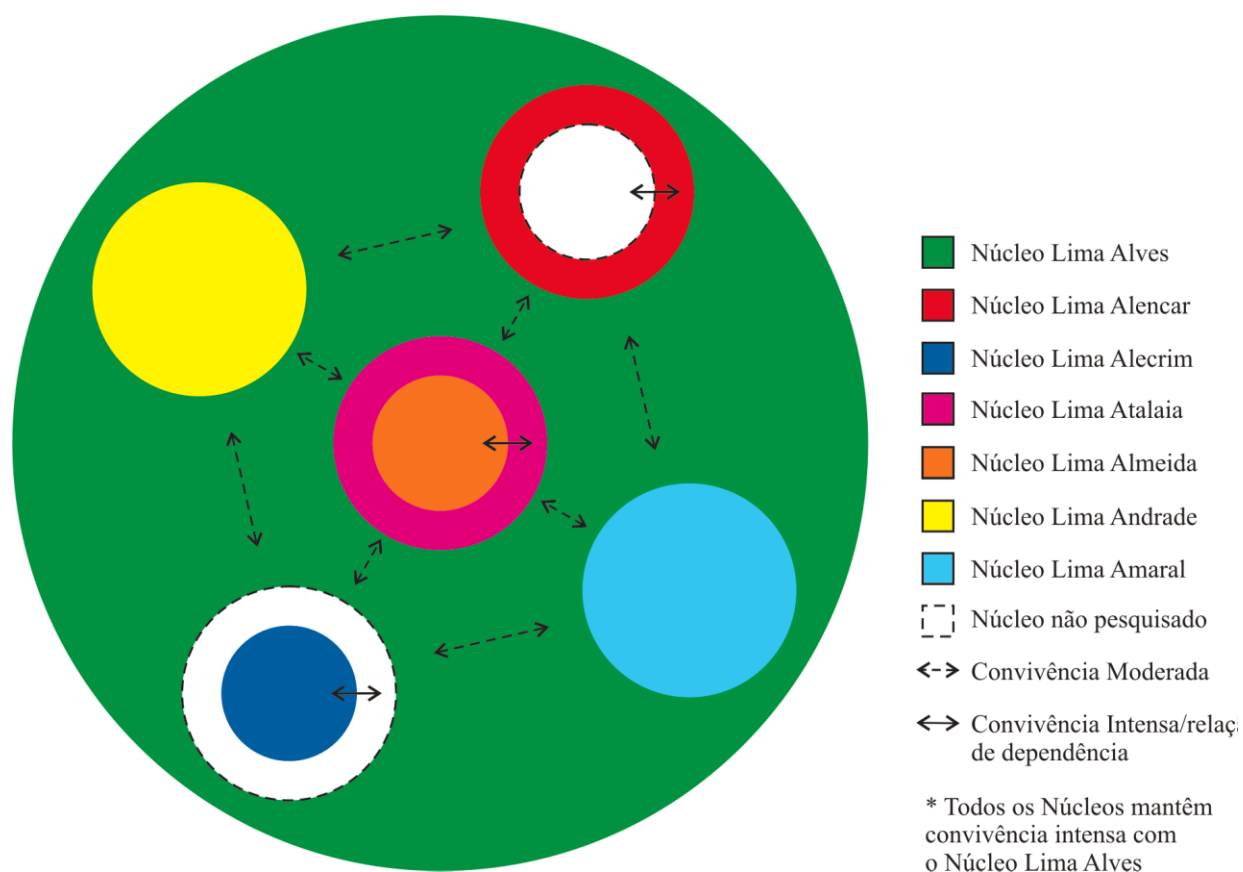


Figura 7 – Interação da Família Lima

A convivência entre os membros é diária dentro do núcleo, principalmente no horário das refeições. Mesmo naqueles onde todos são adultos, é cultivado o hábito de realizarem pelo menos uma refeição juntos. Em alguns, todas as refeições são feitas conjuntamente.

A convivência com os demais núcleos familiares acontece, geralmente, aos domingos na casa do núcleo “Lima Alves”. Há ainda relação de convivência e dependência específicas de um núcleo em relação a outro. Os núcleos “Lima Atalaia” e “Lima Almeida” têm convivência diária. O núcleo “Lima Alecrim”, mesmo morando fora de Natal, tem convivência estreita com os núcleos de origem do marido e da esposa, seja por telefone ou internet, seja por visitas dos pais à casa dos filhos e vice-versa. Os Lima Alencar têm convivência moderada com o núcleo do filho casado.

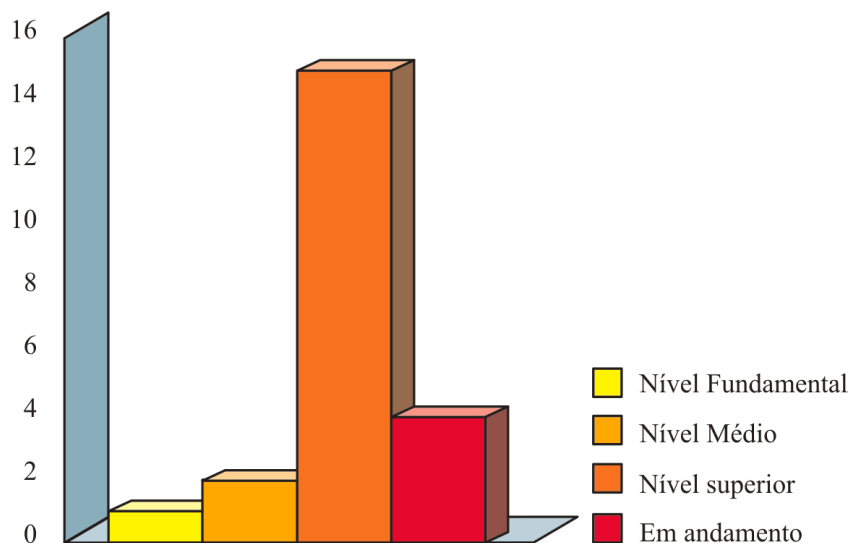


Figura 8 – Nível de Escolarização da Família Lima

5.2.2 Caracterização socioeconômica

Com exceção dos dois integrantes da primeira geração, todos os adultos têm nível superior completo ou incompleto (Ver Quadro 8). Esse fato foi relatado repetidas vezes por mais de um entrevistado, como prova do sucesso do grupo, e, principalmente, da obstinação do casal da primeira geração.

As três pessoas que estão cursando o nível superior e as duas de nível médio e fundamental estudam em instituições privadas.

	Pai	Mãe	Filho(a)	Filho(a)
L. Alencar	Mestrando (Eng. Civil)	Nível Superior (Engenheira Civil)	Mestrando (Engenheiro Mecânico)	Nível Superior (Arquiteta)
L. Andrade	Nível Superior (Lic. em Matemática)	Nível Superior (Tec. Têxtil – téc. em Enfermagem)	Estudante de Nível Médio	Estudante de Nível Fundamental
L. Amaral	Nível Superior (Estatístico)	Nível Superior (Estatística)	-	-
L. Atalaia	Nível Superior (Engenheiro Civil)	Nível Superior (Engenheira Civil)	Estudante de Direito	
L. Almeida	Nível Superior (Eng. Elétrico e Bacharel em Direito)	Nível Superior (Engenheira Civil e estudante de Arquitetura)	-	-
L. Alecrim	Nível Superior (Médico)	Nível Superior (Bacharel em Administração)	-	-
L. Alves	(Mãe/avó) Nível Fundamental	(Mãe/filha) Nível Superior (Eng. Civil)	(Filha/neta) Nível médio	(Filha/neta) Estudante de Eng. da Computação
				(prima) Nível Médio (Pedagógico)

Quadro 8 – Escolaridade dos Integrantes da Família Lima

A característica do nível mais elevado de escolarização em relação aos pais é observada apenas nas gerações da faixa entre 40 e 50 anos. Esse é um dos problemas observados na classe média: o fato de terem alcançado um nível socioeconômico-profissional-simbólico muito acima do de seus pais, que em geral são oriundos das classes populares ou classe média baixa, as faixas mais altas da classe média não conseguem reproduzir o mesmo fenômeno com seus filhos, ou seja, os filhos destes não conseguem ultrapassá-los no que se refere à escolarização e renda salarial e, ao contrário, dependem deles financeiramente por muito mais tempo.

No Quadro 9, podemos observar que o grupo é formado predominantemente por funcionários de empresas privadas e públicas estaduais e federais, em exercício ou aposentados. Uma parcela significativa dos adultos não tem emprego, alguns desses realizam trabalhos temporários.

	Pai	Mãe	Filho(a)	Filho(a)
L. Alencar	Professor universitário	Professora Universitária, aposentada	Sem emprego	Func. de Escritório de Arquitetura
L. Andrade	Professor de Ensino Médio – escolas privadas	Funcionária de Hospital Privado	–	–
L. Amaral	Funcionário Público Estadual	Func. de Empresa Privada	-	-
L. Atalaia	Func. Emp. Privada, aposentado / tem uma Construtora	Funcionária de Empresa Privada, aposentada	Sem emprego	–
L. Almeida	Funcionário Público Federal	Sem emprego	-	-
L. Alecrim	Hospitais privados e públicos	Func. de Faculdade Particular	-	-

L. Alves	(Mãe/avó) Dona de casa, aposentada	(Mãe/filha) Func. de Emp. Privada	(Filha/neta) Missionária evangélica	(Filha/neta) Sem emprego	(prima) Prof. de Ensino Fundamental, aposentada
----------	---------------------------------------	--------------------------------------	----------------------------------------	-----------------------------	----------------------------------------------------

Quadro 9 – Profissão ou Local de Trabalho dos Integrantes da Família Lima

Os núcleos familiares residentes em Natal/RN moram nos bairros de Areia Preta, Bairro Latino, Morro Branco, Potilândia, Ponta Negra e Tirol. Todos em casa própria. Três núcleos têm um carro; dois têm dois carros; um núcleo tem três carros; e um núcleo tem três carros e uma moto. Um núcleo usa apenas sistema de tv aberta, todos os demais possuem tv a cabo. Um núcleo tem renda mensal de até 10 salários mínimos (R\$ 2.600,00); dois têm renda de até 15 salários mínimos (R\$ 3.900,00), um possui renda de até 20 salários mínimos (R\$ 5.900,00) e três têm renda mensal superior a 20 salários mínimos. Todas as casas têm computador com acesso à internet.

Família	Moradores	Aparelhos	Localização
L. Alves	5*	3	Quarto da mãe/avó, sala de tv, cozinha
L. Alencar	4**	2	Sala de tv, quarto do filho
L. Andrade	4	2	Sala, quarto do casal
L. Almeida	4*	2	Sala, quarto do casal
L. Amaral	4*	4	Quarto do casal, da filha, do filho, da empregada
L. Alecrim	4**	3	Quarto do casal, quarto dos filhos, cozinha
L. Atalaia	3*	4	Copa, quarto do casal, quarto do filho, quarto da empregada

Quadro 10 – Número de Moradores, Número de Aparelhos e sua Localização na Residência
Observações: * mais uma empregada; ** mais duas empregadas

Pode-se comprovar, no quadro acima, que também nessa família há um alto índice de aparelhos de tv por morador. O maior e o menor índices foram encontrados nos núcleos familiares “Lima Atalaia” e “Lima Alencar”, respectivamente, que têm muitas semelhanças entre si: em ambos, o casal é engenheiro civil, está na faixa de 55 anos e não tem crianças em casa.

5.2.3 Hábitos e preferências

As atividades de lazer relacionadas como preferidas pelos entrevistados foram: praia (urbana e veraneio), atividades físicas/esportivas (caminhada, dança, vôlei, futebol, voo, pesca), amigos (bater papo pessoalmente ou pela internet, festa, restaurante), cinema

(e filmes na TV), sair com a família (núcleo familiar) e atividades em casa (cuidar de plantas e consertos) e passeio ao *shopping*. Uma pessoa afirmou que a leitura é o seu lazer preferido.

Indagados se gostam de ler, sete pessoas responderam que não e catorze que sim. Destas, quatro não lêem habitualmente. Nas respostas das dez que afirmaram ler habitualmente, foram relatados jornal (local e/ou nacional), revistas (Veja, Superinteressante, Cláudia, Caras, National Geographic, Arquitetura e Urbanismo), romances, livros técnicos, livros de auto-ajuda e a Bíblia. Foram citados os seguintes autores como leituras recentes: Gabriel Garcia Marques, Agatha Chrystie, “John Dwischian” (sic!), Stephen Hawking, Humberto Eco, Içami Tiba e os títulos “O Mundo de Sofia”, “A Análise da Inteligência de Cristo”, “Quem Mexeu no meu Queijo?” e “Homem Cobra Mulher Polvo”. Duas pessoas afirmaram freqüentar livraria. Nenhuma freqüenta biblioteca. Estimulados a descrever os cômodos de suas casas, nenhum afirmou ter uma biblioteca, embora em quatro famílias tenha sido relatado um escritório.

Todos afirmaram gostar de cinema, mas apenas as pessoas com faixa etária igual ou inferior a 30 anos têm o hábito de ir à sala de cinema, em média, duas vezes por mês. Nenhum vai ao teatro. Perguntados se gostam de música, apenas o entrevistado mais velho e o mais novo afirmaram que não, os demais citaram como preferência músicas evangélicas, *pop rock*, *fórró*, *bolero*, *românticos*, *samba*, *pagode*, *MPB* e *rock ligh*. Dos que afirmaram gostar, alguns não souberam definir um estilo e a grande maioria afirmou não ter o hábito de ouvir música. O carro e o computador são as formas encontradas para ouvirem música.

Lazer	Leitura	Música
Praia (urbana e veraneio)	Jornal	Evangélicas
Caminhada	Revistas	<i>Pop rock</i>
Dança	Romances	Forró
Vôlei	Livros técnicos	Românticos
Futebol	Auto-ajuda	Samba
Vôo	Bíblia	Pagode
Pesca		MPB
Conversa com amigos		<i>Rock light</i>
Conversa via Internet		
Festa		
Restaurante		
Cinema		
Filme na TV		
Sair com a Família		
Cuidar de plantas		
Consertos domésticos		
<i>Shopping</i>		

Quadro 11 – Preferências da Família Lima

Considerando a caracterização apresentada, a análise dos dados será realizada na Sessão a seguir.

Viver significa casar-se. (Mead)

6 O QUE DIZEM SUAS FALAS E PRÁTICAS

Ao final da primeira fase da pesquisa, havia a idéia de que talvez o fato de já haver um relacionamento anterior da pesquisadora com a Família Silva, tivesse grande importância por não terem sido encontradas quaisquer dificuldades para a realização das entrevistas em si. Ao final da segunda fase, entretanto, ficou claro que há muitas pessoas acessíveis e dispostas a colaborar. Os entraves foram muito mais de ordem prática, ou seja, a vida contemporânea é veloz. As pessoas estão sempre muito ocupadas e nem sempre é possível encontrar um tempo entre o trabalho e o lazer. Nas duas famílias – Silva e Lima –, as pessoas abriram as suas casas e seus sentimentos para discutir e relatar as suas impressões e hábitos sobre a sua cotidianidade em relação à televisão e à família, mesmo que mais de um entrevistado tenha demonstrado certa dificuldade inicial para formular conceitos sobre as questões levantadas. Apesar disso, a maioria, ao final das entrevistas, acabou agradecendo pela oportunidade de parar e pensar sobre coisas tão rotineiras. A fala de uma entrevistada ilustra com muita propriedade a situação.

Realmente são coisas que convivemos e não paramos para pensar. É todo um dia a dia que já está automaticamente ligado na rotina. Então às vezes é difícil responder, as palavras às vezes são pequenas ou fortes demais para serem mensuradas. [...] Obrigada por ter me feito pensar em coisa que nunca pensei. (Mãe – Núcleo Lima Alecrim)

A compreensão de que “a relação entre o conhecimento e a sua base social é dialética; isto é, o conhecimento é um produto social e o conhecimento é um fator de transformação social.” (BERGER ; LUCKMAN, 1999, p. 120) permitiu à pesquisadora

assimilar as transformações que ocorriam *durante* o processo, ou seja, a própria pesquisa estimulou os sujeitos pesquisados a tentar compreender, e talvez modificar, a sua relação com a família e com a televisão. Foi relatado que, após o início da pesquisa, os entrevistados passaram a conversar entre si sobre os temas propostos.

Entretanto convém esclarecer que não é tão fácil organizar o pensamento sobre uma atividade tão comum como é o ato de ver televisão. Tanto para aqueles de cujas vidas a televisão sempre fez parte (pessoas com faixa etária igual ou inferior a 35 anos), quanto para os que têm uma memória anterior à chegada da televisão em suas vidas, seja através da compra do aparelho, seja através da assistência em casa de vizinhos, o relato de como percebem e como interagem com esse meio de comunicação exige um pensamento ordenado. Ainda que estivessem dispostas a colaborar com a pesquisa, abrir a própria cotidianidade requer do sujeito o destravamento de certos dispositivos que fazem parte mesmo de sua estrutura, e, para isso, é necessário mais que somente a vontade... Afinal, não é fácil identificar o “material (do qual) é feita a experiência humana”(Geertz, 2000, p. 37). Voltando à metáfora das fotografias, poder-se-ia propor que o presente trabalho seja um mosaico composto de fotografias casuais e posadas.

6.1 IDÉIAS DE FAMÍLIA

Diferentemente do proposto por Costa (1974, p. 128), as duas Famílias constituintes deste estudo – Silva e Lima – não entendem a família como “um pacto de convivência cimentado pela coerção jurídica e pela pressão social”. Ao contrário, ambas desenvolveram um conjunto de idéias e práticas que exaltam a família e a colocam como instituição primeira a ser defendida e amada. Estimulados a definirem o que seja a família,

todos os entrevistados destacaram apenas os aspectos positivos dessa instituição. Aspectos negativos somente foram citados quando os entrevistados foram solicitados explicitamente para isso, mesmo assim com acentuada resistência. Tal atitude vai de encontro ao pensamento de Costa (1974, p. 128) quando afirma que

Transformado em dormitório para os pais e numa espécie de presídio para os filhos, o lar sofreu lento mas irreversível processo de dessacralização, tornando-se mero local onde os familiares se encontram à noitinha e se toleram durante os feriados e fins-de-semana.

Dado que todos os núcleos familiares são compostos de crianças desmamadas, adolescentes e adultos, a compreensão do grupo a respeito da família reforça o pensamento de Malinowsky (1982, p. 138) de que “[...] a utilidade e a função dos laços familiares permanentes são condicionadas pela cultura e não pelas necessidades biológicas”. Em ambos os grupos, percebe-se o desenvolvimento ordenado de ações direcionadas à manutenção da estrutura familiar, iniciando-se os novos membros nos rituais de preservação e expurgando-se os membros que possam ameaçar a coesão do grupo. Como exemplo de tais ações, podem-se apontar as reuniões freqüentes, o completo afastamento de elementos que “saíram” da família, através da dissolução do casamento, ou a definição de pessoa como agradável ou desagradável em função de seu interesse e ação para uma convivência próxima ou distante com os demais.

Para uma melhor compreensão, os dados coletados nas duas etapas da pesquisa serão analisados através da divisão do grupo em famílias, assim denominadas: “Família Silva” e “Família Lima”.

6.1.1 Família Silva

Para definir “família”, na Família Silva foram utilizadas palavras como “amor”, “união”, “apoio”, “carinho”, “estabilidade”, “convivência”, “diálogo”, “confiança”, “identidade”, “respeito”, “companheirismo”, “atenção” e “afeto”.

Pra mim família é tão importante. Pra mim família é o aconchego de pai com filho, é você chegar de noite e se reunir (e perguntar): o que foi que aconteceu hoje durante o dia? Por que você tá assim, aconteceu alguma coisa? É você compartilhar, é você ser unido. (Mãe – Núcleo Silva Moraes)

Foi relatado ainda que é através da Família que os indivíduos conseguem desenvolver o sentimento de proteção em relação aos “perigos” da vida extra-familiar, como as falsas amizades e a violência. Três entrevistados afirmaram que a amizade verdadeira só é possível dentro do núcleo familiar, as demais relações de amizade são efêmeras e circunstanciais, dependendo dos vários círculos sociais, dos quais os indivíduos participam. Um aspecto que deve ser observado é que, pelos critérios da pesquisa, eles têm poucas afinidades. São oriundos de núcleos familiares diferentes, um está na faixa etária dos vinte anos e dois, na dos cinquenta; dois são do sexo masculino e um do sexo feminino.

[...] eu sei que as minhas primas são minhas amigas, porque eu tenho umas amigas fora, mas as minhas amigas verdadeiras são elas, porque as outras passam de acordo com... Se eu estou estudando, as minhas amigas são da escola, e as minhas primas são minhas amigas. Se eu for para a Universidade, o pessoal da Universidade são os meus amigos, mas as minhas primas continuam minhas amigas. Se eu vou pro trabalho, as pessoas que eu vou passar a conviver são minhas amigas, mas a minha família, minha casa, o meu domingo continuará tendo aquele referencial. (Filha – Núcleo Silva Ferreira)

Família é uma coisa primordial. O valor da família, eu acho que ainda continua, eu acho que agora tá mais ainda, porque quanto mais é violento lá fora, mais as pessoas se juntam aqui dentro. [...] coleguismo existe muito, agora amigo existe pouco, então amizade verdadeira só a família. (Filho – Núcleo Silva Jardim)

Os maiores amigos seu é seu pai e sua mãe (Pai – Núcleo Silva Morais)

Embora Martín-Barbero (2002) indique que as identidades contemporâneas se fixam mais em grupos transitórios e menos em laços familiares ou regionais, nessa Família foram utilizados termos que indicam que “quem não tem família” não tem “raiz”, vive “desganhado”, “não tem história”. Tais afirmações apontam para o entendimento da família como referencial de identidade e história dos sujeitos, ou seja, a família segue mantendo um papel fundamental na construção das identidades dos sujeitos, ainda que estes não excluam as demais identidades que lhes foram agregadas na era midiática. Todos demonstraram que a família não é uma instituição “natural”, no sentido de existir independentemente da vontade de seus integrantes, mas ao contrário, é necessário o propósito e ações deliberadas para a sua manutenção.

(na televisão) É o que eu chamo de ajuntamento de pessoas numa casa, é completamente desagregado, completamente cada um vivendo a sua vida [...] você vê que não se visita mais família, não se visita mais uma tia, então primo já deixou de ser família, ah! primo não é família, primo não é mais nada (Pai – Núcleo Silva Ferreira)

Embora a pesquisa não os estimulasse a diferenciar se estavam abordando a família em tese ou se se referiam às suas próprias famílias, a forma de organização das respostas autoriza a afirmação de que a maioria se referia à sua família, ainda que tais definições estivessem no plano do desejo.

Há uma convicção de que é necessário estreitar permanentemente a ligação entre pais e filhos, como também a outros parentes, agregando-os ao núcleo fundamental da família. Assim, os casamentos que vão ocorrendo não significam a dispersão, mas a agregação de novos componentes ao grupo.

Nos seis núcleos familiares entrevistados, percebe-se uma estreita manutenção de laços afetivos por toda a vida dos indivíduos. A convivência, mesmo para aqueles que moram em bairros distantes para os padrões de Natal, é constante e em alguns casos diária, seja através da visita, seja pelo telefone. Há, inclusive, da parte deles a consciência de que devem manter-se próximos, embora isso seja dificultado pela rotina da vida cotidiana. Tal convivência se dá em várias direções: avós com netos, tios com sobrinhos, sogros e genros etc.

[...] com a corrida do tempo, cada um vivendo, correndo atrás de seus objetivos [...] porque família é o que eu disse, é uma convivência, é uma ... é você visitar o outro, hoje se visita tão pouco até os irmãos, né? (Pai – Núcleo Silva Ferreira)

As situações de ruptura interferem na definição de pertencimento e também na conformação das relações pessoais. Nos dois núcleos familiares que são formados pelo segundo casamento de um dos cônjuges, a convivência com os “ex-parentes” do primeiro casamento é mínima ou inexistente. Em ambos os casos, entretanto, os filhos do primeiro casamento do pai ou da mãe foram assumidos como filhos do casal.

6.1.2 Família Lima

A Família evidenciou como família as palavras “amor”, “união”, “apoio”, “carinho”, “companheirismo”, “tranqüilidade” e “prazer”. Porém a idéia mais ressaltada foi a de segurança e seus correlatos: estrutura, base e pilar. Mais de um entrevistado usou a frase “família é tudo”.

São raízes, minha família é uma grande parte da minha vida e apesar de eu morar longe a maior parte do tempo, eles ainda são muito presentes. Eu sou apaixonada pela minha família. (Filha – Núcleo Lima Alves)

Quando estimulados a definir família, todos os entrevistados dessa etapa da pesquisa, assim como a Família Silva, enfatizaram apenas os aspectos positivos da instituição, mesmo tendo sido dito pela pesquisadora que eles não necessitavam referir-se especificamente às suas famílias.

É sinônimo de união, amor. Pra mim, a família é tudo, em relação à segurança, apoio, felicidade, é tudo (Mãe – Núcleo Lima Almeida)

Ao serem indagados sobre aspectos positivos e negativos da instituição familiar, parte dos entrevistados afirmou ter dificuldade para relatar aspectos negativos.

Negativo não tem não. Família é só positivo. É onde você tem orientação, onde você tem os valores. É a base até profissionalmente também. (Mãe – Núcleo Lima Amaral)

Outros entrevistados, depois da dificuldade inicial, descreveram como pontos negativos a absorção dos problemas dos outros, desentendimentos, falta de diálogo, interferência das pessoas nas individualidades dos outros e a necessidade de renúncia.

O ponto negativo é que a família, você na realidade não escolhe, você tem, então a pessoa tem que aprender a conviver, aceitando algum defeito, alguma coisa assim, né? (Pai – Núcleo Lima Alencar)

Para a manutenção dos laços familiares foram ressaltadas pelos entrevistados as seguintes práticas a serem executadas por cada integrante da família: manterem-se unidos, através de contatos freqüentes e sistemáticos, aprender a tolerar as diferenças de cada um, estabelecer o diálogo, impor limites, respeitar as individualidades e diferenças.

Querer o bem do outro, diálogo, sabendo que cada pessoa tem seus defeitos, mas procurando... Minha irmã tem defeito, minha mulher tem defeito, mas a gente tem que saber lidar com essas pessoas, saber que elas têm aqueles (defeitos) mas têm muitas outras virtudes (Pai – Núcleo Lima Amaral)

A perpetuação da instituição como prática social, resultante da ação dos indivíduos se mostra muito evidente nas respostas às perguntas: “Do que você aprendeu com seus pais, você reproduz e o que não reproduz com seus filhos?”. Com exceção de um entrevistado, todos os demais afirmaram que na sua prática de pai/mãe procura reproduzir o modelo de seu núcleo familiar de origem. Mesmo as pessoas que não têm filhos e ainda moram na casa dos pais têm esse mesmo entendimento.

Muitas coisas, quase tudo. A responsabilidade, o amor, porque o amor é tudo. O cuidado, a intenção (Mãe/Filha – Núcleo Lima Alves)

Honestidade, segurança nos meus atos, humildade... e trabalhar muito para oferecer tudo o que puder de melhor para os meus filhos. como: escolas, cursos.... (Mãe – Núcleo Lima Alecrim)

Por outro lado, a maioria acredita que é mais aberta aos diálogo com os filhos, do que seus pais o foram. As relações nas famílias, na sua opinião, atualmente são baseadas

na justificativa, quando é necessária a imposição de limites, diferentemente das relações anteriores (quando eram crianças), que se baseavam no autoritarismo paterno/materno. Os mais jovens afirmam terem mais manifestações explícitas de afeto com seus filhos como abraçar, beijar, dizer que ama.

[...] a família da minha mãe é muito grande, [...] e minha avó, eu suponho, nunca teve muito tempo pra dar aquela atenção exclusiva pra cada um deles, de carinho, de beijar, de pegar mesmo, de contato sabe? E a minha mãe é uma ótima mãe, eu adoro, [...]mas eu não tive com ela esse contato, [...] quando criança tudo bem, mas depois de um certo tempo [...]a gente tinha um pouco uma barreira de chegar, abraçar e beijar, [...] falta aquele carinho, aquele apego de dizer eu te amo, toda hora e isso eu faço com as minhas filhas e faço muito, entendeu? Demais até todo dia, todo dia eu beijo, abraço. (Mãe – Núcleo Lima Almeida)

6.2 A LEITURA DAS REPRESENTAÇÕES DE FAMÍLIA NA TELEVISÃO

No que concerne à televisão, o sentido de auto-preservação e retro-alimentação da estrutura familiar interfere na definição do que é bom ou mau, de acordo com os critérios de adequação dos conteúdos da programação a tais objetivos. Entretanto, não há, no momento da escolha da programação a ser vista, uma sintonia entre o interesse na preservação da estrutura familiar e as subjetividades do sujeito, que, em última análise determinam o seu desejo de fruição, gerando, assim, a contradição entre o ato de ver e o de classificar como bom ou, dito de outra forma, entre o discurso e a prática.

Os discursos de exaltação da própria estrutura familiar, observados nas duas famílias, são reforçados através da confirmação ou do confronto com as situações

apresentadas pela televisão Dessa forma, os entrevistados justificam a audiência, inclusive aos programas cujas mensagens subverte a norma familiar. Sendo assim, as situações que “agregam” a família servem como exemplo a serem seguidos e os que “desagregam”, como ponto de discussão do que não deve ser feito.

6.2.1 Família Silva

A idéia de família que os entrevistados percebem na televisão está diretamente ligada ao entendimento que eles próprios têm do que seja a família. Para a maioria, a imagem desta transmitida por aquela não é semelhante à deles.

Na opinião dos pais, a televisão mostra famílias desestruturadas, desagregadas, onde há falta de união e objetivos comuns.

A família não tem a importância na televisão, é tanto que a programação, às vezes absurda, o que passa não quer nem saber se tem criança, se tem adulto, [...] As mensagens que passa são muito destrutivas, principalmente os programas de auditório, novela... as partes que passa são exatamente querendo destruir, é exatamente o oposto daquilo que a gente tenta pregar em casa. Na minha cabeça é assim: alguém fez alguma coisa e aquilo é normal pra aquela família, pra minha não é. Só que a televisão, [...] nas opiniões que ela passa, ela não quer saber se existe diferenças de pessoas. (Mãe – Núcleo Silva Ferreira)

Para os filhos, a diferença mais marcante entre a família da tv e a família da vida real é que naquela há mais liberdade e autonomia, enquanto nesta há mais controle.

É muito mais livre, muito mais aberto, muito mais pode tudo do que a realidade. (Filha – Núcleo Silva Ferreira)

Outros, entretanto, entendem que a família não é uma instituição linear e única, e menos ainda livre de contradições e conflitos. Para esses, a televisão apresenta esses conflitos e as várias possibilidades de famílias que existem.

Depende da situação que tá passando família. A família na tv, eu acho que a televisão engloba tudo o que tem numa família, engloba traição, engloba filhos com problemas (Mãe – Núcleo Silva Machado)

Parte do grupo percebe contradições entre os valores cultivados pela família e aqueles passados pela televisão. Na opinião destes, a TV influencia negativamente o comportamento das pessoas e a formação de seus filhos.

Eu acho que o pior que tem em televisão é mais em relação às novelas, né? novela você vê que é só negócio de namoro, é só beijo, então aquilo dali pra criança, hoje uma menina com cinco anos, seis anos já tá dizendo: ah! Tá beijando na boca! Então eu acho que não era pra passar desse jeito, principalmente em todo horário, né? porque novela é só isso. É agarra-agarra, é namoro na frente, então eu acho que tudo isso pra juventude é muito ruim (Pai – Núcleo Silva Morais)

A televisão, por exemplo você fica pregando pra seu filho que não deve fazer determinado tipo de coisa, que não pode fazer... que a família é um elo, que a família é um laço, que a família é uma corda, que se você pegar fio por fio você corta ele, você consegue roer uma corda, mas se você manter ela coesa dificilmente você corta ela. A televisão faz exatamente o contrário, você liga a televisão numa novela, nessa Malhação em termos de adolescência, pode até ensinar determinado tipo de coisa que você não ensina, mas você vê que os exemplos são terríveis. Como é que você vai pegar um adolescente [...] e dizer que engravidar na adolescência não é... que a pessoa deve passar por um ciclo primeiro, que deve passar pela experiência de vida, [...] se a televisão tá mostrando isso aí, se a novela tá mostrando que a coisa mais normal do mundo é uma transa aí à vontade. (Pai – Núcleo Silva Ferreira)

Alguns entrevistados acreditam que a influência da televisão sobre as famílias é mínima. Na opinião de mãe e filho de um mesmo núcleo, o fator determinante do comportamento das pessoas depende mais de sua história de vida e da sua formação.

Eu não acho que ela (a televisão) ensina uma coisa que a família não ensine. Porque eu sei que existe esse negócio de droga, de tudo no mundo, mas não é a televisão que ensine, já é o povo que faz sem a televisão ensinar. Você acha que a televisão ensina? As pessoas que vive drogado, que vive fazendo o mal, que vive matando não é a televisão que ensina, faz por que já tem a convicção de fazer. (Mãe – Núcleo Silva Jardim)

Esse negócio de dizer assim, não, porque adolescente vê muita violência, parte pra ser violento. Eu acho que isso ai não, é mais a vivência do dia a dia, sabe? (Filho – Núcleo Silva Jardim)

6.2.2 Família Lima

Na Família Lima, constatou-se um certo equilíbrio de opiniões entre os que vêem similaridade entre a imagem da família na TV e a imagem da família na vida real e os que acham que a imagem da família na TV não corresponde à realidade.

Os que afirmaram ver contradição entre ambas apontaram que a família da TV é desestruturada e apresenta tragédia, traição e desunião. Eles afirmaram ainda que, para representar bem a família da vida real, a TV deveria mostrar cenas familiares menos conflituosas, nas quais os filhos tivessem mais “respeito” pelos pais e que esses impusessem limites mais rígidos. Foi ainda relatado que a família da TV deveria ser mais unida, tivesse menos sexo, inclusive beijo na boca, e executasse ações casuais (levar crianças à escola, por exemplo). Por outro lado, mais de um entrevistado do mesmo grupo afirmou que as cenas “normais” da vida cotidiana são pouco interessantes e, portanto, não prendem a atenção do público, “não dá IBOPE”.

A televisão não dá a imagem do que é a família, do que a família deveria ser, não. Ela passa que tudo é normal, que se separar é normal, os filhos ficam com a mãe, a mãe casa de novo, se aparecer outros filhos, fica tudo junto. A televisão passa que tudo isso é muito natural. (Mãe – Núcleo Lima Amaral)

Os que afirmam não perceber contradição entre a imagem da Família na TV e na vida real justificaram que tanto uma quanto a outra não seguem um único modelo. Em ambas, a convivência e a ação das pessoas, aliadas às circunstâncias, são fatores determinantes para que a família seja positiva ou negativa.

A gente vê coisas parecidas. Tem em algumas novelas famílias que falam brigando demais, mas isso existe. Aparece menos famílias harmoniosas, mas também existe. Aparecem famílias muito amorosas que também existem. É possível que mostre os vários tipos de famílias (Mãe – Núcleo Lima Alencar)

Representam bem	Incidência	Representam mal	Incidência
A Grande Família	9	Novela	7
Novela	6	Programa de Auditório	4
Telejornal	2	A Grande Família	2
Gilmore Girls	1	Não soube/ não respondeu	5
Não soube/ não respondeu	2		

QUADRO 12 – Programas de Televisão que Representam Bem ou Mal a Família.

O programa “A Grande Família”, exibido pela Rede Globo, às quintas-feiras, às 22 horas, aparece, simultaneamente, mas em proporções diferentes, como um bom e um mau representante das situações cotidianas vividas pela família na vida real. Na opinião sobre as novelas, o mesmo fenômeno se repete e de forma mais contundente. A novela “Senhora do Destino”, exibida pela Rede Globo, de segunda a sábado, às 21 horas, foi citada como sendo um retrato da realidade por um grupo e também como distorção da realidade, por outro grupo.

Pelas respostas, pode-se observar que as situações apresentadas nos programas de auditório, notadamente os que exploram conflitos familiares, como *Ratinho*, exibido pelo SBT, de segunda a sábado, às 21 horas, e *Márcia Goldsmith*³⁶ não correspondem às situações reais.

Observou-se que os entrevistados que não percebem contradição entre a imagem da família na TV e a imagem da família na vida real, não souberam caracterizar um ou mais programas de tv que representem a família de forma negativa.

O confronto entre a idéia de família dos entrevistados e a idéia de família que eles apreendem como sendo a da televisão aponta para a confirmação do pensamento de Canclini (2001a) de que esta difunde intensivamente as suas mensagens e dessa forma pode sugerir modos de condutas eventuais, embora não tenha a capacidade de criar hábitos duradouros nos indivíduos. Pelos seus discursos, podemos apreender que não é a mensagem televisiva de família que orienta a ação, mas é a sua ação que orienta a apreensão do sentido do discurso midiático. Em outras palavras, quando reconhece que “na tv a família tem mais liberdade”, o sujeito não define o padrão da TV como sendo o modelo a ser seguido na vida real, mas como caráter diferencial entre o real e a ficção.

6.3 COMO ELES VÊM TELEVISÃO

Os discursos elaborados pelos sujeitos dessa pesquisa apontam para a confirmação do referencial teórico já discutido (Capítulo 4), de que, longe de ser passivo e simples decodificador de mensagens acabadas, o receptor interage com a televisão, dando-

³⁶ Hora da Verdade, exibido pela Band, de 2ª a 6ª, às 17 horas, com a apresentação de Márcia Goldsmith.

lhe significação a partir de sua própria experiência. Tal afirmação justifica-se pela observação crítica dos sujeitos acerca dos conteúdos, bem como da consciência da instável correlação de poder entre o meio (TV) e o receptor.

Pelas entrevistas, não foi possível detectar que a escolha do programa ou canal de televisão vistos seja definida em função do gênero (homem/mulher) ou do lugar do integrante na família (pai/mãe/filhos). Todos os entrevistados afirmaram assistir a determinada programação por escolha própria. A principal observação é que a maioria das pessoas assiste aos programas da TV Globo/TV Cabugi, mesmo que possuam sistemas de televisão como tv a cabo, por assinatura ou antena parabólica. Grande parte dos entrevistados afirmou ver o Jornal Nacional, ainda que muitos tenham acesso à internet e aos muitos canais de informação disponíveis da rede, justificando, assim, o pensamento de Bourdieu (1997) de que a televisão desempenha o papel de “árbitro de acesso à existência social e política”. Para os casais cuja rotina permite a assistência conjunta, há algumas concordâncias nos gostos. Quando há discordância quanto à programação, o casal toma uma das seguintes atitudes: ou aquele que não está interessado se “desconcentra” da televisão, voltando-se para outras atividades como ler, dormir, trabalhar etc, ou o membro que está interessado sai do ambiente e vai assistir em outro espaço com outros integrantes da família. As duas situações acontecem alternadamente na mesma família. O que determina a escolha de uma ou outra ação é a disposição de ambos para negociar no momento.

Mesmo sendo citado, no momento da aplicação da pesquisa, o referido programa já não estava mais no ar.

Para resolver o problema da discordância entre pais e filhos, sejam estes crianças, adolescentes ou adultos, a solução em todas as casas é sempre a compra/destinação de um aparelho de televisão para cada grupo, ou seja, um aparelho para os pais e outro para os filhos. Entretanto, a discordância de gostos é maior, quanto menores são os filhos. À medida que os filhos vão crescendo, o interesse vai se tornando semelhante aos dos pais, principalmente nas novelas e programas de puro entretenimento, como programas de auditório ou de variedades, seja durante a semana, seja nos fins de semana.

Assim, o ato de ver TV por cada núcleo familiar reflete, mas também determina as relações intra-familiares e está relacionado com as características individuais de cada membro. Em alguns casos, a posição do membro na família também influencia e sofre a influência dos padrões de recepção.

6.3.1 Família Silva

A Família Silva não teve muita dificuldade em citar os nomes dos programas assistidos, embora tenha havido muitas ressalvas quanto à fidelidade. Muitos afirmaram não acompanhar sistematicamente a nenhum programa, principalmente as novelas. A audiência à televisão e, em especial, às novelas foi justificada de várias maneiras: a tv está ligada; todos assistem; ter assunto pra comentar no trabalho, com os amigos; insônia; falta de opção; gostar de detalhes técnicos (cenário, figurino, interpretação etc).

As novelas foram ainda motivo de controvérsia em uma família. Marido e mulher discordaram veementemente durante a entrevista quanto à assistência. No primeiro encontro, quando foi entrevistada sozinha, a mulher afirmou não acompanhar assiduamente

a nenhuma novela; no segundo, já com a presença do marido, ele afirmou, criticando-a, que ela acompanha a todas. Na opinião dela, algumas situações vividas na ficção podem ajudar os pais na orientação aos filhos; o marido, ao contrário, acredita que as novelas são um fator de desagregação familiar. Ele afirmou ainda que as pessoas perdem muito tempo vendo novelas, quando poderiam estar juntas conversando sobre as suas próprias vidas.

Família	Função	Idade	Programa	Emissora
Silva Morais	Mãe	55	Jornal Hoje, Vídeo Show, Sem Censura, Um contra todos-Sílvio Santos, Roda roda chevrolet, Expedições, Planeta Terra, Bem Brasil	Globo/Cabugi, Cultura/Universitária SBT/Ponta Negra,
Silva Morais	Filha	15	Celebridade, Da Cor do Pecado,	Globo/Cabugi
Silva Morais	Pai	50	Jornal Nacional, Futebol, Fórmula 1, Xequete-Mate, Esporte Total	Globo/Cabugi, Cultura/Universitária
S. Morais	Filha	38	Celebridade	Globo/Cabugi
Silva Jardim	Filho	53	Sem Censura, Roda Viva, Ação, Globo Rural* ³⁷	Cultura/Universitária, Band, Globo/Cabugi, MTV
Silva Jardim	Mãe	78	Cabocla, RN TV 2, Da Cor do Pecado	Globo/Cabugi
Silva Ferreira	Mãe	38	Um só coração, Jornal Nacional, programação infantil	Globo/Cabugi, Cultura/Universitária
Silva Ferreira	Filha	23	Novelas, filmes, Raul Gil, Caldeirão do Huck, Globo Repórter, Fantástico, Domingo Legal, Domingão do Faustão	Globo/Cabugi, Record/Tropical
S. Ferreira	Pai	53	Jornal Nacional	Globo/Cabugi
S. Machado	Mãe	35	Jornal Nacional, Celebridade	Globo/Cabugi
S. Carvalho	Mãe	77	Ofício, Terço, Missa, Terço da Misericórdia**	Rede Vida, Século 21 Canção Nova
Silva Pereira	Mãe	30	RNTV 2, Da Cor do Pecado, Jornal Nacional, Celebridade	Globo/Cabugi

Quadro 13 – Programação Vista pela Família Silva.

³⁷ *) Citou um programa da Band, similar ao Hora da Verdade, apresentado por Márcia Goldsmith, mas não se lembrou do nome. Supõe-se que esteja referindo-se ao programa “Casos de Família”, apresentado de 2ª a 6ª, das 16:30 horas às 18:00 horas, no SBT. ; **) citou programas de entrevistas nos mesmos canais, mas não se lembrou dos nomes.

Quando perguntados sobre o tempo de audiência diária à televisão, a grande maioria afirmou que esta não faz parte do seu hábito cotidiano. Um dos entrevistados afirmou que assiste a TV por 15 ou 20 minutos, embora, em outras respostas, tenha afirmado ver o Jornal Nacional (que tem duração de 50 minutos) e tenha tecido comentários sobre personagens e tramas de novelas. Outra entrevistada afirmou que só assiste a televisão em função das filhas, conquanto, no dia da entrevista, ela estivesse só e a tv estivesse ligada. Essa contradição foi detectada nas falas de vários entrevistados. O tempo declarado de audiência oscilou entre uma e duas horas para pais e mães e três horas para os filhos. Na comparação entre o tempo de audiência e os programas vistos, percebe-se que o tempo em frente à TV é maior do que o que as pessoas afirmam.

Embora a maioria afirme não gostar ou não dar importância à televisão, observa-se que há um alto índice de aparelhos por habitante nas casas. Um dos casos é notório: durante uma conversa, a entrevistada afirmou quatro vezes a sua intolerância em relação à televisão, usando as frases “Eu não gosto de televisão”, “Eu tenho televisão em casa, porque a gente tem que ter, né?”, “Eu sou tão acostumada a não gostar de televisão” e “Porque eu não sou muito de televisão”. Entretanto na sua casa moram apenas duas pessoas (ela própria e um filho) e há três aparelhos de tv, um inclusive no seu quarto. Outro ponto observado é que durante a entrevista com o filho dessa entrevistada ele afirmou: “Por exemplo, minha mãe não pode viver sem televisão mais.”

O alto índice de aparelhos, porém, não significa que o ato de ver TV seja uma ação individual. Ao contrário, a pesquisa demonstrou que a maioria dos entrevistados vê e prefere ver acompanhada de uma ou mais pessoas. Apenas quando há discordância

explícita quanto à programação ou falta de ajustamento de horários, acontece a audiência solitária.

Com exceção de um núcleo familiar que está temporariamente morando em casa alugada, em função de uma reforma na casa própria e por isso não estar na sua rotina normal, utilizando mobília reduzida ao essencial, todas as demais possuem mais de um aparelho de tv.

Para as mulheres desse grupo, a audiência à televisão nunca é uma atividade exclusiva, em geral elas dividem o tempo entre a TV e outras atividades relacionadas às crianças (cuidado, ajuda nas tarefas de escola), preparação de alimentos, atividades manuais (crochet) ou relacionadas ao trabalho, leituras diversas, estudo e conversa ao telefone. Os homens afirmaram concentrar-se exclusivamente na Televisão ou dedicar-se simultaneamente à leitura.

A percepção quanto à qualidade da programação foi bastante variada. Para aqueles que afirmam dedicar pouco tempo à TV a programação tem piorado, e para os que afirmaram passar mais tempo em frente à TV, a programação melhorou ou é estável. As críticas à programação se concentraram na baixa qualidade do conteúdo durante toda a semana e na baixa qualidade da oferta, principalmente aos sábados e domingos.

[...] em relação às informações é só desgraça, eu acho que cada dia piora mais em relação a tragédia porque aumenta o número de tragédia, todo dia, então às vezes você vai assistir um jornal, você até desliga porque é só tragédia. Podia passar outras coisas, que não só tragédia. Eu acho que mais informações pra juventude, relacionado à família, né? seria mais importante, respeitar mais os pais, conversar (Pai – Núcleo Silva Morais)

Com exceção de um entrevistado, que afirmou desacreditar completamente nas informações veiculadas, todos os demais reputaram como verdadeiras as notícias transmitidas pelos telejornais, apesar de, em alguns casos, terem sido feitas ressalvas em relação aos objetivos da divulgação ou a manipulação dos fatos. As novelas foram classificadas como espelhos distorcidos da realidade

Em relação ao jornal são notícias atuais, né? não pode dizer que é mentira, que tudo é fato real (Filha – Núcleo Silva Morais)

[...] mas, assim, a veracidade eu acho que é no jornal. (Mãe – Núcleo Silva Pereira)

O repórter, jornal, eles aumentam muito, mas tem muita coisa que é verdade (Mãe – Núcleo Silva Jardim)

Verdadeiro, hoje, é até difícil você acreditar o que é verdade na televisão (Pai – Núcleo Silva Morais)

6.3.2 Família Lima

Nas falas desse grupo familiar foi menos constatada uma intolerância com relação à televisão. Vários entrevistados afirmaram gostar de assistir, porém também aqui foram feitas algumas ressalvas. Duas pessoas afirmaram que já gostaram mais e hoje gostam menos e outras duas afirmaram não ter “paciência” para ficar em frente à TV. Não houve dificuldade para mensurar o tempo de audiência diária à tv O menor tempo relatado foi de uma hora e o maior de cinco horas.

L. Andrade	Idade	Programa visto	Emissora	Programa preferido	Não gosta	Não gosta, mas vê
Pai	42	Jornal Nacional, RN TV, Globo Esporte, Esporte Espetacular	TV Globo	Jornais e esporte	-	-
Mãe	40	Cabocla, RN TV, Começar de Novo, Jornal Nacional, Senhora do Destino, Jô Soares	TV Globo	Novela, esporte/vôlei	Futebol	Futebol e desenho japonês
Filho	15	Globo Esporte, Esporte Espetacular, Malhação	TV Globo	Programas de esporte	Programas de entrevistas que envolvem problemas familiares – Ratinho	-
Filho	12	TV Globinho, Senhora do Destino, Malhação	TV Globo		Jornal	Jornal

L. Almeida	Idade	Programa visto	Emissora	Programa preferido	Não gosta	Não gosta, mas vê
Pai	34	Jornal Nacional, Jornal da Globo, Friends, OC, Highlander	TV Globo, Warner, AXN* ³⁸	Filmes e telejornal	Programa de auditório, patrulha policial, Linha Direta, Novela	Novela
Mãe	29	-	-	Novela das 8, Raul Gil,	Programas de auditório que conta casos de família e de polícia	Desenho animado

L. Amaral	Idade	Programa visto	Emissora	Programa preferido	Não gosta	Não gosta, mas vê
Pai	43	Jornal local, sala de imprensa, Novela, jogo, Faustão	TV Globo, SBT	Jornal local, sala de imprensa	Novela mexicana	Filme infantil
Mãe	38	Novelas, jornal, minissérie	TV Globo	Novelas, jornal, minissérie, Jô	TV Câmara, TV Senado, Futebol	TV Câmara, TV Senado, Futebol

L. Alecrim	Idade	Programa visto	Emissora	Programa preferido	Não gosta	Não gosta, mas vê
Pai	31	A Diarista, Grande Família, Jornal da Globo, Esporte Espetacular, Jô, Serginho Groisman, Hebe	TV Globo, SBT, Globo News*, Discovery Channel *	Jornais, séries, enlatados ocasionalmente	Ratinho e seus clones, programas da tarde	Desenhos
Mãe	29	Jornal, Hebe, seriados, Jô	TV Globo	Jornal, novelas, documentários	Ratinho	Domingo Legal

³⁸ (*) canais citados pelo entrevistado

L. Alencar	Idade	Programa visto	Emissora	Programa preferido	Não gosta	Não gosta, mas vê
Pai	56	Bom Dia Brasil, Bom Dia RN, RNTV	TV Globo	Filme, jornal, documentários	Novela	Novela
Mãe	58	Jornal da Globo, Bom Dia Brasil, Bom Dia RN, Cabocla, Senhora do Destino, Friends	TV Globo, History, Discovery *	Jornal da Globo, Bom Dia Brasil, Bom Dia RN, Cabocla, Grande Família, Globo Rural, Esporte Espetacular, Senhora do Destino,	Aqui e Agora, Começar de Novo	Começar de Novo
Filho	26	Documentários, novela	TV Globo, History channel*	Documentários	Tvs religiosas	-
Filha	22	Cabocla, Friends, ER, Gilmore Girls, Vídeo Show, Simpsons Todas as novelas, Jornal Nacional, Ana Maria Braga, Bom Dia Brasil, Bom Dia RN, filmes	TV Globo, Warner	Cabocla, Friends, ER (plantão médico), Gilmore Girls, Vídeo Show, Simpsons	Programas tipo Ratinho, ou que envolve problemas de família, futebol, programas de esportes	Jornal, comercial

L. Alves	Idade	Programa visto	Emissora	Programa preferido	Não gosta	Não gosta, mas vê
Mãe/avó	75	Bom Dia Brasil, Bom Dia RN, RN TV, Sem Censura, Jornal da Rede TV, da Record, Nacional, Tribuna Independente, Hebe	Rede Vida, TV Educativa, Rede TV, TV Record, SBT	Idem programação. Vista	Canal Erótico, Luciana Gimenez	-
Filha/neta	20	ER, “Guilmore Girls”, Malhação, Programa do Jô	TV Globo, Warner Channel *	ER, “Guilmore Girls”, Malhação, Programa do Jô, novela	Nikita, novela da tarde da TV Globo, sessão da tarde da TV Globo	-
Filha/neta	26	ER, Gilmore Girls”, Friends, Jornal Nacional, Senhora do Destino	Warner Channel, TV Globo	ER, Gilmore Girls”, Friends	SBT	Malhação
Prima	63	Programa médico, Ana Maria Braga, Claudete, Tenda do Senhor, novela	Futura, Globo, Record, Canção Nova	Jornal Nacional	(Hora da Verdade) Márcia Goldsmith, Faustão	Faustão, Gugu
Filha/mãe	48	Jornal Nacional, Senhora do Destino,	TV Globo,	Documentário, jornal, A	Programas de entrevistas que	Raul Gil, Faustão

		Jô Soares, documentários, canal 46, canal 50, canal 56, Bom Dia Brasil		Grande Família, Programa do Jô, Canal 46, Canal 50, Canal 56	envolvem problemas familiares no SBT, Record, Programa de auditório	
--	--	------------------------------------------------------------------------	--	--------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------	--

L. Atalaia	Idade	Programa visto	Emissora	Programa preferido	Não gosta	Não gosta, mas vê
Mãe	55	Programa do Jô, Ana Maria (Mais Você)	TV Globo	Jornal	Ratinho, filme de ficção (científica)	Domingo Legal (Gugu)
Filho	23	Jornal Nacional, Globo Esporte, Cabocla, Senhora do Destino	TV Globo	Programas de esporte	Programas de auditório que conta casos de família	

Quadro 14 – Programação Vista e Preferida pela Família Lima.

Apesar da grande maioria possuir sistema de tv por assinatura (apenas um núcleo familiar não possui), todos os entrevistados citaram programas da TV Globo/TV Cabugi, principalmente a programação noturna e matutina, embora tenha sido freqüente também a referência a programas transmitidos por canais pagos. Outro dado apresentado pela pesquisa é que, mesmo tendo acesso à internet, os entrevistados preferem os telejornais, como acesso às informações. A internet é utilizada principalmente para bate-papo e coleta de informações técnicas.

Das doze mulheres entrevistadas, quatro não citaram novelas como programação vista, enquanto cinco dos nove homens afirmaram ver uma ou mais novelas. Os programas de auditório foram bastante citados como sendo vistos e também como exemplos de programas ruins. A maior rejeição detectada é aos programas que exploram conflitos familiares, “tipo o Programa do Ratinho”. Ainda em relação aos programas de auditório, foi observado que vários entrevistados não gostam desse tipo de programa, mas

vêm, principalmente, “Domingão do Faustão” e “Domingo Legal”, exibidos aos domingos à tarde, pela Rede Globo e SBT, respectivamente.

Em três núcleos familiares, os entrevistados vêem TV, predominantemente ou exclusivamente, a sós; nos outros quatro, estes assistem a TV acompanhados de um ou mais membros da família. A maioria dos entrevistados afirmou ver a programação por escolha própria, entretanto quase todos afirmaram assistir a determinados programas dos quais não gostam, inclusive os que afirmaram vê-los sozinhos. O confronto das respostas revela duas situações possíveis: ou a escolha da programação vista não necessariamente é do próprio sujeito, sendo necessário fazer negociações e conciliações; ou assistem e gostam dos programas que afirmam não gostar, mesmo reconhecendo que são de baixa qualidade. Ronsini (2001a, p.13) aponta o mesmo comportamento detectado por Ang em pesquisa realizada na Europa sobre o seriado “Dallas”. A autora da pesquisa conclui que o receptor transforma a mensagem original do programa, por exemplo, o trágico em cômico, e faz uma leitura diferenciada daquela proposta pela televisão. Acreditamos que podemos aplicar a mesma conclusão ao nosso grupo de pesquisa, a partir da constatação de que os receptores transformam as situações verdadeiras (propostas pela TV), nos programas de auditório, por exemplo, em falsas e dessa forma justificam a audiência.

O grupo de entrevistados dividiu-se equitativamente em três opiniões sobre a qualidade da programação da TV: para uma parte, a programação melhorou quanto aos recursos técnicos, à oferta de canais e à qualidade; para outros a programação piorou, com o aumento das cenas de violência e de sexo; e o terceiro grupo não percebe mudanças, definindo a programação como estável.

Quando solicitados a informar sobre o que reputam como verdadeiro na televisão, grande parte dos entrevistados afirmou que nos telejornais se “pode ter credibilidade, que ali a informação é fiel.”. Alguns afirmaram acreditar nos telejornais, mas têm consciência de que a divulgação das informações é direcionada para determinados fins.

Eu acho que seria o telejornal o que se aproximaria mais, porque também (em) algumas coisas há uma certa tendência, há os telejornais que têm uma tendência pra um lado, pra outro, às vezes a verdade que eles colocam não é a verdade real. Dados do governo, dados da economia a gente sabe muito bem que é uma coisa às vezes mascarada... (Pai – Núcleo Lima Almeida)

Algumas situações vivenciadas nas novelas foram apontadas por alguns entrevistados como verossímeis.

Informação e lazer são as funções primordiais da televisão para os membros da Família Lima. Apenas dois relataram que *ela* também lhes serve de companhia.

6.4 CONCLUSÕES PRELIMINARES

Diferentemente de alguns relatos na Família Silva, indicando a percepção de que a família não é uma instituição “natural”, mas produto da ação humana, na Família Lima foi detectada algumas vezes a comparação entre humanos e outras espécies, como reforço à idéia de que a família é uma necessidade natural do ser humano. Um dos entrevistados chegou a utilizar a “força do sangue”, como elemento agregador e estabilizador dessa instituição. Enquanto a Família Silva entende a família como ação do

sujeito, que intervém na manutenção ou dissolução da instituição familiar, para a Família Lima, a instituição, ao contrário, é o determinante da ação, e os sujeitos, meros executantes de ações já dadas.

As instituições, também, pelo simples fato de existirem, controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, que a canalizam em uma direção por oposição às muitas outras direções que serão teoricamente possíveis. (BERGER ; LUCKMAN, 1999, p.80)

Os dados coletados apresentam diferenças significativas na percepção das Famílias Silva e Lima sobre a influência da TV sobre a família, permitindo afirmar que a formação desta no que se refere aos valores e necessidades é um dos fatores determinantes na compreensão que a família tem do que pode ou não interferir nas suas práticas. A influência da TV sobre a família, portanto, é condicionada pelas práticas sociais, valores e visão de mundo desta.

6.4.1 Família Silva

A partir das entrevistas, é possível perceber algumas diferenças bastante expressivas na opinião sobre a televisão. Nos núcleos familiares onde a faixa etária dos filhos é pequena (menos de dez anos), a percepção das mães é de que a televisão agrega a família porque elas ficam junto com os filhos para ver TV. Quando os filhos são adultos ou adolescentes, a percepção das mães/pais é que a TV desagrega a família. Esse quadro permite a inferência de que quando os filhos são pequenos, talvez seja somente em frente à tv o único momento em que os pais conseguem mantê-los quietos. Quando os filhos já têm uma intensa atividade fora de casa, nos momentos em que os membros da família se

encontram, os pais gostariam de saber dos filhos sobre a sua vida lá fora, mas a televisão impede a conversa. Outro aspecto que chama a atenção é que os filhos adolescentes ou adultos (que moram com os pais) também acham que a TV agrega porque a família se junta para ver TV. Essa diferença de opinião pode demonstrar que a necessidade e a percepção de união da família são diferentes entre pais e filhos adolescentes/adultos.

A palavra “família” ativa um sentimento de proteção e identidade. Todos os entrevistados da Família Silva destacam apenas os aspectos positivos da família, e não reconhecem nas famílias apresentadas pela televisão a família que têm ou que gostariam de ter. Enquanto os pais destacam os aspectos apresentados pela televisão que na sua opinião desagregam as famílias, como conflitos nas novelas ou cenas de violência nos telejornais, os filhos apontam a autonomia e independência apresentada na família televisiva e que na sua opinião não acontece na família real.

A maioria dos entrevistados afirma que vê pouca TV, embora isso não seja o que aparece nas demais respostas, pois comentam os programas, os personagens, localizando horários etc. Todos têm dificuldade de mensurar o tempo de audiência à televisão, embora assumam que esta faz parte da sua rotina diária e o seu desconforto nos momentos de falta como quando o aparelho apresenta defeito. Talvez pelo fato de pertencerem à classe média, com escolarização variando predominantemente do nível médio a superior e por isso terem acesso a outras fontes de informação como jornal impresso, revistas, a educação formal, o discurso anti-televisão foi muito absorvido pelos entrevistados, ainda que esse discurso esteja frontalmente em contradição com a prática cotidiana.

Encontra-se com maior frequência na Família Silva o pensamento iluminista da razão como chave para a resolução dos problemas em confronto com a televisão, que “impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e decidir conscientemente” (ADORNO, 1987, p. 294).

Indagados sobre o que procuram quando vêem televisão, a maioria dos sujeitos da nossa pesquisa respondeu “informação e companhia”, com maior predominância de “companhia” e “informação” para as mulheres e apenas “informação”, para os homens. Esse dado reafirma a compreensão de autores como Nestor Canclini (2001a, p. 263) e Thompson (2004, p. 38) de que a televisão cria um tipo de socialização diferente das relações interpessoais, assumindo o papel de janela aberta para o mundo. O depoimento de uma entrevistada aponta nesse mesmo sentido:

Eu não sei viver sem uma televisão, é impressionante, toda vida foi. [...] eu ficava tão só durante a noite [...] a minha companhia era a televisão, eu deixava as meninas na casa de mamãe para não ter que levar no outro dia de manhã, não tinha com quem conversar e ligava a televisão. É uma companhia. Vamos dizer, eu tô aqui sozinha nessa casa, quando eu estou só, eu ligo a televisão. Eu desço ali pra cozinha, eu ligo ela, eu sinto como que tem alguém comigo. Com a televisão eu não me sinto só. (Mãe – Núcleo Silva Morais)

Os dados da pesquisa não nos autorizam a uma análise mais aprofundada das relações de classe no convívio dessas famílias. O que podemos afirmar é que apenas duas entrevistadas fizeram referência ao ato de ver televisão acompanhada das respectivas empregadas. Ambas estão com mais de 70 anos de idade. A leitura de tais elementos pode apontar em duas direções não excludentes entre si: por terem origem rural humilde, não

desenvolveram com profundidade o sentido da distinção social entre patrão e empregado; e/ou a solidão, como característica da idade mais avançada, as obriga a essa convivência.

6.4.2 Família Lima

Não foram observadas significativas diferenças de percepção entre pais e filhos. Para grande parte desse grupo familiar, a TV pode agregar ou desagregar a família ou ainda não ter qualquer influência sobre esta, dependendo da estrutura familiar, ou seja, a interferência acontece ou não, segundo a formação da família. Em apenas um núcleo familiar, mãe e filho adolescente acreditam que a TV desagrega a família, em contraponto com a opinião do pai, que acredita na família como elemento norteador para a conduta dos indivíduos.

Uma contradição emerge da análise das opiniões do grupo sobre as representações de família na televisão e a família da vida real. Ao mesmo tempo em que reconhece aspectos da vida real na imagem de família apresentada pela TV, essa família sugere que os valores cultivados pela família real diferem daqueles apresentados por esse meio de comunicação.

7.4.3 Observações Gerais

Confirmando-se a hipótese inicial deste trabalho, entende-se que a relação que se estabelece entre o telespectador e a televisão é amorosa para aquele, embora não tenha sido possível comprovar se é comercial para esta. Quando se dispõe a falar do seu

envolvimento cotidiano com esse “eletrodoméstico”, o sujeito deixa transparecer a emoção que a TV lhe suscita, seja de raiva, por se sentir “manipulado”, seja de amor, por se sentir “ligado ao mundo”, através dela. De certo modo, para o sujeito, a televisão é o seu complemento, os olhos com os quais enxerga o outro, o mundo, a realidade que está além da sua humana capacidade e, ao mesmo tempo, por não serem “seus”, são olhos, dos quais desconfia, num processo dialético de interiorização/exteriorização.

As situações de interação e conflito entre a família e a mensagem televisiva, vivenciadas pelos indivíduos, reforçam neles o entendimento de que essa instituição desempenha papel preponderante para a estabilidade emocional do sujeito. Em nenhum momento, essa vivência sugere questionamento quanto ao papel da família como reprodutora das relações de dominação que caracterizam a estrutura social. A partir da leitura desses dados, é possível afirmar que os princípios, valores e crenças construídos e repassados na família funcionam como canais de filtragem e classificação da mensagem televisual.

A comparação entre as respostas de um mesmo núcleo familiar e entre as dos vários núcleos de cada família aponta na direção de que, ainda que não seja possível perceber uma identidade cultural familiar, pode-se afirmar que existe um padrão ou modelo de respostas intra-núcleo. Percebe-se ainda que partes desse padrão aparecem nos núcleos familiares descendentes. Assim, determinados valores e práticas vão sendo reconstituídos nas famílias mais jovens, mesmo que tais valores sejam reformatados a fim de que se adequem às condições externas do presente. Explica-se, assim, como a segregação social,

uma prática histórica da classe média em relação aos mais pobres, vai se renovando através de novas justificativas, como a da violência, por exemplo.

O papel da televisão como agenciadora da pauta de assuntos discutidos na sociedade torna-se perceptível quando quase todos os entrevistados do grupo admitem discutir temas relacionados à TV em outras esferas de suas vidas, como trabalho, escola e até no lazer. As tramas de novelas e os noticiários são os assuntos mais comentados. A transposição das situações propostas/vividas na televisão para a vida real dos indivíduos se justifica para eles pelo papel da TV como grande provedor de informações na contemporaneidade. É esse papel de provedor universal o determinante da importância assumida pela televisão na formação do imaginário social. Em outras palavras, o conteúdo da mensagem televisiva é um dos componentes do corpo de representações que sustentam a organização social.

Foi detectado um predomínio do número de mulheres que preferem os programas ficcionais em relação ao de homens, embora elas também gostem dos programas factuais em número semelhante ao dos homens. Tal observação é explicada por Ronsini quando afirma que

O que parece ser uma escolha tão óbvia, pelos tipos de papéis e identidades sociais que homens e mulheres são educados para cumprir, na verdade, revela-se como preferências por certos tipos de histórias se considerarmos que todos os gêneros televisivos são dramáticos: notícias e esportes são formas narrativas onde há suspense, heróis, emoção e demais ingredientes de um drama (RONSINI, 2001a, p. 16)

O fato da não localização de um aparelho no ambiente onde são recebidas as visitas pode demonstrar que o ato de ver TV tornou-se uma atividade íntima e que só diz respeito à própria família. Por outro lado, pode-se inferir que esta seja uma forma de evitar polêmicas que possam ser suscitadas por temas apresentados pela televisão.

No que se refere à destinação dos espaços domésticos, podemos perceber a aceitação de que cada espaço tem a sua função específica e bem definida: sala de visitas, copa, quarto do casal, quarto dos filhos, quarto das filhas, dependência de empregados, embora a presença da televisão subverta, em parte, essa norma, à medida que as pessoas organizam as suas rotinas domésticas em função do aparelho de TV, podendo fazer as refeições no quarto ou na sala, dependendo da localização desse aparelho.

Mesmo havendo classificações orientadoras para as diversas faixas etárias, aos programas, não se observam grandes diferenças entre pais e filhos, adultos e crianças, no que diz respeito à assistência aos programas. Todos vêm a mesma programação indistintamente. A separação, quando ocorre, se dá muito mais pelo interesse dos espectadores em programas específicos, do que por regra moral.

Confirma-se a teoria de Hall (1973 apud MATTELLART, 2000), que reconhece no receptor tipos diferenciados de decodificação. A decodificação dominante é caracterizada nos discursos que confirmam a veracidade e confiabilidade do jornalismo televisivo. A recepção oposicional acontece, por exemplo, quando o programa ensina aos jovens a importância do sexo seguro e recebe a reprovação dos pais, que entendem ser essa prática a responsável pela supressão dos valores fundamentais da família. A leitura negociada pode ser constatada quando o receptor reconhece elementos da vida real na

novela, mas entende que são super ou subvalorizados para dar legitimidade e continuidade à trama ficcional.

Os padrões de recepção refletem, e também determinam, a organização familiar, sofrendo influência das características individuais de cada membro, como sexo, idade, gênero, personalidade e a posição do membro na família. Em outras palavras, no ato de ver TV há uma apropriação/reprodução/ressignificação do conteúdo midiático diferenciada por homens e mulheres, jovens e velhos, pessoas com maior ou menor nível de escolarização, maior ou menor posição de destaque no círculo social.

[...] há uma tendência a interessar-se mais pelas “conclusões” que pela progressão pela qual se chega a ela. (Bourdieu)

7 ALGUMAS RESPOSTAS E NOVAS PERGUNTAS

O que determina a audiência aos meios de comunicação? Será possível analisar a influência desses meios sem levar em conta a recepção? Haverá, pois, alguma possibilidade do receptor deixar a sua “marca”, sua história, ou será ele apenas receptáculo das mensagens produzidas e difundidas? Seguindo a linha teórica desenvolvida na América Latina, que estuda a recepção, juntamente com os estudos culturais, desenvolvido na Inglaterra, entendemos que não. De acordo com essa base teórica, os meios de comunicação não são apenas espaços de veiculação de mensagens, mas, sobretudo, espaços de construção cultural, através da negociação de sentidos. Aqui, emissor e receptor são elementos imprescindíveis no processo da comunicação, embora cumpram papéis diferentes com “pesos” sociais diferentes. Não são os Meios, mas as pessoas e a sua cotidianidade, o seu estar no mundo o foco central da discussão.

Embora tenham sido estudadas como antagônicas, percebemos que as conclusões dos estudos das teorias funcionalista e frankfurtiana são complementares. Uma e outra vêem apenas o emissor como responsável pelo processo comunicacional, havendo, no máximo, a análise do discurso, mas mesmo assim de uma forma desligada da recepção. Ainda que não participe da produção da mensagem, o receptor lhe dá novas significações num movimento contínuo de audiência-assimilação-ressignificação. Por outro lado, entendendo que os estudos culturais latino-americanos se constroem a partir da crítica – e portanto, do avanço – dos pressupostos da Escola de Frankfurt, não se pode cair no outro

extremo que é o de pensar que reside no receptor todo o poder e que ele dá a significação às mensagens de acordo com sua própria vontade. Há que se conhecer o poder hegemônico dos meios e o seu papel institucional numa sociedade excludente e marcada pelas desigualdades sociais. Longe de ser pacífica e natural, a produção de sentidos se dá no espaço contraditório das relações humanas: luta de classes, dominação/subordinação, preconceitos etc.

Diferentemente da nossa hipótese inicial, vamos compreendendo que a escolha sobre a quais canais ou programas de televisão assistir não é decisão do próprio sujeito-receptor individualmente. Ainda que estejamos vendo um aumento cada vez maior do número de aparelhos nas casas de classe média (ver Nota 1), a ação de ver TV pressupõe negociações e o estabelecimento de regras. Mas, ao contrário do pensamento que transfere para a própria televisão o peso maior sobre o processo comunicacional, a família desempenha papel-chave na assimilação-negociação das mensagens midiáticas e interfere de maneira significativa nessas escolhas. A própria definição do que é um programa bom é fruto da aprendizagem, nos longos períodos de interação entre a família e a televisão. Há semelhanças nas leituras dos vários membros da Família quanto ao papel da televisão na sua vida, quanto ao que os motiva a assistir à programação, e quanto ao como lidam com este veículo.

AUTONOMIA POSSÍVEL

Na relação do sujeito com a televisão, são encontradas todas as contradições que compõem as demais relações sociais. Há dominação e subordinação; conflito e negociação. O indivíduo se ajusta e se rebela, cria novos significados para velhas palavras.

Tece redes, ora com pontos de autonomia, ora com pontos de heteronomia. Constrói a sociedade e a renega, desconhece a sua responsabilidade na reprodução do que o oprime. Aceita o jogo da própria sociedade e lê as mensagens tal qual seus autores a engendraram, mas faz-se também autor escrevendo histórias a partir de sua prática social. Reescreve as histórias, dando-lhes outros finais ou não dando-lhes finais, assumindo a falta de respostas para os enredos produzidos a muitas mãos, por si e pela sociedade.

Apesar de ter suas possibilidades e impossibilidades de ação determinadas, em certo sentido, pela sua posição na estrutura social, o homem não é apenas produto da ideologia. Ele a reproduz, mas também a refuta na área de manobra de que dispõe. A ideologia não é uma rede imaginária que a todos encobre, não está além, mas dentro de cada um, que pode exercitar atos de autonomia, de desnaturalização de situações sociais. A autonomia pressupõe a construção diária desse lugar social que todos os homens e cada homem individualmente ocupa. Fazer, desfazer, refazer as teias sociais.

Voltando à questão primordial deste trabalho, reafirmamos que a ação de ver televisão não é passiva, pois requer a produção de sentidos; não significa necessariamente a subordinação do indivíduo à estrutura que o cerca, através da substituição do real pela sua representação, mas também a possibilidade da crítica, da construção de um novo olhar, que, ao mesmo tempo que seja amplo, veja também os subterrâneos da sociedade e das relações que nela se estabelecem.

REFERÊNCIAS

- ABSORVER. In: FERREIRA, Aurélio B. H. Novo dicionário da Língua Portuguesa. 2. Ed. 40 reimp. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1998. p. 16.
- ADORNO, Theodor W. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel. (Org.). **Comunicação e indústria cultural**. 5.ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987a. p.287-295
- _____. Televisão, consciência e indústria cultural In: COHN, Gabriel. (Org.). **Comunicação e indústria cultural**. 5. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987b. p. 346-354
- ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon (Coord.). **Classes médias e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BELL, Daniel. **O advento da sociedade pós-industrial**. São Paulo: Cultrix, 1973
- BELTRÃO, Luiz; QUIRINO, Newton de Oliveira. **Subsídios para uma teoria da comunicação de massa**. 2.ed. São Paulo: Summus, 1986.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política** (obras escolhidas). 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENTES, Ivana. **Guerrilha de sofá ou a imagem é o novo capital** [S.l : s.e.], [2003?]. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: 30 mar.2003.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**: seguido de a influência no jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____. **O poder simbólico**. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p.7-162
- BORELLI, Sílvia H. S. Gêneros ficcionais: materialidade, cotidiano, imaginário. In: SOUZA, Mauro W. (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: ECA:Brasiliense, 1995.
- DEL PRIORI, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e salir de la modernidad. Buenos Aires: Paidós, 2001a.
- _____. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 4.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001b.
- CANEVACCI, Massimo (Org.). **Dialética da família**: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. São Paulo: Cortez, 1993.
- COSTA, Bolivar. **O drama da classe média**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- ENGELS, F. A família monogâmica. In: CANEVACCI, Massimo (Org.). **Dialética da família**: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 71-87.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

- FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade.** São Paulo: Stúdio Nobel: SESC, 1997.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes.** 3.ed. São Paulo: Ática, 1978.
- FLAVEL, J.H. **A psicologia do desenvolvimento social.** São Paulo: Coleção Pioneira, 1965.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, © 1989
- _____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa.** 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. A classe média. In: IANNI, Otávio. **Teorias de estratificação social: leituras de sociologia.** 3.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 4.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- IANNI, Otávio. **Teorias da globalização.** 8.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- JACKS, Nilda. Pesquisa de recepção e cultura regional. In: SOUZA, Mauro W. (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor.** São Paulo: ECA : Brasiliense, 1995.
- _____. **Querência: cultura regional como mediação simbólica.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.
- KLAGSBRUNN, Marta Maria. A telenovela ao vivo. In: SOUZA, Mauro W. (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor.** São Paulo: ECA : Brasiliense, 1995.
- LEAL, Ondina F. Etnografia de audiência: uma questão metodológica. In: SOUZA, Mauro W. (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor.** São Paulo: ECA : Brasiliense, 1995.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. O problema do incesto. In: CANEVACCI, Massimo (Org.). **Dialética da família: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva.** 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 176-195
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo. Uma metodologia para a pesquisa de mediações. In: _____. **Coletânea Mídias e Recepção.** São Paulo: Unisinos: Compós, 2000.
- MALIWOSKI, B. Família no direito paterno e no direito materno. In: CANEVACCI, Massimo (Org.). **Dialética da família: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva.** 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 130-139.
- MARTHE, Marcelo. A tirania adolescente. **VEJA**, São Paulo: Ed. Abril, ano 37, n. 7, p. 71-77, 18 fev.2004.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUZA, Mauro W. (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor.** São Paulo: ECA : Brasiliense, 1995.
- _____. Lo que la investigación latinoamericana de comunicación debe ao Brasil. In: LOPES, Maria I. V. **Vinte anos de ciências de comunicação no Brasil.** São Paulo : Intercom, 1999.
- _____. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- _____. **De la ciudad mediada a la ciudad virtual.** [S. l. : s. e.], [2002?]. Disponível em <www.innovarium.com>. Acesso em: 08 out. 2002.

- MATTELART, Armand. **A globalização da comunicação**. Bauru: Edusc, 2000.
- MATTELART, Armand ; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- MATTOS, Sérgio A. S. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MILLS, C. Wright. **A nova classe média**. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- MORGAN, L. H. A família antiga. In: CANEVACCI, Massimo (Org.). **Dialética da família: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 54-70.
- ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- _____. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- _____. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5.ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2001.
- RONSONI, Veneza. **Entre a Capela e a Caixa de Abelhas**. 2001. 95f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001a.
- _____. Cartografia crítica da recepção: teorias e métodos. In: SILVEIRA, Ada C.M... [et al.] **Comunicação & sociabilidades**. Santa Maria: FACOS : UFSM, 2001b.
- SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. 2. ed. São Paulo: Experimento, 2000.
- SCOCUGLIA, Jovanka B. C. **Cidade, habitus e cotidiano familiar**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000.
- SILVA, Tomaz T. (Org.). **O que é afinal, estudos culturais?** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SOUZA, Mauro W. (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: ECA : Brasiliense, 1995.
- SOUZA FILHO, Alípio de. **Medos, mitos e castigos: notas sobre a pena de morte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- TÖNNIES, F. Teoria da comunidade e família. In: CANEVACCI, Massimo (Org.). **Dialética da família: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 88-101.
- WEBER, Max – **Economia e sociedade**. 4. ed. Brasília : Editora da UNB, 1998. V. 1. p. 3 – 035, p.187 – 198, p. 323 – 408, p.419 – 422.
- _____. A objetividade do conhecimento na ciência social e na ciência política. In: **Metodologia das Ciências Sociais** (parte 1). Campinas: Editora da Unicamp, 1992
- _____. **A ciência como vocação** In: **Ensaio de Sociologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971
- _____. Dominação tradicional. In: SOUZA, A (Org.). **Sociologia Política**. Rio de Janeiro: Zahar, 1966
- WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. 5.ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999 .

Periódicos

- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 1, 8 jan.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 2, 15 jan.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 3, 22 jan.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 4, 29 jan.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 5, 5 fev.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 6, 12 fev.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 7, 19 fev.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 8, 26 fev.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 9, 5 mar.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 10, 12 mar.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 11, 19 mar.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 12, 26 mar.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 13, 2 abr.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 14, 9 abr.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n.15, 16 abr.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 16, 23 abr.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n.17, 30 abr.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n.18, 7 mai.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 19, 14 mai.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 20, 21 mai.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 21, 28 mai.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 22, 4 jun.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n.23, 11 jun.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 24, 18 jun.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n.25, 25 jun.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 26, 2 jul.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 27, 9 jul.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n.28, 16 jul.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 29, 23 jul.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 30, 30 jul.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 31, 6 ago.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 32, 13 ago.2003.
- VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n.33, 20 ago.2003.

VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n.34, 27 ago.2003.
VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 35, 3 set.2003.
VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 36, 10 set.2003.
VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 37, 17 set.2003.
VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 38, 24 set.2003.
VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 39, 1 out.2003.
VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 40, 8 out.2003.
VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 41, 15 out.2003.
VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 42, 22 out.2003.
VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 43, 29 out.2003.
VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 44, 5 nov.2003.
VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 45, 12 nov.2003.
VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 46, 19 nov.2003.
VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 47, 26 nov.2003.
VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 48, 3 dez.2003.
VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 49, 10 dez.2003.
VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 50, 17 dez.2003.
VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 36, n. 51, 24 dez.2003.
VEJA: revista semanal. São Paulo: Ed. Abril, ano 37, n. 7, 18 abr.2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista aplicado à Família Silva

1. Discute as mensagens da TV?
2. Quanto tempo vê TV por dia ?
3. O que você vê e o que gosta de ver?
4. Como vê (só ou em companhia de alguém, quem/ em qual espaço da casa/ em que posição – deitado, sentado)?
5. Qual a sua rotina em função da TV?
6. A TV tem assistência exclusiva (faz outras atividades, quais?)?
7. Qual é o papel da TV em sua vida (companhia, lazer, informação...)?
8. A programação tem melhorado, piorado ou se mantém estável? Há quanto tempo? Quais são as mudanças ocorridas?
9. História de vida relacionada à TV?
10. Tem memória anterior à TV? Se sim, como se informava? O que a TV acrescentou à vida das pessoas? O que destruiu?
11. Por que assiste a determinada programação (escolha pessoal – o que lhe interessa nessa programação, escolha de outros – quem)?
12. Da programação assistida, o que reconhece como verdadeiro?
13. A TV agrega, desagrega ou não tem influência sobre a família ?
14. Qual a sua percepção sobre o que é a família? sentimento e constituição Acha que essa opinião é reforçada ou rechaçada pela TV?
15. O que é a Família, segundo a mensagem televisiva?
16. Há contradição entre o que a TV e a família ensinam? Há semelhanças ? (quais, nos dois casos)
17. Qual o grande personagem de Televisão?
18. Qual o seu lazer e com frequência o faz?
19. Usa internet? Com frequência? Para quê?
20. Tem TV a cabo? Por assinatura? Parabólica?
21. Tem videocassete? Como o utiliza? Grava programas de TV?
22. Número de aparelhos de tv na casa e sua localização?

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista aplicado à Família Lima

Primeira entrevista

Realizada no dia Local horário

Caracterização individual

1. Nome:
2. Idade:
3. Onde nasceu?
4. Profissão:
5. Grau de escolaridade:
6. Local de trabalho e/ou de estudo
7. Quantas horas de trabalho e/ou de estudo:
8. Quantas horas em casa
9. Quando está em casa com o que se ocupa
10. Quantas pessoas compõem a sua família que moram com você
11. Quais são as atividades das crianças menores de 10 anos (lazer, escola, religião)?
12. Usa internet? Para quê?

Televisão

13. Gosta de televisão?
14. De que programas mais gosta?
15. Quanto tempo vê televisão por dia? Tente relatar sua rotina em relação à televisão.
16. Como vê?
17. Vê só ou acompanhado(a)?
18. A que mais assiste?
19. Escolha própria ou de outros?
20. Quem e em qual situação?
21. O programa a que menos gosta de assistir?
22. O programa a que menos gosta de assistir e assiste? Por que assiste?
23. Conversa sobre programas ou mensagens da televisão?
24. Onde? Que assuntos? Comente um assunto recente.
25. A programação está melhor, pior ou se mantém? Dê exemplos de cada caso.
26. O que é verdade na televisão?
27. Você tem memória anterior à televisão?
28. Como se informava antes?
29. Qual o papel da televisão na sua vida? (companhia, lazer, informação, outros)
30. História de vida em relação à televisão

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista aplicado à Família Lima

Segunda entrevista

Realizada no dia Local horário

Família

31. Para você o que é família?
32. Dê exemplos de famílias que você conhece evidenciando os pontos positivos e negativos dela
33. Quais são os membros que compõem a família (parentes)?
34. Quais as funções que cada membro que compõe uma família deve assumir ?
35. Do que você aprendeu com seus pais, você reproduz com seus filhos?
36. O que não reproduz?
37. Das pessoas de sua família com quem você mais conversa?
38. Você percebe diferenças nas relações familiares de quando você era criança e agora?
39. A família nuclear se junta em algum momento? Em que ocasiões?
40. Existe algum tipo de convivência entre a família nuclear e a família de origem ou descendente? Descreva (por telefone, visita)
41. Quando você tem um problema e precisa de ajuda a quem recorre?
42. Você se sente mais à vontade para conversar sobre assuntos íntimos com pessoas da sua família, com algum parente ou com um amigo(a)?
43. Eventualmente você depende de outros membros de sua família (transporte de crianças, financeiro, administração e cuidado da casa, preparação ou transporte de alimentos, trato com empregados)?

Lazer

1. O que mais gosta de fazer
2. Faz com que frequência
3. Faz com a frequência desejada? Se não, por quê?
4. Gosta de ler? Que tipo de literatura?
5. O que leu nos últimos dois meses?
6. Compra livros?
7. Com que frequência?
8. Frequenta biblioteca e/ou livraria?
9. Que tipo de música gosta?
10. Como consome música?
11. Com que frequência?
12. Faz alguma atividade física? O quê? Com que frequência?
13. Teatro? Com que frequência?
14. Cinema? Com que frequência?
15. Revista? Qual? Com que frequência?
16. Jornal? Qual? Com que frequência?

APÊNDICE D – Roteiro de entrevista aplicado à Família Lima

Terceira entrevista

Realizada no dia

Local

horário

Família e Televisão

17. A imagem da família real é igual à imagem da família transmitida pela TV?
18. Para ser verdadeiro, o que deveria passar sobre família na televisão?
19. Qual o programa, cena ou quadro que melhor representa a família na televisão?
20. Qual o programa, cena ou quadro que representa de maneira mais falsa (não verdadeira) a família na televisão?
21. A televisão agrega, desagrega ou não tem influência sobre a família?
22. Há contradição entre a família e a TV?
23. Algum programa de televisão influencia de maneira positiva ou negativa as atitudes das pessoas?
24. Quais são as pessoas mais sujeitas a essa influência?

A última parte da entrevista foi aplicada com apenas um membro de cada família, marido ou a esposa.

Caracterização socioeconômica

25. Renda da família:
26. Casa própria? Financiada? Quitada?
27. Quantos cômodos e quais são
28. Quantos aparelhos de tv e sua localização
29. Qual sistema de televisão utiliza? (aberto, cabo, assinatura, parabólica)
30. Computador
31. Carros
32. Piscina
33. Área de lazer
34. Outros
35. Endereço: (se for apartamento em qual andar)
36. Casa em rua ou condomínio fechado?
37. Apartamento em edifício de quantos andares e quantos apartamentos por andar?
38. Mora há quanto tempo no mesmo endereço?
39. Se tiver tido mudança há pouco tempo, qual foi o motivo?

Após cada entrevista foram feitas e anotadas as seguintes observações: Houve interrupções? Por qual motivo? O entrevistado pareceu à vontade ou estava constrangido? Teve dificuldade para entender as questões? Quais? Tinha mais alguém no mesmo ambiente? Qual a sua relação com o entrevistado? Influenciou o entrevistado? Deu palpites? Em quais assuntos? O ambiente tinha TV? Estava ligada? O que estava passando? O entrevistado estava assistindo? Quando a entrevistadora chegou o que o entrevistado estava fazendo? Por que aconteceu nesse ambiente? Descrever o ambiente. Descrever a rua:

APÊNDICE E – Histórias de Vida relacionadas à TV.

Quando eu conheci a televisão, lá em casa a gente não tinha, porque não tinha condição de comprar uma televisão e só tinha a televisão da minha tia. Era uns por cima dos outros, assistindo nada, porque ninguém via nada. Era gente na sala, no chão, na janela, na porta, na calçada, eu acho que era umas trinta, vinte e tantas pessoas. Nessa época a televisão pegava ruim! Minha tia morava na avenida Doze. Eu casei em 65, eu acho que eu não era casada não. A televisão a gente não via direito, era só aquele chuvisco. Era uma novela com aquele menina, Tarcísio Meira e Glória Menezes, ela era uma cigana, usava uma rosa vermelha, me lembro tanto, quer dizer, dizem que era vermelha, mas era em preto e branco, não sei se era vermelha. (Mãe - Família Silva Moraes)

Eu me lembro de uma situação... Vovô não gostava de televisão colorida, então lá em casa só tinha televisão preto e branco. Eu me lembro quando foi comprada a televisão colorida. Ele assistiu não sei onde e compraram essa televisão para uma Copa, ele queria assistir à Copa do Mundo na televisão colorida porque tinha achado muito boa. (Filha Família Silva Moraes)

Nessa época eu gostava muito de televisão, de novela. Agora, meu marido ficava bem chateado quando eu estava assistindo televisão. Quando foi um dia ele disse assim: eu vou desligar essa televisão. E eu disse, desliga não. Ele disse, desligo. Eu disse olhe, você não desliga porque cada pessoa tem um esporte, cada pessoa gosta de uma coisa, você fica até meia-noite assistindo jogo eu nunca disse nada, eu acho que você tá certo, você gosta, tá na sua casa. Ele ficou com raiva e disse, mas eu vou desligar! E eu: você não desliga, porque se você desligar, eu dano essa televisão no chão e quebro por que quem comprou foi eu, porque do jeito que você tem o direito de assistir os seus jogos, eu tenho o direito de assistir minha novela! (Mãe Família Silva Jardim)

Tinha muita briga, uma vez a gente queimou a tv, porque eu tô botando num canal, a minha irmã mais velha tá botando noutro canal e a gente queimou a tv. Lembro quando mudou a tv, quando era a tv sem controle (remoto) e mudou a tv para controle. Gerou um certo interesse que se você quer assistir, você tem que chegar primeiro e pegar o

controle. Mas isso na hora, hoje não tem mais porque tem mais de uma opção de tv, mas se tivesse só uma, eu acho que continuaria, né? quem chegar primeiro tem o controle. Mas isso em hierarquia de pessoas no mesmo nível, tipo eu e minha irmã mais velha, porque meu pai chegando depois, ele pode chegar depois o quanto for, ele escolhe. (Filha – Família Silva Ferreira)

Tem uma ótima de papai. Ele ouvia o jogo no rádio. E no rádio não é bem movimentado e na televisão não é parado? Ele tinha tanta raiva que só faltava morrer. Sabe o que ele fazia? Baixava o som da televisão e ficava ouvindo (a narração) no rádio. (Mãe - Família Silva Morais)